









34

# CARTAS CHILENAS

(TREZE)

---

## POEMA

ATRIBUIDO A

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

---

bb 34

Ref. 100



# CARTAS CHILENAS

(TREZE)

EM QUE O POETA CRITILLO CONTA A DOROTHÉO  
OS FACTOS DE

**FANFARRAO MINEZIO**

GOVERNADOR DO CHILE

Copiadas de um antigo manuscripto de Francisco Luiz  
Saturnino da Veiga, e dadas á luz

COM UMA INTRODUÇÃO

POR

**LUIZ FRANCISCO DA VEIGA**

Bacharel formado em sciencias juridicas e sociaes pela  
Faculdade do Recife.



RIO DE JANEIRO

PUBLICADAS EM CASA DOS EDITORES

**EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT**

Rua da Quitanda, 77

1863



# CONVEM LER

---

Em uma especie de archivo de minha familia, que tem quasi meio seculo, existião e existem, cobertos de poeira, alguns manuscriptos e impressos de tempos muito remotos de nossa historia politica e de nossa historia litteraria. Esse reservatorio interessante do que produzirão os nossos avós conterraneos e ultramarinos não tem sido, entretanto, inteiramente impenetravel aos que amão sinceramente as cousas patrias, aos que zelão a honra e as glorias da nossa nascente nacionalidade.

Meu venerando e fallecido pai, o Sr. João Pedro da Veiga, reunia a muitas virtudes que o ornavaõ como homem e como cidadão, illimi-

tada liberalidade: assim foi gratuitamente franqueado esse curioso deposito de antiguidades brasileiras a illustres cultores da archeologia. O Sr. Dr. Mello Moraes foi o primeiro explorador nestes ultimos tempos; ignoro porém o que o incansavel litterato retirou de suas pesquisas. Seguiu-se-lhe immediatamente o Sr. Martins que, como procurador da Bibliotheca Fluminense, arrecadou mais de quatrocentos folhetos. O Sr. Varnhagen, em sua ultima estada no Rio de Janeiro, visitou tambem essa sala, e colligio muitos centos de brochuras concernentes á historia e litteratura patria, sendo muitas impressas em diversas provincias do Brasil em época mui afastada de nós; e ultimamente o distincto ex-plenipotenciario da Republica Oriental do Uruguay, o Sr. André Lamas, séga, para a sua naturalmente curiosa Bibliotheca Sul-Americana, a já muito ceifada messe. S. Ex. pouco encontrará. porque, sem duvida, os seus predecessores não se descuidarão, pois, com a autorisação ampla que tiverão, naturalmente colhêrão o melhor, a flôr da sementeira.

Foi em um recanto desse archivo, occulto ás vistas dos visitantes, que encontrei tres cópias do

poema *As Cartas Chilenas*, sendo a mais completa da penna de meu avô, o Sr. Francisco Luiz Saturnino da Veiga; é della que me servi para a presente edição, se é que pôde ter esse nome uma publicação *incompletissima e inçada de erros palmares* feita em 1845 pela redacção da *Minerva Brasiliense*.

Quem é o autor das *Cartas Chilenas*? Eis uma pergunta de maxima importancia, á qual, entretanto, não posso dar resposta tão satisfactoria, como desejára. Alguns litteratos brasileiros (raros), tem-se occupado com este assumpto interessante; e nenhum até hoje, que eu saiba, descobriu a incognita, o verdadeiro autor de tão notavel e eloquente satyra.

O laborioso chronista e distincto litterato o Sr. Varnhagen assim se exprime no seu *Florilegio da Poesia Brasileira*, vol. 1, pag. xli da Introdução:

« O governador Luiz da Cunha de Menezes não soubéra ganhar as sympathias da capitania cujo governo lhe fôra confiado em 1783. O seu genio vaidoso, os seus erros administrativos, e o

prestar-se elle em pequenas cousas ao ridiculo, derão assumpto para a violenta satyra que em *nove* epistolas, intituladas *Cartas Chilenas*, contra elle escreveu um dos poetas de Villa Rica. A facilidade da metrificacão, a naturalidade do estylo, e a propriedade da linguagem farião attribuir esta obra a Claudio, a não desmentirem da sua penna algumas expressões chulas e pouco decorosas. Tão pouco nos atrevemos a attribui-las a Alvarenga Peixoto, de quem nenhuns versos possuímos deste genero: é porém, sem duvida que os taes versos erão de pessoa exercitada em os fazer, e não havia então em Minas poetas neste caso, mais que os dous, e Gonzaga, que fica excluido, por se fallar delle nas mesmas cartas. As epistolas suppoem-se dirigidas por Critillo a um Dorotheo (Theodoro ?) que estava na cõrte. Correm precedidas de uns versos de outro autor que em certo lugar nos previne a favor da nomeada de Critillo, como escriptor conhecido. Não faltão nas cartas verdades que devião de ser duras aos ouvidos não só do governador presente como até de todos os mandões máos que lhe succedessem. A satyra foi escripta provavelmente em 1786, isto é,

depois das festas por occasião dos casamentos dos infantes de Portugal e Hespanhã.

As *Cartas Chilenas*, que melhor podemos chamar *mineiras*, são o corpo de delicto de Cunha de Menezes, cujo desgoverno foi a origem da primeira fermentação em Minas, para a conspiração em que apparecêrão complicados, como chefes e cabeças, os poetas de que ultimamente fizemos menção, Claudio, A. Peixoto e em apparencia Gonzaga. Talvez nenhuma outra historia litteraria offereça a novidade de se vêr assim inseparavel de uma conspiração politica, em que, segundo parece, tiverão os poetas a principal parte. »

O Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva, tão vantajosamente conhecido por seus escriptos litterarios e por seus discursos no parlamento, em sua obra *Plutarco Brasileiro*, vol. 1, pag. 206, Thomaz Antonio Gonzaga, em nota, diz assim : « Ha quem tambem attribua a Thomaz Antonio Gonzaga o poema satyrico das *Cartas Chilenas*, que appareceu pelo seu tempo na capitania de Minas-Geraes e que contém passagens bem escriptas e desenhadas ; nós, porém, combinando-o com as poesias

de Gonzaga, consideramos não ser tal poema composição sua. »

O mesmo Sr. Dr. Pereira da Silva assim se exprime na segunda edição da citada obra, a que deu o titulo *Os Varões Illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, vol. 2, pag. 84. Ignacio José de Alvarenga Peixoto : « Foi em 1786, durante o governo de Luiz da Cunha e Menezes, successor do conde de Cavalleiros (\*) que apparecêrão as *Cartas Chilenas*, critica fina e vehemente, que ainda hoje se ignora de quem seja composição, se de Thomaz Antonio Gonzaga, se de Claudio Manoel da Costa, se de Ignacio José de Alvarenga Peixoto, ou se de todos tres em liga e combinação. »

O distincto litterato o Sr. Santiago Nunes Ribeiro em uma nota que inserio na primeira pagina das *sete* cartas que deu á luz em 1843, e que fazem parte de uma collecção intitulada *Bibliotheca Brasilica*, publicada sob o patrocínio dos redactores da *Minerva Brasiliense*, assim se exprime : « Estas cartas merecem a attenção dos

---

(\*) D. Rodrigo José de Menezes.

poetas e amadores da poesia, não só pelo seu merecimento intrinseco, mas por serem attribuidas ao celebre autor da *Marilia de Dirceu*. Aos criticos pertence examinar-lhes o estylo, a feitura metrica, o balanço e movimento do periodo poetico, e vêr se estas e outras qualidades são analogas ás de igual genero, peculiares ao poeta, nas suas obras genuinas e authenticadas por todas as provas exigiveis. Cotejar pois estas cartas no phraseado, maneira e textura rhythmica, com as lyras, seria um trabalho curioso, e mostraria em quem o fizesse cabalmente, um grande conhecimento da lingua, dos estylos e locução harmonica da poesia. Inclinando-nos a crer que effectivamente estas cartas são do infeliz Gonzaga, não ousamos fundar-nos em provas tiradas desse exame litterário, porque temos um testemunho, que se não é irrecusavel, pelo menos é muito poderoso e digno de respeito. Um ancião entusiasta da litteratura brasileira, depositario de muitos de seus thesouros, e o que é mais, depositario que não os tem accumulados em seu proveito, e sim para os ir dando ao publico, um ancião, por estes e outros titulos, benemerito das

letras brasileiras, a quem a *Minerva* deve esta obra (que em attenção ao Sr. Dr. Maia foi-nos permittido imprimir) declara o seguinte ácerca d'ella :

« Tenho motivos para certificar que o Dr. Thomaz Antonio Gonzaga é o autor das *Cartas Chilenas*. — *Francisco das Chagas Ribeiro*. »  
« Tanto basta em nosso sentir, para que razoavelmente não se possa dizer, sem outras provas, que esta obra é apocrypha. »

Na cópia que possuo do Sr. Francisco Luiz Saturnino da Veiga, e que serve de base á presente edição, encontra-se no fim da dedicatória (em prosa) o seguinte : « Villa Rica, 9 de Fevereiro de 1789. Thomaz Antonio Gonzaga. » A letra é differente, assim como singular o character dos algarismos ; parece que o copista conhecendo a letra do poeta, tratou de imita-la. Thomaz está escripto, como se vê, sem *h* e Antonio tem dous *tt*. Na setima carta existe tambem a seguinte nota do mesmo senhor : « Dizem que continha esta carta 299 versos até ao que diz :

« Que não busques cobri-los »

« como adiante se mostra copiado no resto da

« mesma carta ; e que ao copiar do original esta  
« carta, o autor (Thomaz Antonio Gonzaga) dis-  
« séra que já estava reformado o que nella falta,  
« mas não em estado de se poder copiar. O mesmo  
« succedeu com o fim da 13ª, *que é a ultima* ; e  
« que poucos dias depois fôra preso, sem que haja  
« quem dê noticia de tal manuscripto. » Esta  
nota foi reproduzida tal qual, sem alteração de  
uma virgula, inclusive o nome de Thomaz Antonio  
Gonzaga , entre parenthesis , como existe na  
mesma nota.

Do que fica dito, conclue-se que os litteratos  
e amadores da litteratura brasileira não estão  
accordes sobre a paternidade das presentes car-  
tas. O Sr. Varnhagen as attribue a Claudio ou  
a Alvarenga Peixoto, e põe fôra do litigio o nome  
de Gonzaga, *por se fallar nelle nas mesmas cartas*.  
O Sr. Pereira da Silva, na primeira edição do seu  
*Plutarco Brasileiro*, depois de combinações e  
comparações, *considera não ser tal poema com-  
posição do Gonzaga*, mas não o attribue a poeta  
algun. Na segunda edição da citada obra, o mes-  
mo escriptor já não afiança não serem as cartas  
da penna de Gonzaga ; mas, pelo contrario, diz

que não se sabe a qual dos tres poetas pertencem (Gonzaga, Claudio e Alvarenga Peixoto), podendo ser de todos tres em liga e combinação. O Sr. Santiago inclina-se a crer serem ellas de Gonzaga, fundado na opinião do Sr. Francisco das Chagas Ribeiro. O Sr. Chagas Ribeiro certifica muito positivamente que taes cartas são do autor da *Marilia de Dirceão*; e o Sr. Francisco L. S. da Veiga faz implicitamente a mesma asseveração.

A asseveração do Sr. Francisco L. S. da Veiga tem, para o caso, maximo valor, é da maior importancia.

Em primeiro lugar, a cópia do Sr. Saturnino da Veiga (como era geralmente conhecido) é a mais completa e a mais exacta (\*) ; o que prova que elle obteve informações de fonte mais pura, de pessoa ou pessoas conhecedoras da historia desta producção litteraria ; e quem conheceu o Sr. Saturnino da Veiga, sabe que elle não era nenhum nescio, nenhum estulto, sendo, pelo contrario, homem de muito espirito, muito labo-

---

(\*) Disso me occuparei mais adiante.

rioso (como provão muitos volumes manuscritos de sua lavra), e homem notavelmente incredulo nas cousas deste mundo (menos em religião e cousas da Igreja, em que era jubilado). para ser facilmente illudido. Em segundo lugar, o Sr. Saturnino da Veiga, residindo em Villa-Rica (Ouro-Preto) desde Setembro de 1788 até fins de 1789, foi testemunha presencial de todo o facto da frustrada conspiração *Tira-Dentes*; conheceu naturalmente nessa villa os tres mencionados poetas, heróes daquela infeliz insurreição, inclusive Gonzaga, ouvidor, residente naquelle lugar; naturalmente tambem ahi soube da existencia e da paternidade do poema; e assim, tem a sua asseveração todos os requisitos para ser reputada a verdade nesta controversia (\*)

---

(\*) O Sr. Francisco Luiz Saturnino da Veiga, nascido em Lisboa a 30 de Novembro de 1771, chegou ao Rio de Janeiro em 1783, onde se conservou até 1788, em que partio para Villa-Rica, onde residio até fins de 1789; tendo, por consequencia, nestas ultimas datas de 17 a 18 annos. Vivía já de seu trabalho, ensinando o latim, a grammatica e a arithmetica, materias estas em que se tornou peritissimo. De tudo isto tenho documentos comprobatorios.

Em conclusão, parece que sobráo-me razões muito poderosas para acreditar, se não para certificar, que as *Cartas Chilenas* forão escriptas por Thomaz Antonio Gonzaga, o autor da *Marilia de Dirceô*. E nem destróe esta minha crença o facto, apontado pelo Sr. Varnhagen como decisivo, de se fallar em Dirceô (Gonzaga) nas mesmas *Cartas*; naquelles bellos tempos em que o governo era o arbitrio, e a liberdade uma mentira, era (e não deixa hoje de o ser) um meio muito habil para arredar de si toda a suspeita e responsabilidade, o tratar-se da propria pessoa como se de outrem, em uma satyra vehemente dirigida contra o fanfarrão e omnipotente governador, que mesmo nesta dourada éra da Constituição tem tido incriveis e gloriosos imitadores. E tanto assim é, que o autor deu ás presentes *Cartas* o titulo de *Chilenas*; apresenta-as como traducção, e como sendo dirigidas a um governador do Chile, de nome Minezio, que é claramente uma contrafeição de Menezes, nome do governador da capitania de Minas Geraes. Portanto, o fallarem as *Cartas* em Dirceô, não prova não serem ellas de sua lavra, sendo isso, pelo contrario, um disfarce muito natural,

em plena harmonia com outros de que lançou mão o poeta para occultar-se.

Agóra, duas palavras sobre a presente edição.

As *Cartas* publicadas pela *Minerva Brasiliense*, na collecção intitulada *Bibliotheca Brasilica*, são em numero de *sete*; no final da setima vem declarado — Fim —; o que prova que o Sr. Chagas Ribeiro, tão conhecedor das cousas patrias, como assegura o Sr. Santiago (e eu o acredito), ignorava a existencia das outras *Cartas* que hoje dou á luz; e isso não admira, quando o Sr. Varnhagen, o nosso mais profundo chronista, diz serem *nove* as mencionadas *Cartas*. E não ha só isso; na sexta carta, impressa em 1845, entre o verso que diz:

« Da luzente armadura longos annos »

e o seguinte, houve uma omissão de vinte e oito versos, o que pôde vêr quem quizer confrontar os dous impressos; a setima carta não foi publicada, mas, em lugar della, publicárão a oitava com aquelle titulo; a setima encontrará o leitor na presenté edição. Na oitava, publicada em 1845 como setima, entre o verso que diz:

« Esta santa verdade com exemplo »

C. C.

2

e o seguinte, houve uma omissão de trinta e quatro versos, o que também se pôde verificar ; emfim, existe na publicação das *sete cartas* feita em 1845, um grande numero de erros, muitos dos quaes devem ser attribuidos á typographia que as imprimio. Entretanto, convem dizê-lo, o meu manuscripto é ainda incompleto como, em nota, o afiança o Sr. Saturnino da Veiga, o qual, até no caderno em que copiou o poema, deixou, nos lugares competentes, espaços em branco, que infelizmente nunca pôde preencher. Nesta edição não faço senão daguerreotypar, se assim me posso exprimir, o manuscripto que encontrei, não me julgando autorisado a fazer a menor alteração ou correcção em um escripto do qual não sou autor, e que devia respeitar, tornando-o publico em toda a sua integridade e com perfeita fidelidade.

No trabalho da revisão e confrontação dos tres manuscriptos que possuo, para o fim de conhecer qual delles era o mais completo e o mais perfeito, valeu-me muito a intelligente coadjuvação do Sr. Dr. José Joaquim do Carmo.

Eis o que tenho a dizer sobre a presente edição das *Cartas Chilenas*.

Quanto ao merecimento intrinseco da obra, valor artistico dos versos, propriedade e pureza da linguagem, belleza dos desenhos, elevação das idéas, espirito das facecias e dos epigrammas, elegancia e naturalidade da locução, e acerto dos *similes*, nada posso accrescentar ao que, a respeito, disserão os Srs. Varnhagen, Pereira da Silva e Santiago Nunes Ribeiro, autoridades competentes nesta materia, os quaes (como de outro livro e de A. Herculano disse um escriptor contemporaneo \*) « salvárão as *Cartas Chilenas* do prurido de mesquinhas invejas com que a mediocridade pretende abafar sempre as explosões intellectuaes que a deslumbrão. »

Rio, 29 de Setembro de 1862.

LUIZ FRANCISCO DA VEIGA.



\* Lopes de Mendonça, *Memorias de Litteratura Contemporanea*. G. Dias.



## EPISTOLA A CRITILLO

---

Vejo, ó Critillo, do Chileno Chefe  
Tão bem pintada a historia nos teus versos,  
Que não sei decidir, qual seja a cópia,  
Qual seja o original. Dentro em minha alma  
| Que diversas paixões, que affectos vários  
A um tempo se suscitão ! Gélo, e tremo,  
Umas vezes de horror, de mágoa, e susto,  
Outras vezes do riso apenas posso  
Resistir aos impulsos : igualmente  
Me sinto vacillar entre os combates  
Da raiva, e do prazer. | Mas ah ! | que disse !  
Eu retracto a expressão, nem me subscrevo  
Ao suffragio daquelle, que assim pensa  
Alheio da razão, que me surprende.  
Tracta-se aqui da humanidade afflicta :  
Exige a natureza os seus deveres :

Nem da mófa ou do riso pôde a idéa  
Jámais nutrir-se, enquanto aos olhos nossos  
Se propõe do teu Chefe a infame historia.  
¿ Quem me dirá, que da estultice as obras  
Infestas á virtude, e dirigidas  
A despertar o escandalo, conseguem  
No prudente varão mover o riso ?  
Eu vejo, que um Caligula se empenha,  
Em fazer, que de Roma ao Consulado  
Se jure o seu cavallo por collega :  
Vejo, que os cidadãos, e as tropas arma  
O filho de Agrippina, que os transporta  
Em grossos vasos sobre o Tibre ; e lógico,  
Por inimigos lhes assigna os matos,  
Que atacár manda com guerreiro estrondo :  
¿ Direi, que me recrea esta loucura ?  
¿ Que devo rir-me, e suffocar o pranto,  
Que pula nos meus olhos ? Não, Critillo,  
Não é ésta a moção, que n'alma próvo,  
Por entre estes delirios insensivel  
Me conduz a razão brilhante, e sábia,  
A gemer igualmente na desgraça  
Dos miseros vassallos, que honrar devem  
De um Tyranno o poder, o throno, o sceptro.

Se Thalia, e Melpómene nos pintão  
Nos seus theatros as paixões humanas  
Ao ridiculo gésto, ou ao semblante  
Da Scena, que o Cothurno me apresenta,  
Eu me conformo ao interesse, quando  
Aborreço a maldade, e quando rendo  
Á Formosa virtude os dignos votos.  
Despedáce Medéa os charos filhos ;  
Guise Atreo de seus netos as entranhas ;  
Eu terei sempre horror ás impiedades.  
Jámais da irreligião, da fé mentida  
Me hão de enganar os pérfidos rebuços,  
Ou da fingida scena os vãos adornos.  
Devo pois confessar, Critillo amado,  
Que teus escriptos de uma idade a outra  
Passaráõ sempre de esplendor cingidos :  
Que a humanidáde emfim desaggravada  
Das injúrias, que soffre, por teu braço  
Os ferros soltará, que desaffrouxa,  
Tintos do fresco, gotejado sangue.

Subditos infelices, que provastes  
Os estragos da barbara desordem,  
Respirai, respirai : ao beneficio

Deveis do bom Critillo a paz suave,  
Que a vossa liberdade alegre goza.

Sim, Critillo, são estes os agouros,  
Que lendo a tua historia, ao mundo faço.  
De pêjo, e de vergonha os bons Monarchas,  
Que pias intenções sempre alimentão,  
De reger como filhos os seus povos,  
Tocados se verão. Prudentes, sabios,  
Consultarão primeiro sobre a escolha  
Daquelles Chefes, que a remotos climas  
Determinão mandar, delles fiando  
A importante porção do seu governo:  
Prevenidos, que a vãa brutal soberba  
Só nas obras influe destes monstros,  
Pelo escrutinio da Virtude espero,  
Que regulados os seus votos sejam.

De uma esteril mortal genealogia,  
Que o merito produz de seus maiores,  
Elles, Amigo, argumentar não devem  
Propagados talentos. A virtude  
Nem sempre aos netos por herança desce.  
Póde o pae ser piedoso, sabio, e justo,

Manso, affável, pacifico, e prudente :  
Não se segue daqui, que um impio filho,  
Perverso, infame, discolo, e malvado,  
Não desordene de seus páes a gloria.  
Nem sempre as aguias de outras aguias nascem ,  
Nem sempre de leões leões se gérão :  
! Quantas vezes as pombas, e os cordeiros  
São partos dos leões, das aguias partos !

Para reger, ó Reis, os vossos povos,  
Debalde ides buscar brazões, e escudos  
Entre os vossos Dynastas. Roma, Roma  
As fasces, as secures, mais as outras  
Imperiaes insignias só tirava  
Da provada virtude. Se das Togas  
Distinguia uma, e outra especie, Athenas  
É quem a todas o character dava :  
Igualmente Civil Juris-consulto,  
Que instruido guerreiro, era mandado  
Um cidadão, que da provincia as rédeas  
Manejasse fiel. Daqui os Fabios,  
Daqui os Scipiões, e os bons Emilios,  
Os Cesares daqui, que os fastos ornão.  
! Quão differentes hoje os nossos Grandes !

\*

É filho do Marquez, do Conde é filho ;  
Vá das Indias reger o vasto Imperio.  
| O' Deus ! | e que infelices os vassallos  
Que tão longe do Throno prostitúe  
O vosso Imperio aos abortivos Chefes !  
Lá vai aquelle, que de avara sêde  
É por genio arrastado : | que thesouros  
Não espera ajuntar ! Do alheio cofre  
Se ha de esgotar a aferrolhada somma :  
| Desgraçada Justiça ! Da igualdade  
Tu não sabes o ponto : é a balança  
Do interesse, que só por ti decide.  
| Que despachos injustos, que dispensas,  
Que mercês, e que postos não se comprão  
Ao grave peso de sellada firma ?

Outro vai, que lascivo, e desenvolto  
Só de carne as paixões adora, e segue :  
Honras, decoros, vós sereis despojos  
Do seu bruto appetite. Em vão cançados,  
Pães de familias, zelareis vós outros  
Da vossa casa o pundonor herdado :  
Aos vis ataques do atrevido orgulho  
Hão de ceder as prevenções mais fortes :

Victimas da voraz sensualidade  
Vossas filhas serão , vossas mulheres.  
| Que direi do soberbo , do vaidoso ,  
Do colerico , e de outros varios monstros ,  
Que freio algum não conhecendo , paixão  
A sustentar no auctorisado cargo  
Tudo quanto a paixão lhes dicta e manda !

Não soffre aquelle , que o vassallo occulte  
Os cabedaes que á sua industria deve ;  
E que a seus filhos , e a seus netos possa ,  
Deixar , morrendo, uma opulenta herança ;  
Um falso crime lhe figura , aonde  
Esgote as forças, que levar procura  
Além das frias apagadas cinzas.

Este medita , que a nobreza illustre  
Suffocada se veja. A prisão dura ,  
O distante degredo é que promette  
Da prevista vingança o fim prescripto,  
| O' Senhores ! | ó Reis ! ó Grandes !, quanto  
São para nós a vossas Leis inuteis !  
Mandais debalde , sem julgada culpa ,  
Que o vosso Chefe a arbitrio seu não possa

Exterminar os réos , punir os impios :  
É c'os Ministros de menor esféra ,  
Que fallão vossas Leis. Nos Chefes vossos  
Sòmente o despotismo impéra e reina :

Gozar da sombra do copado tronco  
É só livre ao que perto tem o abrigo  
Dos seus ramos frondosos. Se se aparta  
Da clara fonte o passageiro , prova  
Turbadas aguas em maior distancia.

Mas ah ! Critillo meu , que eu estou vendo ,  
Que já chegão a ler as cartas tuas :  
Estes barbaros monstros são cobertos ,  
De vivo pejo ao vêr os seus delictos ,  
Que em tão disforme vulto hoje apparecem.

Déstro Pintor , em um só quadro a muitos  
Soubeste descrever. Sim , que o teu Chefe  
As maldades de todos comprehende.  
Aqui vê-se o soberbo , que pensando  
Do resto dos mais homens nada serem  
Mais que humildes insectos , só de fúrias  
Nutre o vil coração , e as seus pés calca

•

A pobre humanidade. Aqui se encontra  
O impio, o libertino, que ultrajando  
Tudo que é sagrado, tem por timbre  
Ao publico mostrar, que o santo Culto,  
Que nos intima a Religião, sômente  
Aos pequenos obriga, e que por arte  
Os conserva a illusão no fanatismo,  
Porque da obediencia às Leis se dobrem.  
Aqui se acha o lascivo; é o vaidoso,  
É o estúpido, em fim é o demente,  
O que ao vivo apparece nesta empreza.

Tu, severo Catão, tu reprehendes  
Com teu mudo semblante a patria Roma:  
Nem seus theatros de lascivia cheios,  
Soffrem teus olhos nobremente irados:  
Péde o congresso, de terror ferido,  
Que o rigido Censor o Circo deixe,  
Ou que se não produza a torpe scena.

Este, ó Critillo, o precioso effeito  
Dos teus versos será, como em espelho,  
Que as côres toma, e que reflecte a imagem;  
Os impios Chefes de uma igual conducta

A elle se verão, sendo arguidos  
Pela face brilhante da virtude;  
Que nos defeitos de um castiga a tantos ;  
Lições prudentes de um discreto aviso  
No mesmo horror do crime, que os infama,  
Teus escriptos lhes deem. Sobrada usura  
É este o premio das fadigas tuas.

Elles dirão, voltando-se a Critillo :  
| Quanto devemos, ó Censor facundo,  
Ao castigado metro, com que afeas  
Nossos delictos, e buscar nos fazes  
Da candida virtude a sã doutrina !



Ill.<sup>mos</sup> e Exc.<sup>mos</sup> Senhores.

Apenas concebi a idéa de traduzir na nossa lingua, e de dar ao prélo as Cartas Chilenas, lôgo assentei comigo, que Vv. Ex.<sup>cias</sup> havião de ser os Mecenas, a quem as dedicasse. São Vv. Ex.<sup>cias</sup> aquelles, de quem os nossos Soberanos costumão fiar os Governos das nossas conquistas: são por isso aquelles, a quem se deve consagrar todos os escriptos, que os podem conduzir ao fim de um acertado Governo.

Dois são os meios porque nos instruimos: um, quando vemos acções gloriosas, que nos despertão o desejo da imitação; outro, quando vemos acções indignas, que nos excitão o seu aborrecimento. Ambos estes meios são efficazes: esta a razão porque os theatros, instituidos para a instrucção dos cidadãos umas vezes nos representão a um Heróe cheio de virtudes, e outras vezes nos representão a um monstro coberto de horrorosos vicios.

Entendo que Vv. Ex.<sup>cias</sup> se desejarão instruir por um e outro modo. Para se instruirem pelo pri-

meiro, tem Vv. Ex.<sup>cias</sup> os louvaveis exemplos de seus Illustres Progenitores. Para instruirem-se pelo segundo, era necessario, que eu fosse descobrir a Fanfarrão Minezio em um Reino estranho ! Feliz Reino, e felices Grandes, que não tem em si um modelo destes !

Pego a Vv. Ex.<sup>cias</sup> que recebem, e proteção estas cartas. Quando não mereção a sua protecção pela eloquencia com que estão escriptas, sempre a merecem pela sã doutrina que respirão, e pelo louvavel fim com que talvez as escreveo o seu autor Critillo.

Beija as mãos

De Vv. Ex.<sup>cias</sup>

O SEU MENOR CRIADO...



## PROLOGO

Amigo Leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu vivia, um galeão, que vinha das Americas hespanholas. Nelle se transportava um mancebo, cavalheiro instruido nas humanas Letras. Não me foi difficultoso travar com elle uma estreita amizade; e chegou a confiar-me os manuscriptos que trazia. Entre elles encontrei as Cartas Chilenas, que são um artificioso compendio das desordens, que fez no seu governo Fanfarraõ Minezio, General de Chile.

Lógo que li estas Cartas, assentei comigo que as devia traduzir na nossa lingua; não só porque as julguei merecedoras deste obsequio pela simplicidade do seu estylo, como também pelo beneficio, que resulta ao publico, de se verem satyrisadas

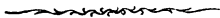
as insolencias deste Chefe, para emenda dos mais que seguem tão vergonhosas pisadas.

Um Dom Quixote pôde desterrar do mundo as loucuras dos Cavalheiros andantes ; um Fanfarrão Minezio pôde também corrigir a desordem de um Governador despotico.

Eu mudei algumas cousas menos interessantes, para as accommodar melhor ao nosso gosto. Peço-te que me desculpes algumas faltas; pois se és douto, has de conhecer a summa difficuldade, que ha na traducção em verso. Lê, diverte-te, e não queiras fazer juizos temerarios sobre a pessoa de Fanfarrão. Ha muitos fanfarrões no mundo, e talvez que tu sejas também um delles, etc.

. . . . Quid rides ? mutato nomine, de te  
Fabula narratur. . . .

HORAT. *Sat.* 1.<sup>a</sup> versos 69 e 70.



# CARTAS CHILENAS

EM QUE O POETA CRITILLO CONTA A DOROTHEO OS FACTOS DE

## FANFARRÃO MINEZIO

Governador de Chile

### CARTA I.

Em que se descreve a entrada que fez Fanfarrão em Chile.

Amigo Dorotheo, presado Amigo,  
Abre os olhos, boceja, estende os braços,  
E limpa das pestanas carregadas  
O pegajoso humor, que o somno ajunta.  
Critillo, o teu Critillo é quem te chama;  
Ergue a cabeça da engommada fronha,  
Acórda, se ouvir queres cousas raras.  
Que cousas, (tu dirás,) que cousas podes  
Contar que valhão tanto, quanto vale  
Dormir a noite fria em molle cama,  
Quando salta a saraiva nos telhados,

E quando o sudoeste, e os outros ventos  
Movem dos troncos os frondosos ramos?

É doce esse descanso, não t'o nego.  
Tambem, presado Amigo, tambem gósto  
De estar amadornado, mal ouvindo  
Das agnas despenhadas brando estrondo;  
E vendo ao mesmo tempo as vans quimeras,  
Que então me pintão os ligeiros sonhos.  
Mas, Dorotheo, não sintas que te acórde;  
Não falta tempo, em que do somno gozes:  
Então verás leões com pés de pato;  
Verás voarem tygres, e camelos,  
Verás parirem homens, e nadarem  
Os roliços penedos sobre as ondas.  
Porém, ¿ que tem que ver estes delirios  
C'os successos reaes, que vou contar-te?  
Acórda, Dorotheo, acórda, acórda;  
Critillo, o teu Critillo é quem te chama:  
Levanta o corpo das macias pennas;  
Ouvirás, Dorotheo, successos novos,  
Estranhos casos, que jámais pintarão  
Na idéa de doente, ou de quem dorme,  
Agudas febres, desvairados sonhos.

¿ Não és tu, Dorotheo, aquelle mesmo  
Que pede que te diga, se é verdade,  
O que se conta dos barbados monos,  
Que á meza trazem os fumantes pratos ?  
¿ Não desejas saber, se ha grandes peixes,  
Que abraçando os navios com as longas  
Robustas barbatanas, os suspendem,  
Inda que o vento, que d'alheta sopra,  
Lhes inche os soltos, desrinzados pannos ?  
¿ Não queres, que te informe dos costumes  
Dos incultos Gentios ? ¿ Não perguntas,  
Se entre elles ha nações, que os beijos furão ?  
¿ E outras, que matão com piedade falsa  
Os páes, que affrouxão ao poder dos annos ?  
Pois se queres ouvir noticias velhas,  
Dispersas por immensos alfarrabios,  
Escuta a historia de um moderno Chefe,  
Que acaba de reger a nossa Chile,  
Illustre imitador de Sancho Pança.  
¿ E quem disséra, Amigo, que podia  
Gerar segundo Sancho a nossa Hespanha !

Não penses, Dorotheo, que vou contar-te  
Por verdadeira historia uma novella

Da classe das patranhas, que nos contão  
Verbosos navegantes, que já dêrão  
Ao globo deste mundo volta inteira :  
Uma velha madraستا me persiga,  
Uma mulher zelosa me atormente,  
E tenha um bando de gatunos filhos,  
Que um chavo não me deixem, se este **Chefe**  
Não fez ainda mais do que eu refiro.

Ora pois, doce Amigo, vou pintal-o  
Da sorte que o topei a vez primeira ;  
Nem esta digressão motiva tédio,  
Como aquellas, que são dos fins alheas ;  
Que o gesto, mais o trage nas pessoas  
Faz o mesmo, que fazem os letreiros,  
Nas frentes enfeitadas dos livrinhos,  
Que dão, do que elles tractão, boa idéa.

Tem pesado semblante, a côr é baça,  
O corpo de estatura um tanto esbelta,  
Feições compridas, e olhadura fêa,  
Tem grossas sobrancelhas, testa curta,  
Nariz direito, e grande ; falla pouco  
Em rouco baixo som de mão falsete ;

Sem ser velho, já tem cabello ruço ;  
E cobre este defeito e fria calva  
A força de polvilho, que lhe deita.  
j Ainda me parece, que o estou vendo  
No gordo rocinante escarranchado !  
As longas calças pelo embigo atadas,  
Amarello collete, e sobre tudo,  
Vestida uma vermelha e justa farda :  
De cada bolço da fardeta, pendem  
Listradas pontas de dous brancos lenços ;  
Na cabeça vasia se atravessa  
Um chapéo desmarcado , nem sei como  
Sustenta a pobre só do laço o pezo.  
Ah ! Tu , Catão severo , tu , que estranhas ,  
O rir-se um Consul moço ; , que fizéras ,  
Se em Chile agóra entrasses , e se visses  
Ser o rei dos peraltas quem governa ?  
Já lá vai , Dorotheo , aquella idade ,  
Em que os proprios mancebos , que sobião  
Á honra do governo , aos outros davão  
Exemplos de modestia até nos trages.  
Devião , Dorotheo , morrer os povos ,  
Apenas os maiores imitárão

Os rostos e os costumes das **mulheres**,  
Seguindo as modas, e **rapando** as barbas.

Os grandes do Paiz com gèsto humilde  
Lhe fazem, mal o encontrão, seu cortejo;  
Elle austero os recebe, e só se digna  
Affrouxar do toutiço a mola um nada,  
Ou por nas abas do chapéo os dedos.

Caminha atraz do Chefe um tal Roberio,  
Que entre os criados tem respeito de aio;  
Estatura pequena, largo o rosto,  
Delgadas pernas, e pançudo ventre,  
Sobejo de hombros, de pescoço falto;  
Tem de pisorga as côres, e conserva  
As bufantes bochechas sempre inchadas:  
Bem que já velho seja, inda presume  
De ser aos olhos das madamas grato,  
E o demo lhe encaixou, que tinha pernas  
Capazes de montar no bom ginete,  
Que rincha no Parnaso. Pobre tonto!  
; Quem te mette em camisas de onze varas?  
Tu só podes cantar em coxos versos,

E ao som da má rabeca , com que atroas  
Os feitos de teu Amo , e os seus Despachos.

Ao lado de *Roberio* vem Matusio,  
Que respira do Chefe o modo e o gèsto :  
É peralta rapaz de tesas gambeas,  
Tem cabello castanho, e brancas faces,  
Tem um ar de mylord, e a todos tracta  
Como a inuteis bichinhos ; só conversa  
Com o rico rendeiro, ou quem lhe conta  
Das moças do paiz as frescas praças :  
Dos bolços da casaca dependura  
As pontas perfumadas dos lencinhos,  
Que é signal, ou character, que distingue  
Aos serventes das casas dos mais homens ;  
Assim como as familias se conhecem  
Por herdados brazões de antigas Armas.

Montado em uédia mula vem um Padre,  
Que tem de Capellão as justas honras :  
Formou-se em Salamanca ; é homem sábio :  
Já do Mysterio do Pilar um dia  
Um sermão recitou, que foi um pasmo ;  
Labregão no feitio, e meio idoso,  
Tem olhos encovados, barba tesa,

Fechadas sobranceiras, rosto fusco,  
Cangalhas no nariz. Ah ! quem dissêra,  
Que n'um corpo, que tem de nabo a fôrma,  
Havião pôr os Céos tão grande caco !

O resto da familia é tudo o mesmo ;  
Escuso de pintal-o. Tu bem sabes  
Um rifão, que nos diz , que dos Domingos  
Se tirão muito bem os dias santos.  
¡ Ah pobre Chile ! ¡ que desgraça espêras !  
¡ Quanto melhor te fôra, se sentisses  
As pragas, que no Egypto se chorarão ,  
Do que veres que sóbe ao teu Governo  
Carrancudo Casquilho, a quem rodeião  
Os nescios, os marotos, e os peraltas !

Seguido pois dos Grandes entra o Chefe  
No nosso Sant'Iago \* junto á noite.  
Á casa me recolho ; e cheio destas  
Tristissimas imagens, no discurso  
Mil cousas fêas, sem querer, revolvo.  
Por vêr se a dor divirto, vou sentar-me  
Na janella da sala, e ao ár levanto

\* Capital do Chile.

Os olhos já molhados. ; Céos ! ; que vejo !  
Não vejo estrellas que serenas brilhem,  
Nem vejo a lua, que pratêa os mares :  
Vejo um grande Cometa, a quem os doutos  
Caudato appellidarão. Este còbre  
A terra toda co' disforme rabo.  
Afflicto o coração no peito bate ;  
Errica-se o cabello, as pernas tremem,  
O sangue se congêla, e todo o corpo  
Se còbre de suor. Tal foi o medo.  
Ainda bem o acôrdo não restáuro,  
Quando lôgo me lembra, que este dia  
É o dia fatal, em que se entende,  
Que andão no mundo soltos os diabos.  
Não rias, Dorotheo, dos meus agouros ;  
Os antigos Romanos fôrão sabios,  
Tivêrão agoureiros : estes mesmos  
Muitas vezes chorarão, por tomarem  
Os avisos celestes como acasos.

Ajuntavão-se os Grandes desta terra  
A noite em casa do benigno Chefe,  
Que o Governo largou. Aqui alegres  
Com elle se entretinhão largas horas :

Depostos os melindres da grandeza,  
Fazia a humanidade seus deveres  
No jogo, e na conversa deleitoza ;  
A estas horas entra o novo Chefe  
Na casa do recreio , e, reparando  
Nos membros do congresso, a tésta enruga,  
E vira a cara, como quem se enoja :  
Porque os mais junto delle não se assentem,  
Se deixem em pé ficar a noite inteira ;  
Não se assenta civil da casa o dono ;  
Não se assenta, (que é mais,) a illustre esposa ;  
Não se assenta tambem um velho bispo,  
E a exemplo destes o congresso todo.

¿ Pensavas, Dorotheo, que um peito nobre,  
Que teve mestres, que habitou na Côrte,  
Havia praticar acção tão feia  
Na casa respeitavel de um fidalgo,  
Distincto pelo Cargo, que exercia,  
E mais ainda pelo sangue herdado ?  
Pois ainda, charo Amigo, não sabias,  
Quanto póde a tolice e vã soberba.  
Parece, Dorotheo, que algumas vezes  
A sábia natureza se descuida.

Devêra, doce Amigo, sim devêra  
Regular os natâes conforme os genios :  
Quem tivesse as virtudes de fidalgo,  
Nascesse de fidalgo ; e quem tivesse  
Os vícios de villão, nascesse embora,  
Se devesse nascer, de algum lacaio ;  
Como as pombas, que gerão fracas pombas,  
Como os tigres, que gerão tigres bravos.  
| Ah ! se isto, Dorotheo, assim succede,  
Estava o nosso Chefe mesmo ao proprio  
Para nascer Sultão do Turco Imperio ;  
Mettido entre vidraças, reclinado  
Em cochins de velludo, e vendo as moças,  
Que de toda a parte o cercarião,  
Coçando-lhe umas levemente as pernas,  
E as outras abanando-o com toalhas :  
Só assim, Dorotheo, o nosso Chefe  
Ficaria de si um tanto pago.

Chegou-se o dia da funesta posse :  
Mal os Grandes se ajuntão, desce a escada,  
E sem mover cabeça, vai metter-se  
Debaixo do lustroso, e rico Pallio.  
Caminhão todos juntos para o Templo ;

Um Psalmo se repete em doce coro,  
A que elle assiste desta sôrte inchado :  
Entésa mais que nunca o seu pescoço,  
Em ar de minuete o pé concerta,  
E arquêa o braço esquerdo sobre a ilharga.  
Eis-aqui, Dorotheo, o como pârão  
Os mãos comediantes, quando fingem  
As pessoas dos grandes nos theatros.

Acabada a funcção, á casa volta ;  
Os Grandes o acompanhão descontentes,  
Co' a mesma pompa, com que foi ao Templo.  
¿ Tu já viste o ministro carraneudo,  
A quem os tristes pretendentes cercão,  
Quando no Regio Tribunal se apêa,  
Que bem que humildes em tropel o sigão,  
Não pára, não responde, não corteja ?  
¿ Tu já viste o Casquilho, quando sóbe  
Á casa em que se canta, e em que se joga,  
Que deixa á porta as bestas e os lacaios,  
Sem sequer se lembrar, que venta e chove ?  
Pois assim nos tractou o nosso Chefe :  
Mal á porta chegou do Chefe antigo,  
Com elle se recolhe, e até ao mesmo

Lusido, nobre corpo do Senado  
Não falla, não corteja, nem despede.  
Da sôrte que o lacaio a sege arruma,  
Por não tomar a rua às outras seges ;  
Assim os cidadãos o Pallio encostão  
Ao batente da porta, e quaes lacaio  
Na rua espêrão, que seu Amo desça,  
Ou, a elle ficar, que os mande embóra.

A vista desta acção indigna e fêa,  
Todo o congresso se confunde e pasma :  
Sôbe às faces de alguns a côr rosada ;  
Perdem outros a côr das roxas faces ;  
Louva este o proceder do Chefe antigo ;  
Aquelle o proceder do novo estranha ;  
E os que podem vencer do genio a força,  
Aos mais escutão, sem dizer palavra.

¿ São estes, louco Chefe, os sãos exemplos,  
Que na Europa te dão os homens grandes ?  
¿ Os mesmos Reis não honrão aos vassallos ?  
¿ Deixão de ser por isso uns bons Monarchas ?  
¡ Como errado caminhas ! O respeito  
Por meio das virtudes se consegue,

E nellas se sustenta ; nunca nasce  
Do susto, e do temor, que aos povos mettem  
Injúrias, descortijos, e carrancas.

Findou-se, Dorotheo, a longa história  
Da entrada deste Chefe : agora vamos,  
Que é tempo, descansar um breve instante.

Nas outras contarei, presado Amigo,  
Os factos, que elle obrou no seu Governo,  
Se acaso os justos Ceos quizerem dar-me,  
Para tanto escrever, papel, e tempo.

## CARTA 2.<sup>a</sup>

Em que se mostra a piedade que Fanfarrão fingio no principio do seu  
Governo para chamar a si todos os negocios.

As brilhantes estrellas já cahião,  
E a vez terceira os gallos já cantavão,  
Quando, presado Amigo, punha o sêllo  
Na volumosa carta, em que te conto  
Do nosso immortal Chefe a grande entrada;  
E reflectindo então ser quasi dia,  
A despir-me começo com tal ancia,  
Que entendo, que inda estava o lácre quente,  
Quando eu já sobre os membros fatigados  
Cuidadoso estendia a grossa manta.

Não cuides, Dorotheo, que brandas pennas  
Me formão o colchão macio, e fôfo:  
Não cuides que é de paina a minha fronha,  
E que tenho lenções de fina hollanda,  
Com largas rendas sobre os crespos folhos.

C. C.

4

Custosos pavilhões, dourados leitos,  
E colchas matizadas não se encontrão  
Na casa mal provida de um Poeta,  
Aonde, ha dias, que o rapaz que serve,  
Nem na suja cosinha accende o fogo.  
Mas, nesta mesma cama tosca e dura,  
Descanço mais contente, do que dorme  
Aquelle que só põe o seu cuidado  
Em deixar a seus filhos o thesouro,  
Que ajunta, Dorotheo, com mão avára,  
Furtando ao rico, e não pagando ao pobre.  
Aqui.... mas, onde vou, presado Amigo?  
Deixemos episodios, que não servem,  
E vamos proseguindo a nossa historia.

Fui deitar-me ligeiro, como disse;  
E mal estendo nos lenções o corpo,  
Dou um sopro na véla, os olhos fecho,  
E pelos dedos rézo a muitos Santos,  
Por vêr, se chega mais deprêssa o somno;  
Conselhos, que me derão sábias velhas.  
Já meu bom Dorotheo, o somno vinha:  
Umas vezes dormindo, resonava,  
Outras vezes rezando inda bolia

Com os devotos beijos, quando sinto  
Passar um carro, que me abala o leito :  
Assustado desperto, os olhos abro.  
E conhecendo a causa que me acôrda,  
Um tanto impaciente o corpo viro :  
Fecho os olhos de novo e cruzo os braços,  
Para vêr se outra vez me torna o somno.  
Segunda vez o somno já tornava,  
Quando o estrondo percebo de outro carro :  
Outra vez, Dorotheo, o corpo volto ;  
Outra vez me agasalho ; e mas debalde.  
Já soão dos soldados grossos bérros,  
Já tinem as cadêas dos forçados,  
Já chião os guindastes, já me atrôão  
Os golpes dos machados e martellos,  
E ao pé de tanta bulha já não posso  
Mais esperança ter de algum socego.

Salto fóra da cama, accendo a vèla ;  
A' banca vou sentar-me exasperado,  
E por vêr, se entretenho as longas horas,  
Aparo a minha penna, o papel dobro,  
E com mão, que ainda treme de cançada,  
Não sei, presado Amigo, o que te escrevo.

Só sei, que o que te escrevo são verdades;  
E que vêm muito bem ao nosso caso.

Apenas, Dorotheo, o nosso Chefe  
As rédeas manejou do seu Governo,  
Fingir-nos intentou que tinha uma alma  
Amante da virtude. Assim foi Nero :  
Governou aos Romanos pelas regras  
Da formosa justiça ; porem lógico  
Trocou o Sceptro de ouro em mão de ferro.  
Manda pois aos ministros lhe deem listas,  
De quantos presos as cadeias guardão :  
Faz a muitos soltar, e aos mais alenta  
De vivas, bem fundadas esperanças.  
Estranha ao subalterno, que se arroga  
O poder castigar ao delinquente  
Com troncos e galês ; enfim ordena,  
Que aos presos que em trez dias não tiverem  
Assentos declarados, se abirão lógico  
Em nome d'elle Chefe os seus assentos.

Aquelle, Dorotheo, que não é Santo,  
Mas quer fingir-se Santo aos outros homens,  
Pratica muito mais, do que pratica

Quem segue os sãos caminhos da verdade.  
Mal se põe nas Igrejas de joelhos,  
Abre os braços em cruz, a terra beija,  
Entorta o seu pescoço, fecha os olhos,  
Faz que chora, suspira, fere o peito,  
E executa outras muitas macaquices,  
Estando em parte onde o mundo as veja :  
Assim o nosso Chefe, que procura  
Mostrar-se compassivo, não descança  
Com estas poucas obras : passa a dar-nos  
Da sua compaixão maiores provas.

Tu sabes, Dorotheo, qual seja o crime  
Dos soldados, que furtão aos soldados ;  
E sabes muito bem, que pena soffrem  
Aquelles que vicião ouro, e prata ;  
Agora, Dorotheo, attende o como  
Castiga o nosso Chefe em um sujeito  
Estes graves delictos, que reputa  
Ainda menos do que leves faltas.

Apanha um militar aos camaradas  
Do soldo uma porção : astuto e destro  
Para não se sentir o grave furto,

Mistura nos embrulhos que lhes deixa,  
Igual quantia de metal diverso.

Faz-se queixa ao bom Chefe deste insulto ;  
Sim, faz-se ao Chefe queixa , mas debalde ;  
Que este Hercules não cinge a grossa pelle,  
Nem traz na mão robusta a forte clava,  
Para guerra fazer aos torpes Cacos.

¿ Já lêste, Dorotheo, a Dom Quixote ?  
Pois eis-aqui, Amigo, o seu retracto ;  
Mas diverso nos fins ; que o doido Mancha  
Forceja por vencer os mãos gigantes  
Que ao mundo são molestos ; e este Chefe  
Forceja por suster, no seu districto,  
Aquelles que se mostram mais velhacos.

Não pune, doce Amigo, como deve,  
Das sacrosantas Leis a grave offensa ;  
Antes benigno manda ao bom Matusio,  
Que do seu ouro proprio se resarça  
Aos afflictos roubados toda a perda.

¿ Já viste, Dorotheo, igual desordem ?  
O dinheiro de um Chefe, que a Lei guarda,  
Accóde aos tristes orphãos, e ás viuvas ;  
Accóde aos miseraveis, que padecem  
Em duras, rotas camas, e soccórre,

**Para que honradas sejam, as donzellas ;  
Porém não paga furtos, porque fiquem  
Impunes os culpados, que se devem  
Para exemplo punir com mão severa.**

**Envia, Dorotheo, visinho Chefe  
Ao nosso grande Chefe outro soldado  
Por varios crimes convencido e preso :  
Lança-se o tal soldado de joelhos  
Aos pés do seu Heróe ; suspira e treme ;  
Não nega que ferira e que matára ;  
Mas pede, que lhe valha a mão piedosa,  
Que tudo pôde, que elle aperta e beija.  
Pergunta-lhe o bom Chefe, se os seus crimes  
Divulgados estão ; e o camarada  
Com semblante já leve lhe responde :  
Que suas graves culpas forão feitas  
Em sitios mui distantes desta Praça.  
Então, então o Chefe compassivo  
Manda tirar os ferros dos seus braços ;  
Dá-lhe um salvo conducto, com que possa,  
Com tanto que na terra não se saiba,  
Fazer impunemente insultos novos.**

**Caminha, Dorotheo, á forca um negro,**

Conforme as Leis do Reino bem julgado.  
Tu sabes, Dorotheo, que o proprio Augusto  
Estas fataes sentenças não revoga,  
Sem um justo motivo, em que se firme  
Do seu perdão a causa. Tambem sabes,  
Que estas mesmas mercês se não concedem,  
Senão por um Decreto, em que se expende,  
Que o sabio Rei usou por motu proprio  
Do mais alto poder que tem o Sceptro.  
Agóra, Dorotheo, attende e pasma :  
Por um simples Despacho manda o Chefe,  
Que o triste padecente se recolha.  
Assenta : vale tanto lá na Corte  
Um grande—El Rei—impresso, quanto vale  
Em Chile um—Como pede—e o seu garrancho.

♪ Aonde, louco Chefe, aonde corres  
Sem tino e sem conselho? ♪ Quem te inspira  
Que remittir as penas é virtude?  
E ainda a ser virtude, ♪ quem te disse,  
Que não é das virtudes, que só póde  
Benigna exercitar a Mão Augusta?  
Os Chefes, bem que Chefes, são vassallos,  
E os vassallos não tem poder Supremo.

O mesmo grande Jove, que modêra,  
O Mar, a Terra e o Céu, não pôde tudo,  
Que ao justo só se estende o seu Imperio.

O povo, Dorotheo, é como as moscas,  
Que correm ao lugar, aonde sentem  
O derramado mel ; é semelhante  
Aos córvos e aos abutres, que se ajuntão  
Nos ermos, onde fêde a carne pôdre.  
A' vista pois dos factos, que executa  
O nosso grande Chefe, decisivos  
Da piedade que finge, a louca gente  
De toda a parte corre a vêr se encontra  
Algum pequeno allivio á sombra delle.  
! Não viste, Dorotheo, quando arrebenta  
Ao pé de alguma ermida a fonte santa,  
Que a fama logo corre, e todo o povo  
Concebe que ella cura as graves queixas?  
Pois desta sorte entende o nescio vulgo,  
Que o nosso General, Lugar-Tenente,  
Em todos os delictos e demandas,  
Póde de absolvição lavrar sentenças.  
Não ha livre, não ha, não ha captivo,  
Que ao nosso Sant'Iago não concorra.

Todos buscão ao Chefe, e todos **querem**  
Para serem bem vistos, revestir-se  
Do triste privilegio de mendigos.  
Um as botas descalça, tira as meias,  
E põe no duro chão os pés mimosos :  
Outro despe a casaca, mais a veste,  
E de varios molambos mal se cobre :  
Este deixa crescer a ruça barba ;  
Com palhas de alhos se defuma aquelle ;  
Qual as pernas emplastra, e move o **corpo**,  
Mettendo nos sobacos as muletas ;  
Qual ao torto pescoço dependura  
Despido o braço, que só cobre o lenço ;  
Uns com bordão apalpão o caminho ,  
Outros um grande bando lhe apresentam  
De sujas moças, a quem chamão filhas.  
¿ Já foste, Dorotheo, a um convento  
De padres franciscanos, quando chegão  
As horas de jantar ? ¿ Passaste acaso  
Por sitio em que morreo mineiro rico,  
Quando da casa sahe pomposo enterro ?  
Pois eis-aqui, Amigo, bem pintada  
A porta, mais a rua deste Chefe  
Nos dias de audiencia. | Oh quem pudéra

Nestes dias metter-se um breve instante,  
A vêr o que alli vai na grande Sala !  
Escusava de lêr os entremezes,  
Em que os sabios poetas introduzem  
Por interlocutores chefes asnos.  
Um péde, Dorotheo, que lhe dispense  
Casar com uma irmã da sua amasia ;  
Outro, se lhe queime o mão processo,  
Onde está criminoso, por ter feito  
Cumprir exactamente um seu Despacho :  
Diz este, que os herdeiros não lhe entregão  
Os bens, que lhe deixou em testamento  
Um filho de Noé ; aquelle ralha  
Contra os mortos juizes, que lhe derão,  
Por empenhos e peitas, a sentença,  
Em que toda a fazenda lhe tirárão :  
Um quer, que o devedor lhe pague lógo ;  
Outro para pagar pertende espéra :  
Todos enfim concluem, que não podem  
Demandas conservar, por serem pobres,  
E grandes as despesas, que se fazem  
Nas casas dos letrados e cartorios.  
Então o grande Chefe, sem demora,  
Decide os casos todos, que lhe occorrem,

Ou sejão de moral, ou de direito,  
Ou pertença também á medicina,  
Sem botar, (que ainda é mais,) abaixo um livro  
Da sua sempre virgem livraria.  
Lá vai uma sentença revogada,  
Que já pudéra ter cabellos brancos :  
Lá se manda que entreguem os Ausentes  
Os bens ao successor, que não lhe mostra  
Sentença que lhe julgue a grossa herança :  
A muitos de palavra se decreta,  
Que em pedir os seus bens não mais prosigão :  
A outros se concedem breves horas  
Para pagarem sommas que não devem.  
! Ah ! tu, meu Sancho Pança, tu que foste  
Da Barataria o Chefe, não lavraste  
Nem uma só sentença tão discreta !  
! E que queres, Amigo, que succeda ?  
! Esperavas acaso um bom governo  
Do nosso Fanfarrão ? ! Tu não o viste  
Em trages de Casquilho nessa Corte ?  
! E pôde, meu Amigo, de um peralta  
Formar-se de repente um homem sério ?  
Carece, Dorotheo, qualquer ministro  
Apertados estudos, mil exames ;

¿ E pôde ser o Chefe omnipotente,  
Quem não sabe escrever uma só regra,  
Onde ao menos se encontre um nome certo ?  
Ungio-se para rei do povo eleito  
A Saul, o mais santo que Deos via ;  
Prevaricou Saul, prevaricarão  
No governo dos povos outros justos.  
¿ E bade bem governar remôtas terras  
Aquelle que não deo em toda a vida  
Um exemplo de amor á sã virtude ?  
As letras, a justiça, a temperança,  
Não são, não são morgados que fizesse  
A sábia natureza para andarem  
Por successão nos filhos dos fidalgos.

Do cavallo andaluz é sim provavel  
Nascer tambem um potro de esperança,  
Que tenha frente aberta , largos peitos,  
Que tenha alegres olhos, e compridos ;  
Que seja enfim de mãos, e pés calçado ;  
Porem de um bom ginete tambem pôde  
Um catralvo nascer , nascer um zarco.  
Aquelle mesmo potro , que tem todos  
Os formosos signaes , que aponta o Rêgo ,

Carece, Dorotheo , **correr em rãda**  
No grande picadeiro **muitos mezes**  
Para um e outro lado : necessita ,  
Que o destro picador lhe ponha a sella,  
E que montando nelle , pouco a pouco  
O faça obedecer ao leve tóque  
Do duro cabeçaõ , da branda rédea.  
Dos mesmos , Dorotheo... **porém já tóca**  
Ao almoço a garrida da Cadêa :  
Vou ver se dormir posso , enquanto **durão**  
Estes breves instantes de socego ;  
Que, sem barriga farta e sem descanso,  
Não se póde escrever tão longa historia.

---

## CAPÍTULO 3.

Em que se contão as injustiças e violencias que Fanfarrão executou  
por causa de uma cadeia, a que deu principio.

! Que triste, Dorotheo, se poz a tarde!  
Assopra o vento sul e densa nuvem  
Os horisontes cobre; a grossa chuva,  
Cahindo das biqueiras dos telhados,  
Fôrma regatos, que os portaes inundão:  
Rompem os ares colubrinas fachtas  
De fogo devorante, e ao longe sôa  
De compridos trovões o baixo estrondo.  
Agôra, Dorotheo, ninguem passêa;  
Todos em casa estão e todos buscão  
Divertir a tristeza, que nos peitos  
Infunde a tarde mais que a noite feia.  
O velho Altimidonte certamente  
Tem postas nos narizes as cangalhas,  
E revolvendo os grandes, grossos livros,

C'os dedos inda sujos de tabaco,  
Ajunta ao mão processo muitas folhas  
De vans auctoridades carregadas.  
O nosso bom Dirceo talvez que esteja  
Com os pés escondidos no capacho,  
Mettido no capote, a lêr gostoso  
O seu Virgilio, o seu Camões, e Tasso :  
O terno Floridoro, a éstas horas,  
No molle espreguiceiro se reclina,  
A vêr brincar alegres os filhinhos:  
Um já montado na comprida cana,  
E outro pendurado no pescoço  
Da mãe formosa, que risonho abraça ;  
O gordo Josefino está deitado ;  
Nada lhe importa, nem do mundo sabe ;  
Ao som do vento, dos trovões e chuva,  
Como em noite tranquilla, dorme e ronca ;  
O nosso Damião emfim abana  
Ao lento fogo, com que sábio tira  
Os uteis sães da terra, e o teu Critillo,  
Que não encontra aqui com quem murmure,  
Quando só murmurar lhe pède o genio,  
Pêga na penna, e desta sorte vòa,  
De cá tão longe a murmurar contigo.

Já disse , Dorotheo , que o nosso Chefe,  
Apenas principia a governar-nos ,  
Nos pretende mostrar que tem um peito  
Muito mais terno e brando , do que pedem  
Os severos officios do seu cargo.  
¿ Agora cuidarás , presado Amigo ,  
Que as chaves das cadêas já não abrem ,  
Comidas da ferrugem ? ¿ que as algemas,  
Como trastes inuteis, se furtarão ?  
¿ Que o torpe executor das graves penas  
Liberdade ganhou ? ¿ Que já não temos  
Descalços guardiães , que á fonte levem ,  
Mettidos nas correntes, os forçados ?  
Assim , presado Amigo , assim devia  
Em Chile acontecer , se o nosso Chefe  
Tivesse em governar algum systema.  
Mas , meu bom Dorotheo , os homens nescios  
Às folhas dos olmeiros se comparão ;  
São como o leve fumo , que se move  
Para partes diversas , mal os ventos  
Começão a apontar de partes varias.  
Ora pois , doce Amigo , attende o como  
No seu contrario vicio degenera  
A falsa compaixão do nosso Chefe.

Qual o sereno mar , que, n'um instante,  
As ondas sobre as ondas encapella.

Pretende , Dorotheo , o nosso Chefe  
Erguer uma Cadêa magestosa ,  
Que possa escurecer a velha fama  
Da torre de Babel , e mais dos grandes  
Custosos edificios que fizeram  
Para sepulchros seus os reis do Egypto.  
Talvez, presado Amigo, que imagine,  
Que neste monumento se conserve  
Eterna a sua gloria ; bem que os povos  
Ingratos não consagrem ricos bustos,  
Nem montadas estatuas ao seu nome.  
Desiste, louco Chefe, dessa empreza ;  
Um soberbo edificio levantado  
Sobre ossos de innocentes, construido  
Com lagrimas dos pobres, nunca serve  
De gloria ao seu autor , mas sim de opprobrio.

Desenha o nosso Chefe, sobre a banca,  
Desta forte cadêa o grande risco,  
Á proporção do genio, e não das forças  
Da terra decadente, aonde habita.

Ora pois, doce Amigo, vou pintar-te  
Ao menos o formoso frontispicio :  
Verás, se pede machina tamanha  
Humilde povoado, aonde os grandes  
Morão em casas de madeira a pique.

Em cima de espaçosa escadaria,  
Se fôrma do edificio a nobre entrada  
Por dous soberbos arcos dividida ,  
Por fóra destes arcos se levantão  
Trez jônicas columnas, que se firmão  
Sobre quadradas bases, e se adornão  
De lindos capitéis, aonde assenta  
Uma formosa regular varanda ;  
Seus balanstes são das alvas pedras,  
Que brandos ferros cortão sem trabalho.  
Debaixo da cornija, ou projectura,  
Estão as armas deste Reino abertas  
No liso centro de vistosa tarja.  
Do meio desta frente sóbe a torre,  
E pegão desta frente para os lados  
Vistasas galerias de janellas,  
A quem enfeitão as douradas grades.

• E sabes, Dorotheo, quem edifica

Esta grande cadêa ? Não, não sabes ;  
Pois ouve, que eu t'o digo : um pobre Chefe,  
Que na Côrte habitou em umas casas,  
Em que já nem se abrião as janellas.  
E sabes para quem ? Tambem não sabes :  
Pois eu tambem t'o digo : para uns negros,  
Que vivem (quando muito) em vis cabanas,  
Fugidos dos senhores, lá nos matos.  
Eis-aqui, Dorotheo, ao que se pôde  
Muito bem applicar aquella mófa,  
Que faz o nosso Mestre, quando pinta  
Um monstro meio peixe e meio dama.  
Na sábia proporção é que consiste  
A boa perfeição das nossas obras.  
Não péde, Dorotheo, a pobre aldêa  
Os soberbos palacios, nem a Côrte  
Póde tambem soffrer as toscas choças.

Para haver de supprir o nosso Chefe  
Das obras meditadas as despesas,  
Consome do Senado os rendimentos,  
E passa a maltratar ao triste povo  
Com estas nunca usadas violencias :  
Quer cópia de forçados, que trabalhem

Sem outro algum jornal, mais que o sustento,  
E manda a um bom Cabo que lhe traga  
A quantos quilombolas se apanharem,  
Em duras gargalheiras. Vão o Cabo :  
Agarra a um e outro ; e n'um instante,  
Enche a Cadêa de alentados negros.  
Não se contenta o Cabo com trazer-lhe  
Os negros que tem culpas : prende e manda  
Tambem nas grandes lévas os escravos,  
Que não tem mais delictos, que fugirem  
Á fome e aos castigos, que padecem  
No poder de senhores deshumanos.  
Ao bando dos captivos se accrescentão  
Muitos pretos já livres, e outros homens  
Da raça do paiz e da europêa,  
Que, diz ao grande Chefe, são vadios,  
Que perturbão dos povos o socego.

Não ha, meu Dorotheo, quem não se molde  
Aos gestos e aos costumes dos maiores ;  
Brincando, os innocentes os imitão.  
Se as tropas se exercitão, elles fingem  
As horridas batalhas. Se se fazem  
Devotas procissões, tambem carregão

Aos hombros os andores, e as charólas.  
Os mesmos magistrados se revestem  
Do genio e das paixões de quem governa.  
Se o Rei é piedoso, são benignos  
Os severos ministros : se é tyranno,  
Mostrão os pios corações de feras.  
Por isso, Dorotheo, um Chefe indigno  
É muito, e muito máo ; porque elle póde  
A virtude estragar de um vasto Imperio.

Os nossos Commmandantes, que conhecem  
A vontade do Chefe, tambem querem  
Imitar deste Cabo o ardente zêlo :  
Envião para as pedras os vadios,  
Que na fôrma das ordens mandar devem  
Habitar em desterro novas terras.  
Ora pois, doce Amigo, já que fallo  
Nos nossos Commandantes, será justo,  
Que te dê destes bichos uma ideia.

A gente, Dorotheo, que não se alista  
Nas Tropas regulares, fôrma corpos  
De bisonha Ordenança. Não ha terra  
Sem ter um corpo destes. Os seus Chefes

Ao Capitão Maior estão sujeitos,  
E são os que se chamão Commandantes,  
Porque as partes commandão destes Terços.  
Estes famosos Chefes, quasi sempre,  
Da classe dos tendeiros são tirados :  
Alguns, inda depois de grandes homens,  
Se lhes faltão os negros, a quem deixão  
O governo das vendas, não entendem  
Que infamão as bengalas, quando pêsão  
A libra de toucinho, e quando medem  
O frasco da cachaça. Agora attende;  
Verás que desta escoria se levanta  
De magistrados uma nova classe.

Aos ricos taverneiros, disfarçados  
Em ar de Commandantes, manda o Chefe,  
Que tratem da Policia, e que não deixem  
Viver nos seus Districtos as pessoas  
Que forem revoltosas. Quer que fação  
A todos os vadios uns summarios,  
E que, sem mais processos, os remettão  
Para remotas partes, sem que destas  
Juridicas sentenças se faculte  
Algum recurso para môr Alçada.

¿ Já viste, Dorotheo, um tal desmancho?  
As santas Leis do Reino não concedem  
Ao magistrado regio, que execute  
No crime o seu julgado; ¿ e o nosso Chefe  
Quer que dêem as sentenças, sem appêllo,  
Incultos Commandantes, que nem sabem  
Fazer um bom diario do que vendem!  
Concedo, caro Amigo, que estes homens  
São uns grandes consultos, que mettêrão  
Os corpos do direito nos seus cascos:  
Ainda assim, pergunto: ¿ e como pôde  
O Chefe conceder-lhes esta Alçada?  
¿ Ignora a Lei do Reino que numéra,  
Entre os direitos proprios dos Augustos,  
A creação dos novos magistrados?  
O grande Salomão lamenta o povo,  
Que sobre o throno tem um rei menino:  
Eu lamento a Conquista, a quem governa  
Um Chefe tão soberbo e tão estulto,  
Que tendo já na testa brancas repas,  
Não sabe ainda que nasceo vassallo.

Os nescios Commandantes e o bom Cabo,  
Que fez o nosso Heróe Geral Meirinho,

Remettem nas correntes povo immenso.  
Parece, Dorotheo, que temos guerras ;  
Que para recrutar as companhias,  
De toda a parte vem chorosas lévas.  
Aqui, presado Amigo, principia  
Esta triste tragedia : sim prepara,  
Prepara o branco lenço ; pois não pôdes  
Ouvir o resto, sem banhar o rosto  
Com grossos rios de salgado pranto.  
Nas lévas, Dorotheo, não vem sómente  
Os culpados vadios ; vem aquelle,  
Que a divida pedio ao Commandante ;  
Vem aquelle, que poz impuros olhos  
Na sua mocetona ; e vem o pobre,  
Que não quiz emprestar-lhe algum negrinho,  
Para lhe ir trabalhar na roça e lavra.

Estes tristes, mal chegão, são julgados  
Pelo benigno Chefe a cem açoutes.  
Tu sabes, Dorotheo, que as Leis do Reino  
Só mandão, que se açoutem com a sóla  
Aquelles aggressores, que estiverem  
Nos crimes quasi iguaes aos réos de morte :  
Tu tambem não ignoras, que os açoutes

Só se dão por desprêso nas espádoas ;  
Que açoutar, Dorotheo, em outra parte,  
Só pertence aos senhores, quando punem  
Os caseiros delictos dos escravos ;  
Pois todo este direito se pretere :  
No pelourinho a escada já se assenta,  
Já se ligão dos réos os pés e os braços ;  
Já se descem calcões, e se levantão  
Das immundas camisas rotas fraldas ;  
Já pègão dous verdugos nos zorragues ;  
Já descarregão golpes deshumanos ;  
Já sôão os gemidos, e respingão  
Miúdas gotas de pisado sangue.  
Uns gritão que são livres : outros clamão,  
Que as sábias Leis do Rei os julgão brancos :  
Este diz, que não tem algum delicto,  
Que tal rigor mereça ; aquelle pede  
Do injusto accusador ao Céu vingança.  
Não affrouxão os braços dos verdugos ;  
Mas antes com taes queixas se duplica  
A raiva nos tyrannos ; qual o fogo,  
Que aos assopros dos ventos ergue a chamma.  
Ás vezes, Dorotheo, se perde a conta  
Dos cem açoutes, que no meio estava ;

Mas outra nova conta se começa.  
Os pobres miseraveis já nem gritão.  
Cancados de gritar; apenas soltão  
Alguns fracos suspiros que enternecem.  
¿ Que é isso, Dorotheo? ¿ Tu já retiras  
Os olhos do papel? ¿ Tu já desmaias?  
¿ Já sentes as moções, que alheios males  
Costumão infundir nas almas ternas?  
Pois és, presado Amigo, muito fraco;  
Aprende a ter o valor do nosso Chefe,  
Que á janella se põe, e a tudo assiste,  
Sem voltar o semblante para a ilharga;  
E pôde ser, Amigo, que não tenha  
Esforço para ver correr o sangue,  
Que em defeza do Throno se derrama.

Aos pobres açoutados manda o Chefe,  
Que, presos nas correntes dos forçados,  
Vão juntos trabalhar. Então se entregão  
Ao famoso Tenente, que os governa,  
Como sabio Inspector das grandes obras.  
Aqui, presado Amigo, principião  
Os seus duros trabalhos. Eu quizéra  
Contar-te o que elles soffrem, nesta carta;

Mas tu , presado Amigo , tens o peito  
Dos males que já leste , magoado ;  
Por isso é justo que suspenda a historia ,  
Em quanto o tempo não te cura achaga.

---

## CARTA II.

Em que se continúa a mesma materia.

Maldito , Dorotheo , maldito seja  
O vicio de um Poeta , que, tomando  
Entre dentes alguém , em quanto encontra  
Materia em que discorra , não descança.  
Agora , Dorotheo , mandou dizer-me  
O nosso Amigo Alceo , que me embrulhasse  
No pardo casacão , ou no capote ,  
E que, pondo o casquete na cabeça,  
Fosse ao sitio Covão jantar com elle.  
Eu bem sei , Dorotheo , que tinha sopa  
Com ave e com presunto ; sei , que tinha  
De mãmota vitella um gordo quarto ;  
Que tinha fricassés , que tinha massas ,  
Bom vinho de Canarias , finos doces ,  
E de mimosas fructas muitos pratos ;  
Porem , que importa , Amigo , perdi tudo ,  
Só para te escrever mais uma Carta.

Maldito , Dorotheo , maldito seja  
O vicio de um Poeta ; pois o priva  
De encher o seu bandulho, pelo gosto  
De fazer quatro versos , que bem podem  
Ganhar-lhe uma massada , que só serve  
De damno ao corpo , sem proveito d'alma.

A Carta , Dorotheo , a longa Carta ,  
Que descreve a Cadêa , finalisa  
No ponto em que os presos se remettem  
Ao severo Tenente , que preside ,  
Como sabio Inspector , ás grandes obras.  
Agóra prosigamos nesta historia ,  
E dêmos-lhe o principio por tirarmos  
Ao famoso Inspector , ao grão Tenente  
Com côres delicadas uma cópia.

É de marca maior que a mediana ,  
Mas não passa a gigante : tem uns hombros ,  
Que o pescoço algum tanto lhe suffocão ,  
O seu cachaço é gordo , o ventre inchado ,  
A cara circular , os olhos fundos ,  
De genio soberbão , grosseiro trato ,  
Assopra de continuo , e falla muito ;

Prés-a-se de fidalgo e não se lembra ,  
Que seu pãe foi um pobre que vivia  
De cobrar dos contractos os dinheiros ,  
De que ficou devendo grandes sommas ;  
Signal de que elle foi um bom velhaco.  
O filho , Dorotheo , tomou-lhe as manhas :  
Era um triste pingante , que só tinha  
O seu pequeno soldo ; agora veio  
Para Inspector das obras , e já ronca ,  
Já empresta dinheiros , já tem casas ,  
Já tem trastes de custo , e ricos móveis ;  
Mas lógo, Dorotheo , verás o como.

Mal o duro Inspector recebe os presos ,  
Vão todos para as obras ; alguns abrem  
Os fundos alicerces ; outros quebrão  
Com ferros e com fogo as pedras grossas.  
Aqui , presado Amigo , não se attende  
Às forças , nem aos annos. Mão robusta  
De atrevido soldado move o relho ,  
Que a todos igualmente faz ligeiros.  
Aqui se não concede de descanso  
Aquelle mesmo dia , o grande dia ,  
Em que Deos descansou , e em que nos manda ,

Façamos obras santas, sem que dêmos  
Aos jumentos e bois algum trabalho.  
Tu sabes, Dorotheo, que um tal serviço  
Por uma civil morte se reputa.  
¿ Que peito, Dorotheo, que duro peito  
Não deve ter um Chefe, que atormenta  
A tantos innocentes por capricho ?  
Que se arrisque o vassallo na campanha,  
É uma digna acção, que a Patria exige :  
Nem este grande risco nos estraga  
O pundonor, que vale mais que a vida ;  
Antes nos abre as portas para entrarmos  
No templo do heroismo : sim, nós temos,  
Nós temos mil exemplos ; muitos, muitos  
Que, ha seculos, morrêrão pela patria,  
Na memoria dos homens inda vivem.  
¡ Mas arriscar vassallos innocentes  
Ás pedras que se soltão dos guindastes,  
E aos montes de piçarra, que desabão  
Nos fundos alicerces, sem vencerem,  
Nem como jornaleiros, ténue paga ;  
Pol-os ainda em cima na figura  
Dos indignos vassallos, que se julgão  
Em pena de delictos, como escravos ;

Isto só para erguer-se uma obra grande,  
Que outra pequena suppre! é mais que injusto ;  
É uma das acções que só praticão  
Aquelles torpes monstros, que nascêrão  
Para serem na terra o mal de muitos.

Dirás tu, Dorotheo, que o nosso Chefe  
Não quer que os innocentes se maltractem ;  
Que o féro Commandante é quem abusa  
Dos poderes que tem. Presado Amigo,  
Quem ama a sã verdade, busca os meios  
De a poder descobrir, e o nosso Chefe  
Despresa os meios de poder achal-a.  
¿ Qu'è delles os processos, que nos mostram  
A certeza dos crimes? ¿ Quaes dos presos  
Os libellos das culpas contestarão?  
¿ Quaes forão os juizes que inquirirão  
Por parte da defeza, e quaes patronos  
Disserão de direito sobre os factos?  
A santa Lei do Reino não consente  
Punir-se, Dorotheo, aquelle monstro  
Que é réo de Magestade, sem defeza.  
¿ E podem ser punidos os vassallos  
Por aérios insultos, sem se ouvirem,

c. c.

6

E sem outro processo mais que o dicto  
De um simples Commandante vil e nescio ?  
Um louco, Dorotheo, faz mais ainda  
Do que nunca fizerão os Monarchas :  
Faz mais que o proprio Deos, que Deos, querendo  
Punir em nossos Pães a culpa grave,  
Primeiro lhes pedio, que lhe dissessem,  
Qual foi do seu delicto a torpe causa.

Passão, presado Amigo, de quinhentos  
Os presos que se ajuntão na Cadêa.  
Uns dormem encolhidos sôbre a terra,  
Mal cobertos dos trapos, que molhârão  
De dia no trabalho : os outros ficão  
Ainda mal sentados, e descansão  
As pesadas cabeças sôbre os braços,  
Em cima dos joelhos encruzados ;  
O calor da estação, e os máos vapores,  
Que tantos corpos lanção, mui bem podem  
Empestar, Dorotheo, extensos ares.  
A pallida doença aqui bafeja,  
Batendo brandamente as negras azas.  
Aquelle, Dorotheo, a quem penetra  
Este halito mortal, as forças perde,

Tem dôres de cabeça , e , n'um instante ,  
Abrasa-se em calor, de frio treme.  
Fazem os seus deveres os affectos  
Do nosso grão Tenente: amor, e odio ;  
Aquelle, que risonho lhe trabalha  
Nas suas proprias obras, é mandado  
Curar-se á Santa casa, como pobre.  
Os outros são tractados como servos,  
Que fogem ao trabalho dos senhores :  
Para as correntes vão , arrancão pedra ,  
E quando algum fraquêa, o máo soldado  
Dá-lhe um bérro, que atrôa, a mão levanta,  
E nas costas o rêlho descarrega.

; Ah tu, piedade santa, agora, agora  
Os teus ouvidos tapa, e fecha os olhos ;  
Ou foge de uma terra, aonde um Nero,  
Aonde os seus sequazes, cada dia,  
Para o pranto te dão motivos novos !

O fogo, Dorotheo, que vai ardendo,  
Depois de bem arder, a chamma atéa,  
E a materia consome em breve instante.  
Assim a podre febre que roia

Aos miseros enfermos, pouco a pouco  
Erguendo, qual o fogo a lavareda,  
Á força do cansaço que resulta  
Do trabalho e do sol, consome e mata.  
Uns cahem com os pezos que carregão,  
E das obras os tirão pios braços  
Dos tristes companheiros : outros ficam  
Alli nas mesmas obras estirados;  
Acodem mãos piedosas : qual trabalha,  
Por ver se póde abrir as grossas pégas;  
E qual o copo de agua lhes ministra,  
Que, serrados os dentes, já não bebem.  
Uns as caras borrifão, outros tomão  
Os débeis pulsos, que parando fogem.  
| Ah ! | Não mais compaixão ! | não mais desvélo !  
O soccorro chegou, mas foi mui tarde :  
Cobrem-se os membros de um suor já frio,  
Os cheios peitos arquejando roncão,  
E vertem umas lagrimas sentidas,  
Que só lhes descem dos esquerdos olhos ;  
Amarella-se a côr, bacêa a vista,  
O semblante se atila, o queixo affrouxa,  
Os gestos e os arrancos se suspendem ;  
Nenhum mais bole, nenhum mais respira.

Assim , meu Dorotheo , sem um remedio ,  
Sem fazerem despeza em um só caldo ,  
Sem sabio director , sem Sacramentos ,  
Sem a vèla na mão , na dura terra  
Estes pobres acabão seus trabalhos.  
Que espéras , duro Chefe , que não contas  
Á Côrte os teus triumphos ! Tu não podes  
Mandar alqueires dos anneis tirados  
Dos dedos que cortaste nas campanhas :  
Mas de algêmas , de pégas , e correntes ,  
Podes mandar á Côrte immensos carros.  
Tu podes.... mas , Amigo , não gastemos  
Todo o tempo em contar sentidas cousas ,  
Façamos menos triste a nossa historia ;  
Misturemos os casos que magôão ,  
Com successos que sejam menos fortes.

Não bastão , Dorotheo , galês immensas ,  
São mais outros soccorros necessarios ,  
Para crescerem as soberbas obras.  
Ordena o grande Chefe , que os roceiros ,  
E outros quaesquer homens , que tiverem  
Alguns bois de serviço , promptos mandem  
Os bois , e mais os negros que os governem ,

Durante uma semana de trabalho :  
Ordena ainda mais , que neste tempo  
Não recebem jornal ; antes, que tragão  
O milho para os bois dos seus celleiros.  
Que é isso , Dorotheo , abriste a boca ?  
Ficaste embasbacado ? Não suppunhas ,  
Que o nosso grande Chefe se sahisse  
Com uma tão formosa providencia ?  
N'isto de economia é elle um mestre ;  
Está para compôr uma obra , aonde  
Quer o modo ensinar de não gastarem  
As Tropas cousa alguma no sustento.  
Deos o deixe viver, até que chegue  
A pol-a , Dorotheo , no mesmo estado ,  
Em que estão os volumes onde existem  
Os Despachos , que deo no seu Governo.  
Ora ouve ainda mais : attende , e pasma.

Para se sustentarem os forçados ,  
Os generos se comprão com bilhetes ,  
Que paga o Thesoureiro , quando póde ;  
E sobre esta fiança ainda se tomão  
Por muito menos preço , do que correm.  
As tropas , que carregão mantimentos ,

Apenas descarregão , vão de graça  
Á distante Caieira com soldados  
Buscar queimada pedra. Daqui nasce  
Os tropeiros fugirem , e chorarmos  
A grande carestia do sustento.  
Responde , louco Chefe , se tu podes  
Taes violencias fazer , não era menos  
Lançares sobre os povos um tributo ?  
Os homens , que tem carros , e os que vivem  
De viveres venderem , são acaso  
Aos mais inferiores nos direitos ?  
Esta Cadêa é sua , porque deva  
Sobre elles carregar tamanho peso ?  
E o povo , quando compra tudo caro ,  
Não paga ainda mais , do que pagára ,  
Se um modico tributo se lançasse  
Á proporção dos bens de cada membro ?  
Amigo Dorotheo , quem rege os povos ,  
Deve ler de continuo os doutos livros ;  
E deve só tractar com sabios homens.  
Aquelle , que consome as largas horas  
Em fallar com os nescios e peraltas ,  
Em metter entre as pernas os perfumes ,  
Em concertar as pontas dos lencinhos ,

Não nasceo para cousas que são grandes ;  
Que nestas bagatelas não consomem  
O tempo proveitoso as nobres almas.

Quem não quer , Dorotheo , mandar o carro ,  
C'o famoso Tenente se concerta ;  
Onde vai tal dinheiro , ninguém sabe ;  
Só sabemos mui bem , que o bom Tenente ,  
Sem ter outro negocio , que lhe renda ,  
De pingante passou a potentado.  
Sabemos tambem mais.... porêm , Amigo ,  
O fallar nestas cousas já me enfada.  
Omitto outros successos , que lastimo ,  
E fecho , Dorotheo , a minha carta  
Com um maravilhoso estranho caso.

Distante nove legoas desta terra  
Ha uma grande Ermida, que se chama  
Senhor de Matosinhos : este Templo  
Os devotos fieis a si convoca  
Por sua architectura, pelo sitio,  
E ainda muito mais pelos prodigios,  
Com que Deos ennobrece a Santa Imagem.  
Este famoso Templo tem um carro,

Comprado com esmolas, que carrega  
As pedras e madeiras, que ainda faltão :  
O Commandante austero notifica  
A veneranda Imagem, na pessoa  
Do zeloso ermitão, para que mande  
O carro com os bois servir nas obras,  
Mal lhe couber o turno da semana.  
Faz-se uma petição ao nosso Chefe  
Em nome do Senhor , em que se allega,  
Que o carro que elle tem, se occupa ainda  
Na pia construcção da sua Casa ;  
Que elle Christo não tem nenhuma rendas,  
Senão esmolas ténues, que só devem  
Gastar-se no seu Templo e no seu culto,  
Conforme as intenções de quem as pede.  
Apenas vio o Chefe o peditorio,  
Quiz ao Christo mandar, que lhe ajuntasse  
O titulo que tinha, porque estava  
Isento de pagar os seus impostos :  
Que elle sabe mui bem, que o mesmo Christo  
Mandou ao velho Pedro, que pagasse  
A Cesar os tributos em seu nome.  
E Christo, figurado em uma Imagem,  
Não tem mais isenções, que teve o proprio.

Pegava o seu *Matusio* já na penna,  
Quando lembra, ao bom Chefe, o que decretão  
Os Canones da Igreja, que concedem,  
Que para se fazerem obras pias,  
Até os sacros vasos se alienem.  
Infere daqui logo, que este carro  
Não gosa de isenção ; porque supposto  
Se possa numerar nos bens da Igreja,  
Conforme as Decretaes até podia  
Neste caso vender-se, por ser obra  
Mais pia do que todas, a Cadêa :  
Lança mão elle mesmo então da penna,  
E põe na petição um — Escusado —  
Com uns rabiscos taes, que ninguém sabe  
Ao menos conhecer-lhe uma só letra.  
Agora dirás tu : Meu bom Critillo,  
Não se isentar a Christo desse imposto,  
Foi um grande tesão , mas necessario,  
Por não se abrir a porta a mãos exemplos :  
Antes o Santo Christo é que devia  
Mandar o carro logo, como Mestre  
Da sublime Virtude ; e desta sorte  
Obrou o mesmo Christo, em outro tempo,  
Mandando que pagasse Pedro a Cesar

O tributo — por elle, quando estava  
Por um dos filhos ser, mui bem isento.  
Mas se esse Santo Christo não podia  
Por dias dispensar os bois e carro,  
Porque não se valeo do tal *Matusio*,  
Do poeta *Roberio*, e de outros trastes,  
Por quem aqui se conta, que pratica  
O grande Fanfarrão os seus milagres ?  
Tu instas, Dorotheo, qual o mestraço,  
Quando por defender a sua escola,  
Arregaçando o braco, o pé batendo,  
E enchendo as cordovêas, grita e ralha.  
Mas eu, presado Amigo, com bem pouco  
Te bôto esse argumento todo abaixo.  
Em primeiro lugar, o Santo Christo -  
É homem muito serio ; e por ser serio,  
Não tem com essa gente um leve tracto :  
Em segundo lugar é muito pobre,  
Só dá aos seus devotos Indulgencias  
Com annos de perdão, e destas drogas  
Não fazem taes validos nenhum caso.

Ora pois, louco Chefe, vai seguindo  
A tua pretensão : trabalha, esforça

Por fazer immortal a tua fama ;  
Levanta um edificio em tudo grande ;  
Um soberbo edificio, que desperte  
A dura emulação na propria Roma.  
Em cima das janellas e das portas  
Põe sabias inscripções, põe grandes bustos ;  
Que eu lhes porei por baixo os tristes nomes  
Dos pobres innocentes, que gemêrão  
Ao peso dos grilhões ; porei os ossos  
Daquelles, que os seus dias acabárão  
Sem Christo, e sem remedios, no trabalho.  
E nós, indigno Chefe, e nós veremos,  
A quaes destes padrões não gasta o tempo.

---

## CARTA 3.

Em que se contão as desordens feitas nas festas que se celebrarão nos  
Desposorios do nosso Serenissimo Infante com a Serenissima Infanta  
de Portugal.

Tu já tens, Dorotheo, ouvido historias,  
Que podem commover a triste pranto  
Os seccos olhos dos crueis Ulysses.  
Agora, Dorotheo, enxuga o rosto,  
Que eu passo a relatar-te cousas lindas.  
Ouvirás uns successos, que te obriguem  
A soltar gargalhadas descompostas,  
Por mais que a boca com a mão apertes,  
Por mais que os beijos já convulsos mordas.  
Eu creio, Dorotheo... Porem, aonde  
Me leva tão errado o meu discurso?  
Não esperes, Amigo, não esperes  
Por mais galantes casos que te conte,  
Mostrar no teu semblante um ar de riso.  
Os grandes desconcertos que executão

.

Os homens que governão, só motivão  
Na pessoa composta horror e tédio.  
Quem pôde, Dorotheo, zombar contente  
Do Cesar dos Romanos, que gastava  
As horas em caçar immundas moscas ?  
Apenas isto lemos, o discurso  
Se afflige na certeza, de que um Cesar  
De espirito tão baixo não podia  
Obrar um facto bom no seu governo.  
Não esperes, Amigo, não esperes  
Mostrar no teu semblante um ar de riso ;  
Espera, quando muito, lêr meus versos,  
Sem que molhe o papel amargo pranto,  
Sem que rompa a leitura alguns suspiros.

Chegou à nossa Chile a doce nova,  
De que Real Infante recebêra  
Bem digna do seu leito casta Esposa.  
Reveste-se o Baxá de um genio alegre,  
E para bem faltar os seus desejos,  
Quer que ás expensas do Senado e povo  
Arda em grandes festins a terra toda.  
Escreve-se ao Senado extensa Carta  
Em ar de Magestade, em frase Moura ;

E nella se lhe ordena, que prepare,  
Ao gosto das Hespanhas, bravos touros;  
Ordena-se tambem, que nos theatros  
Os tres mais bellos dramas se estropeem,  
Repetidos por bocas de mulatos.  
Não esquecem em fim as cavalhadas :  
Só fica, Dorotheo, ao livre arbitrio  
Dos pobres Camaristas repartirem  
Bilhetes de convite pelas damas.

Amigo Dorotheo, ah ! tu não podes  
Pesar o desconcerto dessa Carta,  
Emquanto não souberes a Lei propria,  
Que aos festejos Reaes prescreve a norma.

Emquanto, Dorotheo, a nossa Chile  
Em toda a parte tinha á flôr da terra  
Extensas e abundantes minas de ouro,  
Em quanto os taberneiros ajuntavão  
Immenso cabedal em poucos annos,  
Sem terem nas Tabernas fedorentas  
Outros mais sortimentos, que não fossem  
Os queijos, a cachaça, o negro fumo,  
E sobre as prateleiras poucos frascos :

Em quanto em fim as negras quitandeiras  
Á custa dos amigos só trajavão  
Vermelhas capas de galões cobertas,  
De galacês e tissos ricas saias:  
Então, presado Amigo, em qualquer festa  
Tirava liberal o bom Senado  
Dos cofres chapeados grossas barras.  
Chegarão taes despezas á noticia  
Do Rei prudente, que a virtude prêza ;  
E vendo, que estas rendas se gastavão  
Em touros, cavahadas e comedias,  
Applicar-se podendo a cousas santas ;  
Ordena providente, que os Senados  
Nos dias, em que devem mostrar gosto  
Pelas Reaes fortunas, se moderem,  
E só fação cantar no Templo os hymnos,  
Com que se dão aos Céos as justas graças.

Ah ! meu bom Dorotheo, que feliz fôra  
Esta vasta Conquista, se os seus Chefes  
Com as Leis dos Monarchas se ajustassem !  
Mas alguns não presumem ser vassallos ;  
Só julgão que os Decretos dos Augustos  
Tem força de Decretos, quando ligão

Os braços dos mais homens, que elles mandão ;  
Mas nunca quando ligão os seus braços.

Com esta sabia Lei replica o corpo  
Dos pobres Senadores, e pondêra,  
Que o severo Juiz, que as contas toma,  
Lhes não ha de approvar tão grandes gastos.  
Da sorte, Dorotheo, que o bravo potro,  
Quando a sella recebe a vez primeira,  
Emquanto não sacode a sella fóra,  
E faz em dous pedaços cilha e rédea,  
Mette entre os duros braços a cabeça,  
E dá, saltando aos ares, mil corcôvos :  
Assim o irado Chefe não atura  
O freio desta Lei, espuma e brama,  
Arrepella o cabello, a barba torce,  
E emquanto entende, que o Senado zéla  
Mais as Leis, que o seu gôsto, não descança.

Aos tristes Senadores não responde ;  
Mas manda-lhes dizer, que a não fazerem  
Os pomposos festejos, se preparem  
Para serem os guardas dos forçados,  
Trocando as varas em chicote e relho.

¿ Já viste, Dorotheo, que o grande Chefe,

c. c.

7

O defensor das Leis, o mesmo seja,  
Que insulte, que ameace ao bom vassallo,  
Que intenta obedecer ao seu Monarcha?  
Pois ainda, Dorotheo, não viste nada.  
Um monstro, um monstro destes não conhece,  
Que exista alguém maior, que ousado possa,  
Ou na terra, ou no Céu, tomar-lhe conta.  
! Infeliz, Dorotheo, de quem habita  
Conquistas do seu dono tão remotas !  
Aqui o povo geme, e os seus gemidos  
Não podem, Dorotheo, chegar ao Throno ;  
E se chegão, succede quasi sempre  
O mesmo que succede nas tormentas,  
Aonde o leve barco se sossobra,  
Aonde a grande não resiste ao vento.

! Que peito, Dorotheo, que peito pôde  
Constante persistir em sãos projectos,  
Ouvindo as ameaças do Tyranno,  
E junto já de si o som dos ferros !  
Sómente, Dorotheo, os homens santos,  
Que a sua Lei defendem, vem os potros,  
Vem cruces, cadafalsos e cutelos,  
Com rosto socegado. Os outros homens  
Não podem, Dorotheo, não podem tanto.

Á força de temor o bom Senado  
Constancia já não tem ; affrouxa e cêde.  
Sómente se disputa sobre o modo  
De ajuntar-se o dinheiro, com que possa  
Supprir tamanho gasto o grande Albergá.  
Uns dizem, que das rendas do Senado  
Tiradas as despezas nada sobra :  
Os outros accrescentão, que se devem  
Parcelas numerosas impagaveis  
Ás consternadas amas dos expostos ;  
Uns ralhão, outros ralhão ; mas ¿ que importa ?  
Todos arbitrios dão, nenhum acerta.  
Então o grande Albergá, que preside,  
Vendo esta confusão, na mesa bate,  
E levantando a voz pausada e forte,  
A importante questão assim decide :  
« Ha dinheiro, Senhores, ha dinheiro ;  
« Vendão-se os castiças, tinteiro e bancos,  
« Venda-se o proprio panno e mesa velha ;  
« Quando isto não baste, ha bom remedio ;  
« As fazendas se tomem, não se paguem ;  
« E para autorisardes esta industria,  
« Eu vos dou, Cidadãos, o meu exemplo. »

Intentão replicar-lhe os Camaristas,  
A tão baixos calotes nunca affeitos ;  
Mas elle, que não soffre mais instancia,  
As grossas sobranceiras arqueando,  
Desta sorte prosegue em tom azedo :  
« Se os meus santos conselhos se despresão,  
« Depressa vou dar parte ao nosso Chefe.  
« | Ah! pobres Cidadãos, se assim o faço !  
« Já se me representa, que vos sinto  
« Gemer debaixo dos pesados ferros. »  
| Só tu, maroto Alberga, só tu podes  
Desta sorte fallar aos teus collegas !  
¿ Que importa que os accuses, e que importa  
Que os prenda com grilhões o duro Chefe ?  
São ferros estes, ferros muito honrados ;  
Que a honra só consiste na innocencia.

Apenas, Dorotheo, o vil *Alberga*  
Falla em queixa fazer ao nosso Chefe,  
De susto os Camaristas nem respirão ;  
Quaes chorosos meninos, que emmudecem,  
Quando as amas lhes dizem : cála, cála,  
Que lá vêm o tútú que papa a gente.

Mandão-se apregoar as grandes festas :

Acompanha ao pregão luzida tropa  
De velhos Senadores : estes trajão  
Ao modo cortezão, chapéos de plumas,  
Cápas com bandas de vistosas sedas.

Chega enfim o dia suspirado,  
O dia do festejo : todos correm  
Com rostos de alegria ao santo Templo :  
Celebra o velho Bispo a grande Missa ;  
Porem o sabio Chefe não lhe assiste  
Debaixo do espaldar ao lado esquerdo ;  
Para a tribuna sóbe e alli se assenta.  
Uns dizem, Dorotheo, fugio prudente,  
Por não ver assentados os padrecos  
Na Capella maior acima delle.  
Os outros sabichões, que a causa indagão,  
Discorrem, que o Senado lhe devia  
Erguer no Presbyterio docél branco,  
Em honra delle ser Lugar-Tenente.  
Mas eu com estes votos não concordo,  
E julgo afoito, que a razão foi ésta :  
Porque estando patente, e tendo posto  
O seu chapéo em cima da cadeira,  
Pudéra duvidar-se, se devia  
O Bispo ter a mitra na cabeça.

Acaba-se a função : e o nosso Chefe  
À casa com o Bispo se recolhe ;  
A nobreza da terra os acompanha,  
Até que montão a dourada sege.  
Aqui, meu Dorotheo, o Chefe mostra  
O seu desembaraço, e o seu talento !  
Só n'uma função destas se conhece,  
Quem tem andado terras, onde habitão  
Despidas dos abusos sabias gentes !  
Vai passando por todos, sem que abaixe  
A emproada cabeça, qual mandante,  
Que passa pelo meio das fileiras.  
Chega junto da sége, á sége sóbe,  
E da parte direita toma assento.  
O Bispo, o velho Bispo atraz caminha,  
Em ar de quem se teme da desfeita :  
Com passos vagarosos chega á sége ;  
Encaixa na estribeira o pé cançado,  
E duas vezes por subir forceja ;  
Acodem alguns padres respeitosos,  
E por baixo dos braços o sustentão :  
Então com mais alento o corpo move,  
Dá o terceiro arranco, o salto vence,  
E sem poder soltar uma palavra,

Ora vermelho, ora amarello fica  
Do nosso Fanfarrão ao lado esquerdo.  
Agora dirás tu : que bruto é esse ?  
Póde haver um tal homem, que se atreva  
A pôr na sua sége ao seu Prelado  
Da parte da boléa ? Eu tal não creio.  
Amigo Dorotheo, estás mui ginja ;  
Já lá vão os rançosos formularios,  
Que guardavão á risca os nossos velhos :  
Em outro tempo, Amigo, os homens sérios  
Na rua não andavão sem florete ;  
Trazião cabelleira grande e branca,  
Nas mãos os seus chapéos ; agora, Amigo,  
Os nossos proprios bécas tem cabello ;  
Os grandes sem florete vão á Missa,  
Com a chibata na mão, chapéo fincado,  
Na fórmula, em que passeão os caixeiros.  
Ninguem antigamente se sentava  
Senão direito e grave nas cadeiras ;  
Agora as mesmas damas atravessão  
As pernas sobre as pernas. N'outro tempo  
Ninguem se retirava dos amigos,  
Sem que dissesse-Adeos- : agora é moda,  
Sahirmos dos congressos em segredo.

Pois corre, Dorotheo, a paridade,  
Que os costumes se mudão com os tempos.  
Se os antigos fidalgos sempre davão  
O seu direito lado a qualquer padrê,  
Acabou-se esta móda: o nosso Chefe  
Vindica os seus direitos: vê, que o Bispo  
É um grande, que foi, a pouco, frade,  
E não póde hombrear com quem discende  
De um bravo Patagão, que sem disputa,  
Lá nos tempos de Adão já era grande.

Na tarde, Dorotheo, do mesmo dia  
Sahe uma Procissão de poucos negros,  
E padres revestidos só composta;  
Que os brancos e os mulatos se occupavão  
Em guarnecer as ruas; pois que todos  
Occupados estão nas Régias Tropas.  
Caminha o nosso Chefe, todo Adonis,  
Diante da bandeira do Senado;  
Alguns dos rigoristas não lh'o approvão,  
Dizendo, que devia respeitoso,  
Da maneira que sempre praticarão  
Os seus Antecessores, ir ao lado,  
Por ser ésta bandeira um estandarte,

Onde tremulão do seu Reino as Armas.  
Mas eu o não censuro, antes lhe louvo  
A prudencia, que teve ; pois suppunha,  
Que á vista do seu sangue e seu caracter  
Podia muito bem querer metter-se  
Debaixo, Dorotheo, do proprio Pallio.  
Que destrás evoluções não fez a Tropa !  
Uns ficão ao passar do Sacramento  
Com as suas barretinas nas cabeças ;  
Os outros se descobrem e ajoelhão ;  
E enquanto não se avança o nosso Chefe,  
Prostrados se conservão, e devotos  
Não cessão de ferir os brandos peitos.  
Ah ! Grande General ! com esta Tropa  
Tu podes conquistar o mundo inteiro !  
Forão muito felices os Lorenas,  
Os Condés, os Eugenios, e outros muitos,  
Em tu não floreceres nos seus tempos.  
Meu caro Dorotheo, os sapateiros  
Entendem do seu couro ; os mercadores  
Entendem de fazenda ; os alfaiates  
Entendem de vestidos ; em fim todos  
Podem bem entender dos seus officios ;  
Porém querer o Chefe , que se formem

Disciplinadas tropas de tendeiros ,  
De moços de tabernas , de rapazes ,  
E bisonhos roceiros , é delirio ;  
Que o soldado não fica bom soldado ,  
Sómente porque veste *curta farda* ,  
Porque limpa as correas , tinge as botas ,  
E com trapos engrossa o seu rabicho .

A negra noite em dia se converte  
Á força das tigélas e das tochas ,  
Que em grande cópia nas janellas ardem .  
Aqui o bom Roberio se distingue ;  
Compõe algumas quadras , que baptisa ,  
Com o distincto nome de epigrammas ,  
E pedante rendeiro as dependura  
Na dilatada frente , que illumina ,  
Fazendo-as escrever em lindas tarjas .  
Rançoso e máo Poeta , não nasceste  
Para cantar heróes , nem cousas grandes !  
Se te queres moldar aos teus talentos ,  
Em tosca frase do Paiz sómente  
Escreve trovas , que os mulatos cantem .

Andava , Dorotheo , alegre a gente  
Em bandos pelas ruas . Então vejo

Ao famoso Roquerio neste traje :  
As chinellas nos pés , descalça a perna ,  
Um chapéo muito velho na cabeça ,  
E fôra dos calções a porca fralda ;  
Em um roto capote mal se embrulha ,  
E grande varapão na mão sustenta ,  
Que mais de estorvo , que de arrimo serve ;  
Pois a cachaça ardente , que o alegra ,  
Lhe tira as forças dos robustos membros ,  
E põe-lhe peso na cabeça leve.  
Não repares , Amigo , que te conte  
Este successo , que parece estranho :  
Este grande Roquerio é um daquelles ,  
Que assenta á sua mesa o nosso Chefe.  
Agora , Amigo , vê , se esta pintura  
Não póde muito bem á nossa historia ,  
Sem violencia servir tambem de enfeite.

Fiquemos , Dorotheo , aqui por ora ;  
Pois de tanto escrever a mão já cança.  
Em outra contarei o mais , que resta ,  
E vi no grão Passeio , e mais no Curro ,  
Aonde as cavalhadas se fizerão ,  
Aonde os mãos capinhas maltratarão  
Em vez de touros , mansos bois e vaccas.

---

## CARTA 6.<sup>a</sup>

Em que se conta o resto dos Festejos.

Eu hontem , Dorotheo , fechei a Carta ,  
Em que te relatei da Igreja as festas ;  
E como trabalhava , por lembrar-me  
Do resto do festejo ; mal descanso  
Na cama os lassos membros , me parece ,  
Que vou entrando na formosa Praça.  
Não vejo , Dorotheo , um Curro feito  
De pedaços informes de outros curros ;  
Sim vejo o mesmo Curro , que o bom Chefe  
Riscou na secca praia ; e nelle vejo  
As mesmas armações e as mesmas caras ;  
Ora vou , doce Amigo , aqui pinta-lo.

Na frente se levanta um camarote  
Mais alto do que todos uma braça :  
Enfeitão seu prospecto lindas colchas ,  
E pendentes cortinas de Damasco ,  
À direita se assenta o nosso Chefe :  
Os regios magistrados não o cercão ,  
Nem o cerca tambem o nobre corpo

Dos velhos Cidadãos ; aquelle mesmo ,  
Que faz de toda a festa os grandes gastos.  
Com elle só se assenta a sua côrte ,  
Que toda se compõe de novos Martes.  
Aqui alguns conheço , que inda vivem  
De darem o sustento , o quarto , a roupa ,  
E capim para a besta a quem viaja.  
Conheço finalmente a outros muitos ,  
Que forão almocreves e tendeiros ,  
Que forão alfaiates , e fizerão ,  
Puchando a dente o couro , bem sapatos.  
Agora , doce Amigo , não te rias ,  
De veres , que estes são aquelles grandes ,  
Que em presença do Chefe encostar podem  
Os queixos nos bastões das finas canas.  
Os postos , Dorotheo , aqui se vendem ,  
E como as outras drogas que se comprão ,  
Devem daquelles ser que mais os pagão.

No meio desta turba vejo um vulto ,  
Que moça me parece, pelo traje :  
Não posso conceber o como deva  
Estar uma senhora em tal palanque.  
O Chefe (eu discorria) inda é solteiro.  
E quando não o fosse , a sua Esposa

Não havia sentar-se com barbados.  
Mil cousas, Dorotheo, mil cousas feias  
Me suggere a malicia; e todas falsas:  
Applico mais a vista, então conheço,  
Que é uma muito esperta mulatinha,  
Que dizem filha ser do seu lacaio.  
Eis-aqui, Dorotheo, o como ás vezes  
Infames testemunhos se levantão  
Ás pessoas mais sérias: só Deos sabe  
O que tambem dirão do teu Critillo!  
Mas tu, prezado Amigo, não te afflijas,  
Que tudo é desta classe, e se vivêres,  
Ainda o has-de ver obrar milagres.

Pegado ao camarote do bom Chefe,  
Se vê outro palanque igual em tudo  
Aos rasos camarotes do mais povo:  
Aqui tem seu lugar os Senadores;  
Com elles se encorpóráo outros muitos,  
Que lográrão de Edis as grandes honras.

Nos outros adornados camarotes  
Assistem as familias mais honestas:  
Aqui nada se vê, que seja pobre.  
Recrêa, Dorotheo, recrêa a vista

O vário dos matizes ; céga os olhos  
O continuo brilhar das finas pedras.  
No meio de um palanque então descubro  
A minha, a minha Nise : está vestida  
Da côr mimosa com que o Céu se veste.  
Oh quanto, oh quanto é bella, a verde Olaya,  
Quando se cobre de cheirosas flores !  
A filha de Thaumante, quando arqueia  
No meio da tormenta o lindo corpo ;  
A mesma Venus, quando toma e abraça  
O grosso êscudo e lança, porque vença  
A paixão do deos Marte com mais força ;  
Óu quando lacrimosa se apresenta  
Na sala de seu Pai, para que salve  
Aos seus Troyanos das soberbas ondas ;  
Não é, não é como ella tão formosa.  
Qual o tenro menino, a quem se chega  
Defronte do semblante a vèla acesa,  
Umas vezes suspenso, outras risonho,  
Os olhos arregala, e bem que o chamem,  
A tesa vista não separa della :  
Assim eu, Dorotheo, apenas vejo  
A minha doce Nise, qual menino,  
Os olhos nella fito cheios de agua ;

E por mais que me chamem, ou me abalem,  
De embebido que estou, não sinto nada.  
No meio, Dorotheo, de tanto assombro,  
Me finge a perturbada phantasia  
Novo successo, que me afflige, e cança.  
Apparece no Curro passeando  
Sexagenario velho em ar de moço :  
Traja uma curta veste, calções largos  
Da cor da secca rosa, a quem adorna  
O brilhante galão de fina prata.  
Na bolça do cabello, que se enfeita  
De duas negras plumas e de flocos,  
Branquejão os vidrilhos ; e no peito,  
De flôres se sustenta um grande mólho :  
Traz dous anneis nos dedos, e fivêlas  
De amarellos topasios. Não caminha,  
Sem que ávante caminhe um branco pagem,  
Atraz da cadeirinha, e o seu moleque  
Em fórma de lacaio. Ah ! velho tonto !  
Esse teu tratamento imita, imita  
O estado, que tem o rei do Congo !

Ponho os meus olhos no cadúco Adonis ;  
Então se me figura, que elle offerta

A Nise uma das flôres, e que Nise  
Com ar risonho no seu peito a prega.  
Aos zelos, Dorotheo, ninguem resiste ;  
Sentem a sua força os altos deoses ;  
Os homens, mais as fêras ; e em Critillo  
Não pódes esperar paixões diversas.  
Apenas isto vejo, exasperado,  
Metto mão ao florete, e quando intento  
O peito traspassar-lhe, então acórdó ;  
E vendo-me ás escuras sobre a cama,  
Conheço que isto tudo foi um sonho.

Pintei-te, Dorotheo, o grande Curro  
Da sorte que minha alma o vio sonhando ;  
Agora vou pintar-te os mais successos,  
Que impressos ainda tenho na memoria.

Ainda, Dorotheo, no largo Curro  
Caretas não brincavão, nem se vião  
Nos rasos camarotes altas pôpas,  
Enfeites com que brilhão nescias Damas,  
Quando já no castello de madeira  
As peças fusilavão, signal certo  
De que o nosso Heróe e o velho Bispo  
No adornado palanque se assentavão.

Agora dirás tu : é forte pressa !  
Os Chefes nos theatros entrão sempre  
Às horas de correr-se acima o panno.  
Amigo Dorotheo, tu nunca viste  
Uma criança, a quem a mãe promette  
Leva-la a vêr de tarde alguma festa,  
Que logo de manhã a mãe persegue,  
Pedindo que lhe dispa os fatos velhos ?  
Pois eis-aqui, Amigo, o nosso Chefe.  
Não quer perder de estar casquilho e teso  
No erguido camarote um breve instante.

Chegão-se emfim as horas do festejo ;  
Entra na Praça a grande comitiva ;  
Trazem os pagens as compridas lanças  
De fitas adornadas , vem á dextra  
Os formosos ginetes arreados ,  
Seguem-se os cavalleiros , que cortejão  
Primeiro ao bruto Chefe , logo aos outros ,  
Dividindo as fileiras sobre os lados ;  
Não ha quem o cortejo não receba  
Em ar civil e grato ; só o Chefe  
O corpo da cadeira não levanta ,  
Nem abaixa a cabeça , qual o dono  
De miseros escravos , quando juntos

A benção vão pedir-lhe , porque sejam  
Ajudados de Deos no seu trabalho.

Feitas as cortezias do costume ,  
Os dextros Cavalleiros galopeão  
Em circulos vistosos pelo campo :  
Lógo se fôrmão em diversos corpos,  
Á maneira das tropas que apresentam  
Sanguinosas batalhas. Soão trompas ,  
Soão os atabales , os fagotes ,  
Os clarins , os boés , e mais as flautas ;  
O fogoso ginete as ventas abre ,  
E bate com as mãos na dura terra ;  
Os dous mantenedores já se avançam.  
Aqui , presado Amigo , aqui não lutão ,  
Como nos espectaculos Romanos ,  
Com forçosos leões , malhados tigres ,  
Os homens peito a peito , e braço a braço :  
Jogão-se encontroadas , e se atirão  
Redondas alcancias , curtas canas ,  
De que dextro inimigo se defende  
Com fazel-as no ar em dous pedaços.  
Ao fogo das pistolas se desfazem  
Nos postes as cabeças : umas ficão

Dos ferros traspassadas ; outras voão  
Sacudidas das pontas das espadas ;  
Airoso cavalleiro ao hombro encosta  
A lança no principio da carreira ;  
No ligeiro cavallo a espora bate ;  
Desfaz com mão igual o ferro , e lôgo  
Que leva uma argolinha , a rédea toma ,  
E faz que o bruto pare. Doces côros  
Applaudem o successo, enchendo os ares  
De grata melodia. Então vaidoso,  
Guiado de um padrinho, ao Chefe leva  
O signal da victoria , que segura  
Na dextra aguda lança. O bruto Chefe  
Acceita a offerta em ar de magestade ;  
À maneira dos amos , quando tomão  
As cousas que lhes dão os seus criados.  
Nestes , e n'outros brincos innocentes ,  
Se passa , Dorotheo , a alegre tarde.

Já no sereno Céu resplandecião  
As brilhantes estrellas, os morcegos ,  
E as toucadas corujas já voavão ,  
Quando , presado Amigo , nas janellas  
Do nosso Sant'Iago se accendião,

Em signal de prazer, as luminarias ;  
Ardem pois nas janellas de Palacio  
Duas tôchas de páo , e sobre a frente  
Da casa do Senado se levanta  
Uma extensa armação, a quem enfeitão  
Quatro mil tigelinhas. *Meu Alberga* ,  
Aqui o premio tens do teu trabalho ;  
Tu farás de torcidas e de azeite  
Aos tristes Camaristas contas largas ;  
E as arrobas de sebo , que não arde ,  
Desfeitas em sabão, mui bem te podem  
Toda a roupa lavar por muitos annos.

Nas margens , Dorotheo , do sujo corgo ,  
Que banha da Cidade a longa fralda ,  
Ha uma curta praia toda cheia  
De já lavados seixos : neste sitio  
Um formoso passeio se prepara:  
Ordena o sabio Chefe , que se cortem  
De verdes laranjeiras muitos ramos,  
E manda , que os enterrem nesta praia ,  
Fingindo largas ruas. Cada tronco  
Tem debaixo das folhas uma taboa  
Sem lavor , nem pintura , que sustenta

Doze tigelas do grosseiro barro;  
No meio do passeio estão abertas  
Duas pequenas côvas pouco fundas ,  
Que lagos se appellidão ; sobre as bordas  
Ardem mil tigelinhas , e o azeite  
Que corre , Dorotheo , dos côvos cacos ,  
Inda é mais , do que são as sujas aguas ,  
Que nem os fundos cobrem destes tanques.  
A tão formoso sitio tudo acode ,  
Ou seja de um , ou seja de outro sexo ,  
Ou seja de uma , ou seja de outra classe.  
Aqui lascivo amante, sem rebuço ,  
Á torpe concubina offerta o braço ;  
Alli mancebo ousado assiste e falla  
Á simples filha, que seus páes recatão,  
A ligeira mulata em trages de homem  
Dança o quente lundú , e o vil batuque ;  
E aos cantos do passeio inda se fazem  
Acções mais feias, que a modestia occulta.  
Meu caro Dorotheo, meu doce Amigo,  
Se queres, que este sitio te compare,  
Como serio poeta, aqui tens Chipre  
Nos dias em que os povos tributavão  
Á Deosa tutelar alegres cultos.

Se queres, que o compare, como um homem,  
Que alguma noção tem das Sacras Letras,  
Aqui Sodoma tens, e mais Gomhorra.  
Se queres finalmente, que o compare  
A lugar mais humilde em tom jocoso,  
Aqui, Amigo, tens esse afamado  
Quilombo, em que viveu o pai Ambrosio.

Depõe o nosso Chefe a magestade,  
E por vêr as madamas, rebuçado  
No capote de bérne, corre as ruas,  
Seguido, Dorotheo, das suas guardas ;  
Depois de dar seus gyros, vai sentar-se  
Em um dos toscos bancos, onde tomão  
Assento certas moças que pudérão,  
Não sei porque razão, cahir-lhe em graça ;  
Não diz uma fineza ás taes mocinhas ;  
Pois não é, Dorotheo, porque não saiba,  
Que elle tem muito estudo de Florinda,  
Da Roda da Fortuna, e de outros livros,  
Que dão aos seus leitores grande massa ;  
É sim por sustentar a gravidade  
Que no publico pede o seu emprego ;  
Mas para lhes mostrar o quanto as préza,  
(O' fôrça milagrosa de Bestunto !)

Descobre esta feliz e nova traça :  
Vai sentar-se na ponta do banquinho,  
Umás vezes suspende ao ar o corpo,  
Outras vezes carrega sobre a taboa,  
E desta sorte faz que as bellas moças,  
Movidas do balanço, dêem no vento  
Milhares e milhares de embigadas.

Chega-se, Dorotheo, defronte delle  
Um mascara prendado : não estima  
Os discretos conselhos ; nem se agrada  
De ver executar vistosos passos.  
Manda sim, que arremede um nosso Bispo ;  
Que arremede também o modo e gèsto  
De um nosso General. São estes momos  
Os unicos que podem commovel-o  
No publico a mostrar risonha cara.  
O' alma de fidalgo, ó Chefe digno  
De vestir a libré de um vil lacaio !

Crescêrão, doce Amigo, alguns foguetes  
Da noite em que o Senado fez no Curro  
De polvora queimar barris immensos.  
Em uma noite clara, qual o dia,  
Ordena, que os foguetes vão aos ares ;

Vai-se pôr no passeio reclinado  
Sobre um monte de pedras ; faz-lhe côrte  
A velha poetiza, que repete  
Um soneto que fez a certos males.  
Começão os vapores do Ribeiro  
A formar sobre a terra nuvens densas ,  
Não se vêm dos foguetes os chuveiros,  
Não se vêm as estrellas, nem as cobras,  
Mas elle os deixa arder, e gasta a noite  
Contente com ouvir alguns estalos,  
E a bulha que elles fazem, quando sobem.

Já chega, Dorotheo, o novo dia,  
O dia em que se correm bois e vaccas.  
Amigo Dorotheo, é tempo, é tempo  
De fazer-te excitar no peito brando  
Affectos de ternura, de odio, e raiva.  
No dia, Dorotheo, em que se devem  
Correr os mansos touros, acontece  
Morrer a casta esposa de um mulato,  
Que a vida ganha por tocar rabeca;  
Dá-se parte do caso ao nosso Chefe :  
Este, prezado Amigo, não ordena,  
Que outro musico vá no lugar delle

A rabeca tocar no prompto carro ;  
Ordena que elle escolha ou a cadêa,  
Ou ir tocar a doce rabequinha  
Naquella mesma tarde pela praia.  
Que é isso, Dorotheo, estás confuso ?  
Duvidas que isto seja ou não verdade ?  
Então que has-de fazer, quando me ouvires  
Contar desordens que ainda são mais calvas ?  
Indigno, indigno Chefe, as Leis sagradas  
Não querem se incommodem alguns dias  
Os parentes chegados dos defuntos,  
Ainda para cousas necessarias ;  
E tu, cruel, violentas um marido  
A deixar sobre a terra o frio corpo  
Da sua terna esposa, sem que tenhas  
Ao menos uma honesta e justa causa !  
Barbaro, tu praticas tudo junto  
Quanto obrárão no mundo os máos tyrannos !  
Mezencio ajuntava os corpos vivos  
Aos corpos já corruptos , e tu segues  
Outros caminhos, que inda são mais novos.  
Separas dos defuntos os que vivem ,  
Não queres que os parentes sejam pios,  
Dando as ultimas honras aos seus mortos !

**Chega-se finalmente a tarde alegre  
Do festejo dos touros. Já no Curro  
Apparecem os dous formosos carros.  
O primeiro derrama sobre a terra,  
Por bocas de serpentes escamosas,  
Dous puros chorros de agua ; no segundo  
Se levantão alegres doces vozes,  
Que varios instrumentos acompanhão.  
Aqui entre os que tócão se divisa  
Um triste rosto , que se alaga em pranto.  
Não sabes , Dorotheo , quem este seja ?  
Pois é , presado Amigo , aquelle triste ,  
Que tem a mulher morta sobre a cama.  
O nosso grande Chefe mal conhece  
Ao pobre do viuvo , compassivo  
Mette a mão no seu bolço , e delle tira  
Um famoso cartuxo , que lhe entrega ;  
O nescio rabequista , que a acção nota ,  
Um pouco suavisa a sua mágoa ;  
E emquanto não recebe o tal embrulho ,  
Comsigo assim discorre : Que ditosa ,  
Que ditosa violencia , que soccorre  
Em tal occasião a minha falta !  
Já tenho com que pague ao meu vigario ;**

Já tenho com que pague a cera , a cova ,  
A mortalha , o caixão , e mais os padres ;  
Assim o bom viuvo discorria ,  
Quando péga no embrulho , e mal o rasga ,  
Encontra , Dorotheo , confeitos grandes ,  
Encontra manuscristi , e rebuçados.  
Que é isso , Dorotheo , de novo pasmas ?  
De novo desconfias da verdade ?  
Amigo Dorotheo , o nosso Chefe  
Estudou Medicina , e como alcança  
Que o chorar faz defluxo , providente  
Ministra rebuçados a quem chora ,  
Para com elles acudir-lhe ao peito.  
Principião os touros , e se augmentão  
Do Chefe as parvoices. Manda á Praça  
Sem regra , sem discurso , e sem concerto.  
Agora sahe um touro levantado ,  
Que ao máo capinha sem fugir espera ;  
Acena-lhe o capinha , elle recúa ,  
E atira com as mãos ao ar , á terra.  
Acena-lhe o capinha novamente ;  
De novo raspa o chão , e logo investe ;  
Lá vai o máo capinha pelos ares ,  
Lá se estende na arêa , e o bravo touro

Lhe dá com o focinho um par de tombos ,  
Nem deixa de pisa-lo , em quanto o nescio  
Não segue o meio de fingir-se morto.  
Meu esperto boisinho , em paz te fica ;  
Que o nosso Chefe ordena , te recolhão ,  
Sem fazeres mais sorte , e te reserva  
Para ao Curro sahires , quando forem  
Do Senhor do Bom Fim as grandes festas.  
Agora sahe um touro , que é prudente ;  
Se o capinha o procura , logo fôge ;  
Os caretas lhe dão mil apupadas :  
Um lhe péga no rabo , e o segura ;  
Outro intenta monta-lo ; e o grande Chefe  
O deixa passear por largo espaço ;  
Manda soltar-lhe os cães , manda metter-lhe  
As garrochas de fogo , que primeiro  
Que a pelle rompão do ligeiro bruto ,  
Nos destros dedos do capinha estálão.  
Com estes mãos festejos que aborrecem ,  
Se gastão muitos dias. Já o povo  
Se cança de assistir na triste Praça ;  
E ao ver-se solitario o bruto Chefe ,  
Nos trata por incultos , mais ingratos.

Soberbo e louco Chefe , que proveito  
Tiraste de gastar em frias festas  
Immenso cabedal , que o bom Senado  
Devia consumir em cousas santas ?  
Suspirão pobres amas , e padecem  
Crianças innocentes , e tu podes  
Com rosto enxuto ver tamanhos males ?  
Embora sacrifica ao proprio gosto  
As fortunas dos povos , que governas ;  
Virá dia em que mão robusta e santa ,  
Depois de castigar-nos , se condôa ,  
E lance na fogueira as varas torpes.  
Então virão aquelles que chorarão ;  
Então talvez que chores , mas debalde ;  
Que suspiros e prantos nada lucrão  
A quem os guarda para muito tarde.

---

## CARTA 7.<sup>a</sup>

Ha tempo, Dorotheo, que não prosigo  
Do nosso Fanfarrão a longa historia.

. . . . .  
. . . . . ,  
. . . . .  
. . . . .

Que não busque cobril-os com tal capa,  
Que inda se persuada, que os mais homens  
Lh'os ficão respeitando como acertos ?  
Em quanto ao conhecer destes despêjos,  
Pespega á lei a boa intelligencia,  
Que extensiva se chama : sim entende,  
Que aonde o Rei ordena que só haja  
Recurso a elle mesmo, nos faculta  
Recurso aos Generaes ; pois que estes fazem  
Em tudo, e mais que em tudo as suas vezes.  
Ah ! dize, meu Amigo, se podia  
Dar-lhe outra intelligencia o mesmo Acursio ?

Esse grande Doutor, que já nos finge  
Nos principios de Roma conhecida  
A Divina Trindade, e que pondéra,  
Que do Cão, que na palha está deitado,  
A velha Fusia lei se diz Canina.  
| Maldito, Dorotheo maldito seja  
O páe de Fanfarrão, que deo ao mundo,  
Ao mundo litterario tanta perda,  
Criando ao habil filho n'uma Côrte,  
Qual morgado que habita em pobre Aldêa !  
Ah ! se elle, doce Amigo, assim discorre,  
Sabendo apenas ler redonda letra,  
| Que abysmo não seria, se soubesse  
Verter o Breviario em tosca prosa !  
Se entrasse em Salamanca, e alli ouvisse  
Explicar a questão d'aquella escrava  
Que foi manumettida em testamento,  
Se tres filhos parisse ; e outras muitas,  
Que os lentes nos ensinão desta casta !

Em quanto, Dorotheo, ao outro ponto  
De julgar aos expulsos innocentes,  
Tambem razão lhe dou ; porque primeiro  
Se informa com aquelles, que os réos dizem,

Que sabem mais que todos do seu caso.  
Nem é de presumir que estes lhe faltem  
À verdade, jurando; pois tem alma.  
Sê boa testemunha meu páesinho,  
A quem o vulgo chama *pé de pato*.  
Confessa, se não foste o que juraste  
Que dêste uma denuncia, e fôra falsa.  
¿ Indigno e bruto Chefe, em que direito  
Entendes que se firmão taes processos?  
¿ Um réo, a quem condemna um Magistrado,  
Póde mostrar o injusto da sentença,  
Dando umas testemunhas que jurarão  
Sem haver citação da sua parte?  
¿ Dando umas testemunhas inquiridas  
Por Juiz que não póde perguntal-as?  
¿ E como, louco Chefe, e como sabes  
Que a defeza convence, se nem viste  
Os autos, em que a culpa está formada?  
Supponho que jurarão novamente  
Aquelles mesmos, que as denuncias dêrão.  
¿ O segundo contrario juramento  
Não é que se reputa sempre o falso?  
¿ E quem chega a comprar um grande Chefe,  
Não póde inda melhor comprar um negro?

Amigo Dorotheo, estes pretextos  
São como as bigodeiras, que não podem  
Fazer se não conheção as pessoas  
Que dançam nos theatros por dinheiro.

Não lucra, doce Amigo, o nosso Chefe  
Sómente em revogar os exterminios,  
Que fazem os Ministros: elle mesmo  
Ordena se despejem os ricos,  
Ainda que estes vivão sem suspeita  
Do infame contrabando; desta sorte,  
Os obriga tambem a vir á tenda  
Comprar por grossas barras seus despachos.  
Todos largão em fim, e todos entrão  
No vedado districto, sem que importe  
Haver ou não haver de crime indício.  
Só tu, meu Josefino, só tu ficas  
No mandado desterro, por teimares.  
Em não querer largar ao vil Matusio  
Uns tantos mil cruzados que pedia.  
Só tu... Porém, Amigo, é tempo, é tempo  
De fechar esta Carta, pois ainda  
Que a materia por nova te deleite  
A muita diffusão tambem enfada.

Eu a penna deponho, e só te peço,  
Que tomes a lição que te apresenta  
O nosso Fanfarrão no seu mulato.  
Não desfaças, Amigo, as ruças bécas ;  
Vai-as distribuindo aos teus lacaios,  
Bem como faz o Chefe ás suas fardas ;  
Que, enquanto estes a rompem, poupão  
As librés amarellas aceadas.

---

## **CARTA 3.<sup>a</sup>**

**Em que se trata da venda dos Despachos e Contractos.**

Os Grandes, Dorotheo, da nossa Hespanha  
Tem diversas herdades : uma dellas  
Dão trigo, dão centeio, e dão cevada,  
As outras tem cascatas e pomares,  
Com outras muitas peças, que só servem  
Nos calmosos verões de algum recreio.  
Assim os Generaes da nossa Chile  
Tem diversas fazendas : n'umas passam  
As horas de descanso ; as outras gerão  
Os milhos, os feijões, e os uteis fructos,  
Que podem sustentar as grandes casas.  
As quintas, Dorotheo, que mais lhes rendem,  
Abertas nunca são do torto arado.  
Quer chova de continuo, quer se gretem  
As terras, ao rigor do sol intenso,  
Sempre gerão mais fructos, do que as outras  
No anno, em que lhes corre ao proprio o tempo.  
Estas quintas, Amigo, não produzem  
Em certas estações, produzem sempre ;

Que os nossos Generaes tomando a fouce  
Vão fazer nas searas a colheita.  
Produzem, que inda é mais, sem que os bons Chefes  
Se cansem com amauhos, nem ainda  
Com lançarem nos sulcos as sementes.  
Agora dirás tu de assombro cheio :  
Que ditosas campinas ! D'essa sorte  
Só pintão os Elysios os Poetas.  
Amigo Dorotheo, és pouco esperto ;  
As fazendas, que pinto, não são dessas  
Que tem para a cultura largos campos,  
E virgens mattarias, cujos troncos  
Levantão sobre as nuvens grossos ramos.  
Não são, não são fazendas, onde paste  
O lanudo carneiro e a gorda vacca,  
A vacca, que salpica as brandas hervas  
Com o leite encorpado, que lhe escorre  
Das lisas tetas, que no chão lhe arrastão ;  
Não são emfim herdades, onde as louras  
Zunidoras abelhas de mil castas  
Nos concavos das arvores já velhas,  
Que balsamos distillão, escondidas,  
Fabriquem rumas de gostosos favos.  
Estas quintas são quintas só no nome ;

Pois são os dous contractos que utilisão  
Aos Chefes inda mais que ao proprio Estado.

Cada triennio, pois, os nossos Chefes  
Levantão duas quintas ou herdades,  
E quando o lavrador da terra inculta  
Despende o seu dinheiro no principio,  
Fazendo levantar de páos robustos  
As casas de vivenda, e junto dellas,  
Em volta de um terreiro, as vis sanzalas,  
Os nossos Generaes, pelo contrario,  
Quando estas quintas fazem, logo embolsão  
Uma grande porção de louras barras.

A primeira fazenda, que o bom Chefe  
Ergueu nestas campinas, foi a grande  
Herdade que arrendou ao seu *Marquesio*.  
As linguas depravadas espalhárão,  
Que para o tal Marquesio entrar de posse,  
Largára ao grande Chefe, só de luvas,  
Uns trinta mil cruzados ; bagatella !  
Os mesmos maldizentes accrescentão,  
Que o pançudo Roberio fôra aquelle,  
Que fez de Corretor no tal contracto.

Amigo Dorotheo, eu tremo, e fujo  
De encarregar minha alma. O bom Virgilio  
Talvez, talvez que afflicto se revolva  
No meio da fogueira devorante,  
Por dizer, que adorára ao pio Enéas  
Uma casta rainha, cujos ossos  
Estavão no sepulchro já mirrados,  
Havia cousa de trezentos annos.  
Eu não te affirmo, pois, que se fizesse  
A venda vergonhosa : só te affirmo,  
Que o mundo assim o julga, e que esta fama  
Não deixa de firmar-se em bons indícios.  
As leis do nosso Reino não consentem,  
Que os Chefes dêem Contractos, contra os votos  
Dos rectos Deputados que organisão  
A Junta da Fazenda, e o nosso Chefe  
Mandou arrematar ao seu *Marquesio*  
O contracto maior, sem ter um voto,  
Que favoravel fosse aos seus projectos.  
As mesmas santas Leis jámais concedem,  
Que possa arrematar-se algum contracto  
Ao rico lançador, se houver na praça  
Um só competidor de mais abono ;  
E o nosso General mandou se dêsse

O ramo ao lançador, que apenas tinha  
Uns vinte mil cruzados, em palavra,  
Deixando preterido outro sujeito  
De muito mais abono, e a quem devia  
Um grosso cabedal o regio Erario.  
Mal acaba *Marquesio* o seu triennio,  
Outro novo triennio lhe arremata,  
Sem que um Membro da Junta em tal convenha :  
E tendo o tal *Marquesio*, no contracto,  
Perdido grandes sommas, lhe dispensa  
Outras fianças dar á nova renda.  
Amigo Dorotheo, o nosso Chefe,  
Que procura tirar conveniencia  
Dos pequenos negocios e despachos,  
Daria este contracto ao bom *Marquesio*,  
Este grande contracto, sem que houvesse  
De paga equivalente ajuste expresso ?  
Amigo Dorotheo, se não sou sabio,  
Não sou tambem tão nescio, que nem saiba  
Das permissas tirar as consequencias.  
Agora dirás tu : se o patrimonio  
De *Marquesio* consiste, como affirmas,  
Em vinte mil cruzados, em palavra,  
Como de luvas deo ao Chefe os trinta ?

Amigo Dorotheo, estou pilhado ;  
A palavra, que sahe da boca fôra,  
É como a calhoadá, que se atira,  
Que já não tem remedio ; paciencia.  
Eu as hervas arranco, e, desde agora,  
Contigo fallarei com mais cautela.  
Mas que vejo ! Tu ris-te ? Acaso pensas  
Que me tens apanhado na verdade ?  
A mim nunca apanhárão os capuchos, (\*)  
Quando no raso assento defendia,  
Que a natureza não toléra o vácuo,  
Que os cheiros são occultas entidades,  
Com outras mil questões da mesma classe ;  
E tu, meu doce Amigo, pertendias  
Convencer-me em materia, em que dar posso  
A todos de partido a sota e o basto ?  
Desiste, Dorotheo, do louco intento ,  
Faze uma grande cruz na lisa testa ,  
Dá figas ao demonio, que te attenta.  
Ora ouve a solução desse argumento :  
Bem que pingante seja quem remata  
Este grande contracto, mercadeja

(\*) Indicará isto ser autor do Poema A. Peixoto, formado em Canones ?

Com perto de um milhão ; por isso todos  
Lhe emprestão promptamente os seus dinheiros.

Os Chefes, Dorotheo, que só procurão  
De barras entulhar as fortes burras,  
Desfructão juntamente as mais fazendas,  
Que os seus antecessores levantarão.  
Nem deixão descançar as férteis terras,  
Enquanto não as poem em sambambáias.  
Aqui agora tens, meu *Silverino*,  
O teu proprio lugar. Tu és honrado,  
E prêsas, como eu prêsos, a sã verdade ;  
Por isso nos confessas , que tu ganhas  
A graça deste Chefe , por que envias  
Pela mão de *Matusio*, seu agente,  
Em todos os trimestres as mezadas.  
Eu sei, meu *Silverino*, que quem vive  
Na nossa infeliz Chile, não te impugna  
Tão notoria verdade. Porem deve  
Correr estranhos climas esta historia ;  
E como tu não vás tambem com ella,  
É justo que lhe ponha algumas provas.

A sábia Lei do Reino quer e manda,

Que os nossos devedores não se prendão ;  
Responde agora tu, porque motivo  
Concede o grande Chefe que tu prendas  
A quantos miseraveis te deverem ?  
Porque meu *Silverino*? Porque largas,  
Porque mandas presentes, mais dinheiro ?  
As mesmas Leis do Reino também védão  
Que possa ser Juiz a propria parte ;  
Responde agora mais, porque principio  
Consente o nosso Chefe, que tu sejas  
O mesmo que encorrente a quem não paga ?  
Porque, meu *Silverino*? Porque largas,  
Porque mandas presentes, mais dinheiro ?  
Os sabios Generaes reprimir devem  
Do atrevido vassallo as insolencias ;  
Tu mettes homens livres no teu tronco ,  
Tu mandas castigal-os, como negros ;  
Tu zombas da Justiça ; tu a prendes :  
Tu passas Portarias, ordenando,  
Que com certas pessoas não se entenda.  
Porque, porque razão o nosso Chefe  
Consente que tu faças tanto insulto ,  
Sendo um touro, que parte ao leve aceno ?  
Porque, meu *Silverino*? porque largas,

Porque mandas presentes, mais dinheiro ?  
A Lei do teu contracto não faculta  
Que possas applicar aos teus negocios  
Os publicos dinheiros, e com elles,  
Pagaste aos teus credores grandes sommas !  
Ordena a sábia Junta que dês lógo  
Da tua commissão estreita conta :  
O Chefe não assigna a Portaria,  
Não quer que se descubra a ladroeira ;  
Porque te favorece ainda á custa  
Dos regios interesses, quando finge  
Que os zéla muito mais que as proprias rendas.  
Porque, meu *Silverino*? porque largas,  
Porque mandas presentes, mais dinheiro ?  
Apenas appareces... Mas não posso  
Só contigo gastar papel e o tempo;  
Eu já te deixo em paz, roubando o mundo,  
E passo a relatar ao caro Amigo  
Os estranhos successos que ainda faltão ;  
Nem todos lhe direi, pois são immensos.

Pertende, Dorotheo, o nosso Chefe  
Mostrar um grande zelo nas cobranças  
Do immenso cabedal que todo o povo

Aos cofres do Monarcha está devendo ;  
Envia bons soldados ás Comarcas,  
E manda-lhes que cobrem , ou que mettão  
A quantos não pagarem nas cadêas.  
Não quero , Dorotheo , lembrar-me agora  
Das Leis do nosso Augusto ; estou cansado  
De confrontar os factos deste Chefe  
Com as disposições do sãõ direito ;  
Por isso pintarei , presado Amigo ,  
Sómente a confusão e a grãa desordem ,  
Em que a todos nós pôz tão nova idéa.  
Entrarão nas Comarcas os soldados ,  
E entrarão a gemer os tristes povos ;  
Uns tirão os brinquinhos das orelhas  
Das filhas e mulheres ; outros vendem  
As escravas já velhas , que os criarão ,  
Por menos duas partes do seu preço.  
Aquelle que não tem captivo ou joia ,  
Satisfaz com papeis , e o soldadinho  
Estas dividas cobra mais violento ,  
Do que cobra a Justiça uma parcella ,  
Que tem executivo aparelhado ,  
Por sãbia Ordenação do nosso Reino.  
Por mais que o devedor exclame e grite ,

Que os creditos são falsos , ou que fôrão ,  
Ha muitos annos pagos, o Ministro  
Da severa cobrança a nada attende ;  
Despreza estes embargos , bem que o triste  
Proteste de os provar *in continenti*.

Não se recebem só , presado Amigo ,  
Os creditos alheios para embolso  
Das dividas fiscaes. O soldadinho  
Descobre um ramo aqui de bom commercio :  
Aquelle que não quer propor demandas ,  
Promette-lhé a metade , ou mais ainda,  
Das sommas que lhe entrega , e elle as cobra ,  
Fingindo que as tomou em pagamento  
Das dividas do Rei. Ainda passa  
A mais esta desordem : faz penhoras ,  
E manda arrematar ao pé da Igreja  
As casas , os captivos , mais as roças.

Agora , Fanfarrão , agora fallo  
Comtigo e só comtigo, Porque causa  
Ordenas , que se faça uma cobrança  
Tão rápida e tão forte contra aquelles ,  
Que ao Erario s ódevem tenues sommas?

Não tens contractadores, que ao Rei devem  
De mil cruzados centos e mais centos?  
Uma só quinta parte, que estes déssem,  
Não matava do Erario o grande empenho?  
O pobre, porque é pobre, pague tudo;  
E o rico, porque é rico, vai pagando  
Sem soldados á porta, com socego!  
Não era menos torpe, e mais prudente,  
Que os devedores todos se igualassem?  
Que sem haver respeito ao pobre ou rico,  
Mettessem no Erario um tanto certo,  
Á proporção das sommas que devessem?  
Indigno, indigno Chefe! tu não buscas  
O publico interesse. Tu só queres  
Mostrar ao sabio Augusto um falso zelo  
Poupando ao mesmo tempo os devedores,  
Os grossos devedores, que repartem  
Comtigo os cabedaes, que são do Reino.

Talvez, meo Dorotheo, talvez que entendas,  
Que o nosso *Fanfarrão* estima e présa  
Os rendeiros que devem, por systema;  
Só para vêr, se os ricos desta terra,  
Á força de favores animados,

Se esforço a lançar nas regias rendas.  
Amigo Dorotheo , o nosso Chefe  
Se faz alguma cousa , é só movido  
Da loucura , ou do sordido interesse.  
Eu vou , presado Amigo , eu vou mostrar-te  
Esta santa verdade com exemplos.

Morre um contractador , e se nomêa ,  
Para tratar dos bens , um seu parente ,  
Que Riberio se chama. Não te posso  
Explicar o fervor , com que Riberio  
Demanda os devedores , vence e cobra  
Os cabedaes dispersos desta herança.  
Estava quasi extincto o que devia  
À fazenda do Rei ; então o Chefe  
Lhe ordena satisfaça todo o resto,  
No peremptorio termo que lhe assigna ;  
Exclama o bom Riberio , que não pôde ;  
Pois todo o cabedal , que tem cobrado ,  
Ou está nas demandas consumido ,  
Ou tem entrado já no regio Erario.  
E para bem mostrar esta verdade ,  
Supplica ao grande Chefe, que lhe escolha  
Um recto Magistrado, que lhe tome

Da sua commissão estreita conta.  
Pois isto, Dorotheo, não vale nada :  
Sem contas lhe tomarem, manda o Chefe  
Que gema na cadêa, até que pague.  
Já viste uma insolencia semelhante?  
Aos grandes devedores não se assignão  
Os termos peremptorios para a paga ;  
Nem vão para as cadêas, bem que comão  
A fazenda do Rei ; e só Riberio,  
Sendo um Procurador que nada deve,  
Vai viver na prisão por tempos largos ?  
Amigo Dorotheo, o nosso Chefe  
Patrocina aos velhacos, que lhe mandão,  
Para que mais lhe mandem. Prende e véxa  
Aos justos que enthesourão suas barras,  
Para ver, se, opprimidos, se resolvem  
A seguir os caminhos dos que largão.

Remata-se um contracto a um sujeito,  
Que o póde bem pagar, por mais que perca ;  
Pertende um fiador deste contracto  
Ir tratar no Perú do seu commercio ;  
Vai licença pedir ao grande Chefe,  
E o Chefe lh'a concede. Escuta agora ;

Ouviráς uma acção a mais indigna  
De quantas por marotos se fizerão :  
Apenas o tal homem sahe da terra,  
Se despede uma esquadra de soldados,  
Que mal com elle tópa, lhe dá busca :  
As cargas se revolvem, nem lhe escapão  
As grosseiras cangalhas, que se quebrão ;  
Não achão contrabandos , porém sempre  
Lhe tomão os dinheiros, que elle leva ;  
E o grande Chefe ordena que se mettão  
No regio Erario todos, inda aquelles  
Que são de varios donos. Dize, Amigo,  
Já viste uma injustiça assim tão clara ?  
Aos grossos devedores não se tomão  
Os seus proprios dinheiros, bem que tenham  
Comido os cabedaes dos seus contractos ;  
E ao simples fiador de um rematante,  
Que nada ainda deve, e que tem muito,  
Vão-se á força tomar os seus dinheiros,  
E os dinheiros, que é mais, de estranhas partes !  
Agora, Dorotheo, não tens que digas ;  
Has de emfim confessar, que o nosso Chefe  
Sómente não opprime a quem lhe larga.  
Ora ouve as circumstancias, que inda accrescem,

E que inda afeião mais o torpe caso :  
Espalhão as más linguas, que Matusio  
Pedira ao tal sujeito, lhe comprasse  
Uns finos guardanapos e toalhas ;  
Que o fiador mesquinho lhos trouxéra ;  
E vendo que Matusio se esquecia,  
Lhe chegou a pedir sem pejo a paga ;  
Que o Chefe resentido desta injúria,  
Lhe mandou dar a busca por vingança ,  
E que até ao presente inda não consta,  
Que o preço da encommenda se pagasse.  
Que mais póde fazer o seu laçao ?  
Isto não é mais feio que despir-se  
A preciosa capa ao grande Jove ,  
E mandar-se tirar ao sabio filho,  
O famoso Esculapio, as barbas de ouro ?

Amigo Dorotheo, se acaso vires  
Na Côrte algum fidalgo pobre e roto,  
Dize-lhe, que procure este Governo ;  
Que a não acreditar que ha outra vida,  
Com fazer quatro mimos aos rendeiros,  
Ha de á patria voltar casquilho e gordo.

---

## CARTA 9.

**Em que se contão as desordens que Fanfarrão obrou no governo das Tropas.**

Agora, Dorotheo, agora estava  
Bamboando na rede preguiçosa,  
E tomando na fina porcellana  
O mate saboroso, quando escuto  
De grossa artilharia o rouco estrondo ;  
O sangue se congela, a casa treme,  
E pesada porção de estuque velho,  
Á violencia do abalo despegada  
Da barriguda esteira, faz que eu perca  
A tigela esmaltada, que era a cousa  
Que tinha nesta casa de algum preço.

Apenas tórno em mim daquelle susto,  
Me lembra ser o dia em que o bom Chefe  
Aos seus auxiliares lições dava,  
Da que Saxi chamou pequena guerra.

Amigo Dorotheo, não sou tão nescio,  
Que os avisos de Jove não conheça.  
Castigou, castigou o meu descuido ;  
Pois não me dêo a veia de Poeta,  
Nem me trouxe por mares empolados  
A Chile, para que, gostoso e molle,  
Descance o corpo na franjada rêde.

Nasceu o sabio Homero entre os antigos,  
Para o nome cantar do Grego Achilles ;  
Para cantar tambem ao pio Eneas,  
Teve o povo romano o seu Virgilio :  
Assim para escrever os grandes feitos,  
Que o nosso Fanfarrão obrou em Chile,  
Entendo, Dorotheo, que a Providencia  
Lançou na culta Hespanha o teu Critilo.  
Ora pois, Dorotheo, eu passo, eu passo  
A cumprir respeitoso os meus deveres ;  
E já que o meu Heróe agora adéstra  
Esquadras bellicosas, tambem hoje  
Tomarei por empreza só mostrar-te  
Que elle fez na milicia grandes cousas.

Ha nesta Capital um Regimento

De tropa regular, a quem se paga.  
Tu sabes, Dorotheo, que não ha corpo,  
Que todo de iguaes membros se componha.  
Das ordens mais austeras, que fizerão  
Os Santos Penitentes Patriarchas,  
Sahirão contra o Throno rebellados  
Os infames Clementes, e sahirão  
Contra o dogma os Calvinos e os Lutheros ;  
O mesmo Apostolado teve um Judas.  
Se isto pois, Dorotheo, assim succede  
Nos corpos que se fórmão de escolhidos,  
Que não succederá nos grandes corpos,  
Aonde se recebem as pessoas,  
Que timbre fazem dos seus proprios vicios ?

O meio, Dorotheo, o forte meio  
Que os Chefes descobrirão, para terem  
Os corpos que governão em socego,  
Consiste em repartirem com mão recta  
Os premios e os castigos ; pois que poucos,  
Os delictos evitão, porque présão  
A candida virtude ; os mais dos homens  
Aos vicios fogem, porque as penas temem.  
Ora ouve, Dorotheo, o como o Chefe  
Os castigos reparte aos seus guerreiros.

Não ha, não ha disturbio nesta terra,  
De que mão militar não seja auctora.  
Chega, prezado Amigo, a ousadia  
De um indigno soldado a este excesso :  
Aperta na direita o ferro agudo,  
E penetra as paredes de Palacio,  
No meio de uma sala, aonde estavam  
As duas sentinellas, que defendem  
Da casa do docél a nobre entrada ;  
Aqui, meu Dorotheo, aqui se chega  
Ao camarada inerme, e pelas costas  
O deixa quasi morto a punhaladas.

Que esperas tu agora, que eu te diga ?  
Que o militar conselho já se apressa ?  
Que já se liga ao poste o delinquente ?  
Que os olhos com o lenço já lhe cobrem ?  
Que a bala zunidôra já lhe rompe  
O peito palpitante ? que suspira ?  
Que lhe cahe sobre os hombros a cabeça ?  
Meu caro Dorotheo, o nosso Chefe  
É muito compassivo : sim, bem pôde  
Opprimir os paisanos innocentes  
Com pesadas cadêas ; pôde ainda

Vêr o sangue esguichar das rôtas costas  
À fôrça dos zorragues ; mas não pôde  
Consentir que se dê nos seus soldados,  
Por maiores insultos que commettão,  
A pena inda mais leve : assim praticão  
Os famosos guerreiros, que nascêrão  
Para obrarem no mundo empresas grandes.

Elle sim bem conhece que não ha de  
Talar com estas tropas as campinas ;  
Que o céu lhe não concede a esperança  
De entrar no templo augusto da Victoria,  
Coberto de poeira e negro sangue,  
Mas sempre, Dorotheo, as quer propicias ;  
Pois ainda que não cinjão as espadas  
Para cortar loureiros e carvalhos,  
Que a testa lhes circulem , são aquellas,  
Que promptas executão seus mandados ;  
São aquellas, que infundem nestes povos  
O medo e sujeição, com que tolêrão  
O verem em desprezo as Leis sagradas.

Conhece, Dorotheo, o proprio Chefe,  
Que vai passando a muito a liberdade

Das fardas atrevidas, e querendo  
A taes desordens pôr remedio e freio ,  
Não manda que se cumprão as Leis santas,  
Que aos delictos arbitrão justas penas ;  
Manda sim um cartaz aonde innova  
Que todos os domingos na parada  
Se lêa o militar regulamento.  
Indigno e bruto Chefe, de que serve  
Que se lêão as Leis, se os malfeitores  
Do que mandão não vêm um só exemplo !  
Tens visto, Dorotheo, o como o Chefe  
Os delictos castiga ; agora sabe  
Da sorte que reparte aos bons os premios :  
Morreo um Capitão, e subio lógo  
Ao posto devoluto um bom Tenente.  
Porque foi, Dorotheo ? Seria acaso  
Por ser Tenente antigo ? Ou porque tinha  
Com honra militado ? Não, Amigo,  
Foi só porque largou tres mil crusados !  
Ah ! não mudes a côr de teu semblante,  
Prudente Maximino ! Não, não mudes .  
Que importa que comprasses a patente ?  
Se tu a merecias ; a vileza  
Da compra não te infama ; sim ao Chefe,  
Que nunca faz justiça, sem que a venda.

Reforma um Capitão, e no seu posto  
Encaixa sem vergonha a Thomasine,  
Um moço na milicia pouco esperto,  
Que um anno inda não tinha de Tenente.  
Em que guerras andou, em que campanhas ?  
Quaes as feridas que no corpo mostra ?  
Aonde, aonde estão as diligencias,  
As grandes diligencias arriscadas,  
Que fez este mancebo, com que possa  
Preferir aos antigos, destros Cabos ?  
Ah ! sim, eu já me lembro ! tem serviços,  
Tem famosos serviços na verdade ;  
A casa deste moço, bem que pobre,  
É a casa sómente aonde o Chefe  
Entra em ar de visita, bebe e folga.

Aqui tens teu lugar, meu bom Lobesio ;  
Tu foste a Capitão, e tu passaste  
Ao posto de Major em breves mezes.  
Quaes são os teus serviços ? Quaes ? Responde.  
Mas não, não me respondas ; eu conheço  
Que és tolo, que és bregeiro, e mais que mandas  
As redradas pedrinhas. Estes dotes  
Te fazem no conceito do teu Chefe

Um digno Pai da Patria, Heróe do Reino.  
Tambem tu, ó Padella, te distingues  
Na corja dos marotos. Tu conservas  
De Capitão o cargo ; mas tu logras  
O soldo de Major , e mais as honras.  
Que foi que te fez digno de subires  
Á privança do Chefe ? Ah ! sim, eu vejo  
O teu merecimento ! É cousa grande,  
Ultrajas aos ministros e proteges  
A todos os tratantes, que exercitão  
O furto e o contrabando. Tu piedoso  
Não queres vêr perdido um só soldado :  
Se algum, se algum consente que se escalem  
Os vedados lugares, tu escreves  
Ao successor honrado, e lhe supplicas  
Que parte não te dê de um tal desmancho.  
O teu fidalgo peito não se vence  
Da sordida avareza. Tu repartes  
Os luzentes feixinhos com teu Chefe;  
E bem que o seu Matusio, em nome delle,  
Os ache miudinhos, sempre servem.  
Tambem tu, digno Irmão, tambem cavalgas  
O posto de Tenente, por dizeres  
Que honrado Commandante na parada

Austéro te corrige por fallares  
Dos rectos Magistrados sem respeito.  
Que vezes a cachaça... mas, Amigo,  
Deixemos de fallar na paga Tropa,  
E vamos a fallar do grande corpo  
Da gente auxiliar; aqui podemos  
Acabar de dizer o mais que falta.

Tinha este continente levantados  
De tropa auxiliar uns treze corpos;  
O nosso Chefe ainda não se farta:  
Alista o povo inteiro, e delle fórma  
Inda mais de quarenta Regimentos;  
Mais faminto de ver galões e fardas,  
Que Midas de trocar em ouro puro  
As cousas, em que punha o torpe dedo.  
O Coronel Valente agarra tudo  
Quanto tem de verão a fórma e trage;  
Nem lhe obsta, Dorotheo, que os seus soldados  
Meninos inda sejam; que elles crescem,  
E cresce com os corpos igualmente  
O santo amor das armas. Muitos, muitos,  
Quando vão para a Igreja receberem  
As aguas salvadoras do Baptismo,

Já vão vestidos com a curta farda ;  
Este mesmo costume tem, Amigo,  
O pago Regimento. Apenas nasce  
Aos Cabos algum filho, logo á pressa  
Lhe assenta o Chefe de cadete a praça.  
Venturoso costume, que promette  
Produzir de cordeiros tigres bravos !  
Annibal, Dorotheo, desde menino  
Com seu pai militou ; talvez não fosse  
O terror dos Romanos, se passasse  
A tenra inda imberbe mocidade  
Entre os molles prazeres de Carthago.  
Comtudo, Dorotheo, o céo permita  
Que guerras não tenhamos ; pois a termos  
Algum acampamento, que constranja  
A sahirem da praça os Regimentos,  
Ha de haver bom trabalho em conduzir-se  
O rancho de crianças em jacazes.  
Ha de tambem haver despeza grande,  
Em levar-se uma tropa de mulheres,  
Que dêem o peito a uns, e a outros papas.

Tu sabes, Dorotheo, que as nossas tropas /  
De infantaria são , porém montada ;

Que as Leis do nosso Reino não consentem,  
Que estas montadas Tropas se componhão  
De membros, que não tenham certas rendas,  
Com que possam manter os seus cavallos :  
Ora ouve, Dorotheo, quaes são as posses  
Dos miseros paisanos, que se alistão  
Nos fortes Regimentos : quasi todos  
Um sendeiro não tem, e muitos delles  
Gemêrão nas prisões, por não poderem  
Ageitar uma grossa e curta farda.  
Eu topei, Dorotheo, por varias vezes  
Atrás de um Regimento os rapazinhos  
Em veste e mais, descalços ; fina idéa,  
Em que derão os Cabos para vêrem,  
Se á força de vergonha se fardavão.  
Eu sei, eu sei, Amigo, que alguns destes,  
Cançados de soffrerem mais opprobrios,  
Fizerão fardamentos dos productos  
Dos unicos escravos, que vendêrão,  
E dos trastes alheios, que furtárão.  
Perguntarás agora, doce Amigo,  
Aonde estão os ricos taverneiros ?  
Aonde os mercadores que tem lojas  
A que chamão de seccos e de molhados ?

Aonde, Dorotheo? eu ja t'o digo :  
Estão, estão também nos Regimentos ;  
Mas trazem nas direitas, que conservão  
Inda lixosas pelles, as bengalas.  
Não rias, Dorotheo das nossas Tropas.  
De que gente formou um corpo invicto  
O luso Viriato? Foi de moços  
Criados desde a infancia nas campauhas?  
Não foi, meu Dorotheo , foi de uns pastores,  
De uns pastores incultos, que, animados  
Do esforço do seu chefe, conseguirão  
Victorias singulares, contra um povo  
Que o mundo sujeitou á força de armas.  
Os homens, Dorotheo, são todos fortes  
Em cima das muralhas, que defendem  
As chorosas mulheres, e as fazendas,  
Os ternos filhos, e os avós cançados.  
A desordem, Amigo, não consiste  
Em formar esquadrões ; mas sim no excesso.  
Um Reino bem regido não se fórma  
Sómente de soldados, tem de tudo ;  
Tem milicia, lavoura, e tem commercio.  
Se quantos forem ricos, se adornarem  
Das golas e das bandas, não teremos

Um só depositario ; nem os orphãos  
Terão tambem tutores, quando nisto  
Interessa igualmente o bem do Imperio.  
Carece a Monarchia dez mil homens  
De tropa auxiliar? Não haja embora  
De menos um soldado ; mas os outros  
Vão á patria servir nos mais empregos ;  
Pois os corpos civis são como os nossos,  
Que tendo um membro forte e os outros débeis,  
Se devem, Dorotheo, julgar enfermos.

É tambem, Dorotheo, contra a policia  
Franquearem-se as portas, a que subão  
Aos distinctos empregos, as pessoas  
Que vem de humildes troncos. Os tendeiros  
Mal se vêem Capitães, são já fidalgos ;  
Seus nescios descendentes já não querem  
Conservar as tavernas que lhes derão  
Os primeiros sapatos, e os primeiros  
Capotes com capuz de grosso panno.  
Que Imperio, Dorotheo, que Imperio pôde  
Um povo sustentar, que só se fôrma  
De nobres sem officios? Estes membros  
Não amão, como devem, as virtudes,

Seguem á rédea sôlta os torpes vicios.  
D'aqui sahem os torpes malfeitores,  
Os vis alcoviteiros, os perjuros,  
Os famosos ladrões ; n'uma palavra  
A tropa insultadora dos vadios.

A este corpo immenso de milicia  
Concede Fanfarrão as regalias,  
Que as nossas Leis não dão aos bons vassallos,  
Que chegam aos empregos mais honrosos,  
Em paga de proezas e serviços.  
Não quer, não quer o Chefe, que aos seus Cabos  
Mandem citar os tristes accredores,  
Por ordem de Justiça. Quaes os grandes,  
Que não vem a Juizo sem licença  
Do Príncipe, a quem servem, nesta terra,  
Sem licença do Chefe, não se citão  
Os negros, os crioulos e os mulatos,  
Mal vestem a fardinha, e muito menos  
Mal cingem na cintura honrosa banda.  
Se alguém requer ao Chefe que permita  
Para isso faculdade, põe-lhe em cima  
De humilde petição, que o *supplicado*  
Componha ao *supplicante* o que lhe deve.

C. C.,

11

Se diz o *supplicado ao supplicante*  
Que não lhe deve nada, foi-se embora  
O solido direito ; que a policia  
Do Chefe não consente que se ponha  
Aos seus officiaes, inda que sejam  
Velhacos e ladrões, no fôro, um pleito.

Já viste regalia igual a esta ?  
A Patria, Dorotheo, concede aos nobres,  
Que os postos exercitão, grossas rendas,  
Com que possam pagar aos mais vassallos  
As cousas, que lhes comprão ; não concede  
Ao mesmo General que vista e coma ,  
Á custa do suór dos outros homens.  
E quando o Rei não quer pagar a todos,  
Com dinheiro contado, remunéra  
Os serviços com graças ; mas daquellas,  
Que deixão sempre intacto o jus alheio.

Não são sómente isentos da Justiça  
Os cabos valerosos : onde habitão,  
Se acolhem, Dorotheo, os malfetores ;  
E quaes antigas casas de fidalgos,  
Ou famosos conventos, que na porta

Tem as grossas cadéas onde pégão  
Os miseros culpados , aqui todos  
Se livrão dos meirinhos, bem que sejam  
Indignos, torpes réos de magistrado.

Se os ousados meirinhos entrar querem  
Nas casas destes cabos, a que chamão  
Militares quarteis , os fortes donos  
Encaixão nas cabeças os casquetes,  
Apertão as corrêas, poem as bandas,  
E cingindo as torcidas largas folhas,  
Ultração com palavras a Justiça,  
Resistem, gritão, ferem, prendem, matão.

Os zelozos Juizes punir querem  
A injúria da Justiça : fórmão autos,  
Procedem ás devassas, pronunciação,  
E mandão que estes nomes se descrevão  
Nos réos dos mais culpados. Mas, Amigo,  
De que serve fazer-se o que as Leis mandão  
Na terra que governa um bruto Chefe,  
Que não tem outra Lei mais que a vontade?  
O Chefe Omnipotente logo envia  
Atrevidos soldados, que, chegando

Á casa do Escrivão, os nomes riscão  
Do rôl dos delinquentes, e lhe arrancão  
Da fechada gaveta os proprios autos.  
Ousado, indigno Chefe, que governo,  
Que governo nos fazes? A milicia  
Erguêo-se para guarda dos vassallos,  
E tu, e tu trabalhas, porque seja  
A mesma que nos prive do socego,  
Que próvidas nos dão as Leis sagradas.

Agora, Dorotheo, talvez trabalhes  
Em achar o motivo porque o Chefe  
Concede tanto indulto aos seus soldados;  
Pois elle, Dorotheo, não é o enigma  
Que vem nos doces versos de Virgílio  
De umas flôres, que tem de reis os nomes  
Escriptos sobre as folhas, e do sitio,  
De que tres braças só do céu se avista.  
O Chefe, Dorotheo, só quer dinheiro,  
E dando aos militares regalias,  
Podem os grandes postos, que lhes vende,  
Subir a proporção tambem de preço.  
Tu assim o conheces Cata Preta,  
Pois dêste mil oitavas por trazeres

Lavrado castão de ouro sobre a cana ;  
Tu também Capanema assim discorres ,  
Pois largaste seiscentas por vestires  
De Capitão Maior vermelha farda ;  
Todos assim o julgão. Ah ! só pensa  
De diversa maneira aquelle nescio  
Que soffreu que Matusio lhe rompesse  
A passada Patente à sua vista,  
Por não largar de luvas os trezentos.

Dize-me, Dorotheo, um chefe sabio  
Levanta nas Conquistas umas tropas,  
Com que não póde a força do distante  
Conquistador Imperio? Infunde, inspira  
Nos Cabos tanto orgulho, que se atrevão  
A resistir aos mesmos Magistrados,  
Que a pessoa do Augusto representão?  
Maldito, Dorotheo, maldito seja  
Um bruto, que só quer a todo o custo  
Enthesourar o sordido dinheiro.

---

## **CARTA 10.**

**Em que se contão as desordens maiores que Fanfarrão  
fez no seu Governo.**

Quiz , Amigo , compôr sentidos versos  
A uma longa ausencia , e para encher-me  
De ternas expressões , de imagens tristes ,  
Á banca fui sentar-me com projecto  
De lêr primeiramente algumas obras  
No meu já roto , destroncado Ovidio.  
Abri-o nas saudosas elegias ;  
E quando me embebia na leitura  
Dos casos lastimosos que elle pinta,  
Na passagem que fez no Ponto Euxinio ,  
Encontro aquelles versos que descrevem  
As ondas decumanas ; de repente  
Me sóbe ao pensamento que estas erão  
Do nosso Fanfarrão imagem viva.  
Os mares, Dorotheo , jámais descancão ,  
Agitão sem cessar as verdes aguas ,

E depois que levantão ondas nove,  
Com menos fortidão, despendem outra  
Que corre mais ligeira, e que se quebra  
Nos musgosos rochedos com mais força :  
Assim o nosso Chefe não descança-  
De fazer, Dorotheo, no seu Governo  
Asneiras sobre asneiras; e entre as muitas,  
Que menos violentas nos parecem,  
Pratica outras que exceedem muito e muito  
As raías dos humanos desconcertos.  
Perdôa, minha Nise, que eu desista  
Do intento começado. Tu mil vezes  
Nos meus olhos já leste os meus affectos,  
Não careces de os ler nos meus escriptos.  
Perdôa pois que eu gaste as breves horas  
A contar as asneiras deshumanas  
Do nosso Fanfarrão ao caro Amigo.  
E tu, meu Dorotheo, antes que lês  
O que vou a contar-te, jurar debes  
Pelos olhos da tua amada esposa,  
Por seu louro cabello, e pelo dia,  
Em que viste na sua alegre boca  
O primeiro sorriso, que não has-de  
Duvidar do que leres, bem que sejam . . .  
Desordens, que pareçam impossiveis.

A Junta, Dorotheo, a quem pertence  
Evitar contrabandos, prende, envia  
Á sábia Relação do Continente  
A trinta delinquentes, para serem  
Castigados conforme os seus delictos.  
Entende o nosso Chefe que esta Junta  
Não devia mandar os malfeitores,  
Sem sua auctoridade ; e d'ella toma  
O mais estranho, barbaro despique.  
Manda embargar aos presos na cadeia  
Do nosso Sant'Iago, e manda ao pobre  
Do conductor meirinho que os sustente,  
Assistindo tambem aos que enfermarem  
Com medicos, remedios e gallinhas.  
Acaba-se o dinheiro, que lhe dêrão  
Para fazer os gastos do caminho ;  
Recorre neste aperto ao bruto Chefe,  
Expõe-lhe, que não tem com que alimento  
Ao menos a si proprio ; pede e roga  
Que o deixe recolher á patria terra,  
Para nella exercer seu pobre officio.  
Tão terna rogativa não merece  
Do Chefe a compaixão ; antes lhe ordena,  
« Que assista, como d'antes, aos culpados

« De todo o necessario na enxovia ;  
« Que a faltar-lhe o dinheiro para os gastos,  
« Ou que o peça, ou que o fure. » Caro Amigo,  
Da boca de uma Furia sahiria  
Mais dura decisão ? Porque motivo  
Deve um pobre meirinho dar sustento  
A mais de trinta presos ? São seus filhos ?  
E ainda a serem filhos, um pai justo,  
Que fazenda não tem, vive obrigado  
A sustentar infames malfeteiros  
Por meio de culpaveis latrocinios ?  
Supponho, Dorotheo, supponho ainda  
Que a Junta fez excesso na remessa  
Dos presos, sem licença. Neste caso,  
Merece o conductor algum castigo ?  
Elle fez outra cousa que não fosse  
Cumprir o que mandarão seus maiores ?  
Podia repugnar-lhes, sem delicto ?  
Amigo Dorotheo, o nosso Chefe  
É qual mulher ciosa que não pôde  
Vingar no vario amante os duros zelos,  
E vai desaforar as suas iras,  
Bebendo o sangue de innocentes filhos.

Depois de se passarem alguns annos ,  
Depois que o bom meirinho já não tinha  
Vestido que vendesse, nem pessoa  
Que um xavo lhe fiasse ; o bruto Chefe  
Passa a fazer um novo despotismo :  
Ordena que os culpados sejam soltos ,  
E dizem lhes mandára vinte oitavas,  
Para os gastos fazerem da fugida.  
Até aqui pagou o seu desgosto  
O pobre conductor ; agora o paga  
A triste, afflicta patria ; pois lhe augmenta  
Dos torpes malfeitores a quadrilha.  
É esta, Dorotheo, a sua gente ;  
Trafica em cousa santa, no commercio  
Da compra, e mais da venda de seixinhos,  
Negocio avantajado e mais seguro  
Que o metter entre os fardos das baetas  
Os pesados galões e as drogas finas.  
Préza o bravo leão aos leões bravos ;  
A fraca pomba préza as pombas fracas ,  
E o homem, apesar do raciocinio,  
Que a verdade lhe mostra, estima aos homens  
Que tem iguaes paixões e os mesmos vicios.

Avisão ao bom Chefe que um ministro  
Queria que os soldados lhe mostrassem  
As ordens, com que entravão a fazerem  
Prisões no seu districto; investe o bruto,  
Qual touro levantado, a quem acenão  
C'os vermelhos drogues os capinhas;  
Escreve-lhe uma carta, em que lhe ordena  
Lhe dê logo as razões, em que se funda;  
Inda pede as razões, e já lhe estranha  
O nescio proceder; aqui não para  
Tão rapida desordem: manda um corpo  
De ousados militares, que conduzão  
Ao Magistrado a carta, e lhes ordena  
Que fiquem nesta villa sustentados  
Á custa, Dorotheo, do afflicto povo.  
Não se concede ao pobre que sustente  
Em casa o seu soldado; manda o Chefe  
Que a cada um se dê em cada um dia  
Para sustento meia oitava de ouro,  
Fóra milho e capim para o cavallo,  
E não entrando aqui o regio soldo.  
Que santo proceder! Um Deos irado,  
Se houvessem sete justos, perdoava  
Os immensos delictos de Sodoma,

E o nosso grande Chefe, pelo crime,  
Pelo sonhado crime de um só homem,  
Castiga como réo de magestade  
Formado de innocentes todo um povo.

Faz penhora Macedo em certas barras  
Que a um seu devedor devia Mevio ;  
Recorre ao Magistrado Silverino,  
Pedindo que mandasse que o dinheiro  
A juizo viesse ; pois queria  
Sobre elle disputar a preferencia  
Na forma que concede a Lei do Reino ;  
Cita-se ao triste Mevio, e deposita  
As barras em Juizo promptamente ;  
Conhece Silverino que Macedo  
Para a victoria tem melhor direito ;  
Não quer seguir a causa na presença  
De um recto Magistrado que profere,  
Na forma que as Leis mandão, as sentenças ;  
Recorre ao General, e o bruto Chefe  
Decide desta sorte o longo pleito :  
Habita nesta terra um homem rico,  
Que tem de Albino o nome, e, dizem, trata  
A Mevio devedor por seu sobrinho.

Manda pois, Dorotheo, o grande Chefe  
Que Albino se recolha na cadêa,  
E more com os negros na enxovia,  
Emquanto não pagar a Silverino  
Outra tanta quantia, quanta Mevio  
Depositou doloso, porque houvesse  
Entre os dous accretores um litigio.  
Eis-aqui, Dorotheo, o que é sciencia!  
As nossas Leis não querem que o pai solva  
O calote que fez o proprio filho,  
E quer um General que Albino pague  
Da sordida masmorra novamente  
A somma que pagou o bom sobrinho!  
Aonde existe o dolo? A lei não manda  
Que todo o que temer que alguém lhe peça  
Segundo pagamento, se segure,  
Mettendo no deposito o que deve?  
Pois se isto nos faculta o são direito,  
Que delicto commette aquelle triste,  
Que a divida em Juizo deposita,  
Quando o sabio Juiz assim o manda,  
Porque o mesmo credor assim o pede?  
E se Mevio fez dolo, porque causa  
Ha de Albino pagar a culpa delle?

Porque lhe aconselhou que não pagasse  
Outra tanta quantia a Silverino?  
Aconselhar conforme as Leis do Reino,  
É culpa que mereça um tal castigo?  
E pôde ser castigo regulado  
Pagar o conselheiro aquella somma,  
Que o mesmo aconselhado não devia?  
Não é isto furtar? Não é violencia?  
Ah pobre, ah pobre povo, a quem governa  
Um bruto General, que o céu não teme,  
Nem tem o menor pejo de lhe verem  
Tão indignas acções os outros homens!

Ha neste regimento um moço Adonis,  
Amores de uma escrava, cuja dona  
Depois de captivar a muitos peitos,  
Ao nosso heróe atou tambem ao carro  
Dos seus crueis triumphos. Cégo Numen!  
Qual é, qual é dos homens, que não honra  
Com puros sacrificios teus altares?  
Tu vences os pequenos, mais os grandes,  
Tu vences os estultos, mais os sabios,  
Tu vences, que inda é mais, as mesmas feras,  
E bem que cinja o grosso peito d'aço,

Não póde resistir ás tuas settas  
O duro coração do proprio Marte.

Intenta este soldado que o ministro  
Lhe remate umas casas, e consegue  
Um despacho do Chefe, em que decreta,  
Que nellas ninguem lance; cousa estranha  
Que entendo nunca vio nenhuma idade !  
O recto Magistrado, que respeita,  
Mais que ao Chefe, as Leis do seu Monarcha ,  
Ordena que o porteiro, *incontinenti*,  
As pertendidas casas metta a lanço ;  
Honrado cidadão o preço cobre.  
O porteiro passêa pela rua ;  
Repete em alta voz o lanço novo,  
E prosegue a fallar, assim dizendo :  
« Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres,  
« Dou-lhe outra mais pequena, affronta faço ;  
« Se ninguem mais me offerece, arremato.  
Ao lanço do Brundusio ninguem chega,  
Informado o Juiz ordena e manda  
Que o predio se remate : então se chega  
O porteiro risonho ao licitante,  
E lhe diz, « que lhe faça bom proveito, »

Ao mesmo tempo que lhe entrega o ramo.  
Parte logo o soldado, e conta ao Chefe  
O successo da praça ; o bruto monstro,  
Julgando profanado o seu respeito,  
Manda lançar no pobre licitante  
Um pesado grilhão, e manda pol-o,  
Ajoujado com um despido negro,  
A trabalhar nas obras da Cadêa.  
O preso injuriado desfallece,  
E o Chefe deshumano desce á rua,  
Para que possa de mais perto vel-o.  
Succede a um desmaio outro desmaio ;  
O negro companheiro então lhe acode,  
Nos braços compassivos o sustenta ;  
Porém o velho Chefe, que deseja  
O vê-lo alli morrer, por um soldado  
Manda ao negro dizer que ao preso deixe,  
E cuide em proseguir no seu trabalho.  
Os mesmos deshumanos, que rodêão  
Tão bruto General, aquelles mesmos  
Que alegres executão seus mandados,  
Apenas escutárão tal preceito,  
Um pouco emudecêrão, e tiverão  
Os rostos tristes muito tempo baixos.

Os outros, Dorotheo, derão suspiros,  
E bem que forcejassem, não poderão  
Fazer que os olhos não se enchessem d'agua.

Eu creio, Dorotheo, que tu já leste,  
Que um Cesar dos Romanos pertendêra  
Vestir ao seu cavallo a nobre tóga  
Dos velhos Senadores. Esta historia  
Póde servir de fabula que mostre  
Que muitos homens, mais que as feras, brutos  
Na verdade conseguem grandes honras.  
| Mas ah ! prezado Amigo, | que ditosa  
Não fôra a nossa Chile, se antes visse  
Adornado um cavallo com insignias  
De General supremo, do que vêr-se  
Obrigado a dobrar os seus joelhos  
Na presença de um Chefe, a quem os deoses  
Sómente derão a figura de homem !  
Então, prezado Amigo, o nescio povo  
Com fitas lhe enfeitára as negras clinas,  
Ornára a estribaria com tapetes,  
Com formosas pinturas, ricos pannos,  
Bordados reposteiros e cortinas ;  
Um dos Grandes da terra lhe levára

Licor para beber em baldes d'ouro ,  
Outro lhe dêra o milho em ricas salvas ;  
Mas sempre, Dorotheo, aquelles neçcios,  
Que ao bruto respeitassem, poderião  
Servil-o acautelados, e de sorte,  
Que dar-lhes não pudesse um leve couce.  
Eis aqui, Dorotheo, o que nos nega  
Uma heroica virtude. Um louco Chefe  
O poder exercita do Monarcha ,  
E os subditos não devem nem fugir-lhe,  
Nem tirar-lhe da mão a injusta espada.  
Mas, caro Dorotheo, um Chefe destes  
Só vem para castigo de peccados.  
Os Deoses não carecem de mandarem  
Flagellos exquisitos; quasi sempre  
Nos punem com as cousas ordinarias.  
O mundo inda não vio senão um corpo  
Em branco sal mudado, e só no Egypto  
Fez novas penas de Moysés a Vara.  
Perguntarás agora, que torpezas  
Commette a nossa Chile, que mereça  
Tão estranho flagello? Não ha homem  
Que viva isento de delictos graves ;  
E aonde se amontoão os viventes

Em cidades ou villas, ahi crescem  
Os crimes e as desordens aos milhares.  
Talvez, prezado Amigo, que nós hoje  
Sintamos os castigos dos insultos,  
Que nossos pais fizeram : estes campos  
Estão cobertos de insepultos ossos  
De innumeraveis homens que matarão.  
Aqui os Europêos se divertirão  
Em andarem á caça dos Gentios,  
Como á caça das fêras, pelos mattos.  
Havia tal que dava aos seus cachorros,  
Por diario sustento, humana carne ;  
Querendo desculpar tão grave culpa  
Com dizer que os Gentios, bem que tenham  
A nossa semelhança, emquanto aos corpos,  
Não erão como nós, emquanto ás almas.  
Que muito pois que Deos levante o braço,  
E puna os descendentes de uns tyrannos  
Que, sem razão alguma e por capricho,  
Espalhárão na terra tanto sangue ?

---

## CARTA II.

**Em que se contão as bréjeirices de Fanfarrão.**

No meio desta terra ha uma ponte,  
Em cujos dous extremos se levantão  
De dous grossos rendeiros as moradas ;  
E apenas, Dorotheo, o sol declina  
A descansar de Thetis no regaço,  
Neste agradavel sitio vão sentar-se  
Os principaes marotos, e, com elles,  
A bréjeira familia de Palacio.

Aqui, meu bom Amigo, aqui se passam  
As horas em conversa deleitosa :  
Um conta que o ministro á meia noite  
Entrára no quintal de certa dama ,  
Diz outro que se expôz uma criança  
Á porta de Floricio, e já lhe assigna  
O pai e mais a mãe , aquelle augmenta  
A bulha que Dirceo com Lauro teve

Por ciumes crueis da sua Amasia ; (\*)  
Este chama a Simplicio caloteiro,  
E mófa ao mesmo tempo de Frondelio  
Que o seu dinheiro guarda : emfim Amigo,  
Aqui, aqui de tudo se murmura.  
Só se livra da lingua venenosa,  
O que contracta em venda de despachos,  
E quem se alegra ao vêr que a sua moça  
Ajunta pela prenda um par de oitavas ;  
Que os membros do congresso são prudentes,  
E não querem que alguns dos companheiros  
Tomem esta conversa em ar de chasco.  
Amigo Dorotheo, ah ! neste sitio  
Eu não me dilatára um breve instante  
Em dia de trovões, bem que estivesse  
Plantado todo de loureiros machos !

Por este sitio pois passei ha pouco,  
Cuidando que por ser mui cedo ainda,

(\*) Será isto ainda um disfarce ou, pelo contrario, indicio vehemente de que o autor do Poema não é Gonzaga ? Decidão os criticos, os que se julgarem competentes. Não tendo nós tomado uma deliberação anticipada de attribuil-o a algum, pouco nos importa que elle seja do mencionado Poeta ou de Claudio ou de Alvarenga Peixoto ; principalmente quando os dous ultimos são Brasileiros natos, e Gonzaga não.

Não toparia a corja dos marotos ;  
Mas apenas a vi, fiquei tremendo ,  
Qual fraco passageiro, quando avista  
Em deserto lugar pintadas onças;  
Comtudo, Dorotheo, criei esforço,  
E fui atravessando pelo meio,  
Rezando sempre o *credo* e, por cautela ,  
Fazendo muitas cruzes sobre o peito.  
Apenas me salvei daquelle risco,  
Um suspiro soltei que encheu os ares,  
E voltando o semblante para o sitio,  
Em que os taes mariolas se assentavão ,  
Maneando a cabeça um par de vezes,  
E soltando um sorriso, em ar de mófa,  
Dentro do meu *discurso* assim lhes fallo :  
« Vossês, meus *mariolas*, meus tratantes,  
« Estão contando historias das pessoas  
« De quem não são affectos, porque as levem  
« Aos *ouvidos* do Chefe os seus lacaios ;  
« Pois eu *tambem* já vou contar verdades,  
« Em que *possão* fallar os homens serios,  
« Inda d'aqui a mais de um cento de annos. (\*)

(\*) Esta esperança ou desejo do Poeta correo, parece-nos, *grande risco* de não realisar-se, mas ; emfim , realistou-se.

Recolhi-me á choupana, e de repente,  
Sem tirar a gravata do pescoço,  
Entrei a pôr em limpo esta cartinha,  
Que já pelo caminho vim compondo.

Entendo, Dorotheo, que as nossas almas  
Não são todas iguaes : que o grande Jove  
Fez umas de materia muito pura,  
Fez outras de materia mais grosseira,  
Por não perder as borras que ficavão ;  
Entendo ainda mais, que o despenseiro,  
Quando lhe vão pedir algumas almas,  
Vai dando aquellas que primeiro encontra ;  
Por isso ás vezes nascem os mochilas  
Com brios de fidalgos ; outras vezes  
Os nobres com espiritos humildes,  
Só dignos de animarem vís lacaios.  
O nosso Fanfarrão, prezado Amigo,  
Nos dá mui boa prova : não se nega,  
Que tenha illustre sangue , mas não dizem  
Com seu illustre sangue as suas obras.

Apenas, Dorotheo, a noite chega,  
Ninguém andar já póde sem cautela

Nos sujos corredores de Palacio,  
Uns batem com os peitos n'outros peitos ;  
Outros quebrão as testas n'outras testas ;  
Qual leva um encontrão que o vira em roda ;  
E qual, por defender a cara, fura  
Com os dedos que estende, incautos olhos ;  
Aqui se quebra a porta, e ninguém falla ;  
Alli range a couceira, e sôa a chave ;  
Este anda de mansinho ; aquelle corre ;  
Um grita que o pisarão ; outro inquire  
« Quem é ? » a um vulto, que lhe não responde.  
Não temas, Dorotheo, que não é nada ;  
Não são ladrões que offendão, são donzellas  
Que buscão aos devotos que costumão  
Fazer, de quando em quando, a sua esmóla.

Chegão-se enfim as horas, em que o somno  
Estende na Cidade as negras azas  
Em cima dos viventes, espremendo  
Viçosas dormideiras. Tudo fica  
Em profundo silencio ; só a casa,  
A casa aonde habita o grande Chefe,  
Parece, Dorotheo, que vem abaixo  
Fingindo a moça que levanta a saia,

E voando nas pontas dos dedinhos,  
Préga no machacaz de quem mais gosta  
A lasciva embigada, abrindo os braços ;  
Então o machacaz torcendo o corpo,  
Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,  
Ou dando alguns estalos com os dedos,  
Seguindo das violas o compasso,  
Lhe diz, eu pago, eu pago, e de repente  
Sobre a torpe michela atira o salto.  
O' dança venturosa ! Tu entravas  
Nas humildes choupanas, onde as negras,  
Aonde as vis mulatas, apertando  
Por baixo do bandulho a larga cinta  
Te honravão c'os marotos e brêjeiros,  
Batendo sobre o chão o pé descalço.  
Agora já consegues ter entrada  
Nas casas mais honestas e Palacios !  
Ah ! tu, famoso Chefe, dás exemplo.  
Tu já, tu já batucas, escondido  
Debaixo dos teus tectos, com a moça  
Que furtou ao senhor o teu Riberio !  
Tu também já batucas sobre a sóla  
Da formosa Comadre, quando o pede  
A borracha função do *santo* Entrudo !

Ah ! que isto sendo pouco, é muito e muito !  
Que os exemplos dos Chefes logo correm,  
E correm muito mais, quando fomentão  
Aquelles vicios a que os genios puxão.

O tempo, Dorotheo, voando, fuge ;  
E nunca os de Palacio imaginarão  
Que tão veloz fugia, como agora.  
Acaba-se a funcção, e chega o dia ;  
Vem abrir as janellas um criado,  
E o Chefe lhe pergunta que algasarra  
Fizerão os mais servos toda noite,  
Que o não deixou dormir um breve instante;  
O criado, que sabe que o bom Chefe  
Só quer que lhe confessem a verdade,  
O successo lhe conta desta sorte:  
« Fizemos esta noite um tal batuque !  
« Na cêa todos nós nos alegrámos :  
« Entrou nelle a mulher do teu lacaio :  
« Um só, senhor, não houve que, lascivo,  
« Com ella não brincasse ; todos elles  
« De bebados que estavam, não pudérão  
« O intento conseguir ; Só eu mais forte.... »  
Apenas isto diz o vil criado,

O chefe as costas vira, e lhe responde,  
Soltando um grande riso: « fôra fracos ! »

Já disse, Dorotheo, que as mocetonas  
Só entrão em Palacio, quando estende  
A noite sobre a terra a negra capa ;  
Que a formosa virtude da cautela  
Até parece bem naquelle mesmo,  
A quem a profissão lhe não exige  
Que viva recatado, como vivem  
As moças, que inda querem ser donzellas.  
Agora, Dorotheo, julgar já podes  
Que sahem de Palacio muito cedo.  
Assim é, Dorotheo ; as donzellinhas  
Pela porta travessa vão sahindo,  
Mal tocão as garridas á primeira.  
Mas a bella Rosinha fica, e dorme  
Nos braços de Matusio a madrugada ;  
Só sahe de dia claro, e o grande Chefe  
Lhe atira uma pedrinha da janella,  
Só para que lhe dê um ar de graça !  
Que grande estimação, Rosica bella !  
Aqui se mostra bem, que as outras moças  
Não trazem, como trazes, lucro á casa.

Não ha, prezado Amigo, quem não queira  
Mostrar-se liberal com sua dama.  
Para dar-lhe o vestido, mais a capa,  
O manto, a saia, a meia, a fita, o pente,  
Tira o pobre de si, e dextro furta  
O peralta rapaz ao pai jarreta.  
Eu mesmo, Dorotheo, que fui dos Santos,  
Que em Salamanca andarão, (\*) umas vezes  
Doenças affectava, outras fingia  
Necessitar de livros, ou de um traste  
Para mandar de mimo a certo Lente.  
Maldita sejas tu, harpia Olaya,  
Que enquanto não abria a minha bolsa,  
Não mostravas tambem alegre os dentes !  
Esta paixão, Amigo, que nos vence,  
Nos proprios animaes tambem se observa :  
Esgravatão os gallos sobre a terra,

(\*) Por este verso vê-se que o autor era formado (naturalmente) em Direito ; o que mesmo se depreheende de outros versos em que o Poeta mostra conhecimentos juridicos. Infelizmente, para o caso, todos os tres poetas mencionados na Introducção erão formados pela Universidade de Coimbra, A. Peixoto em Canones e os outros dous em Leis ; con-vindo notar-se que A. Peixoto exerceo os lugares da magistratura. Vide os *Varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, por J. M. P. S.

E mal topão o grão ou a migalha,  
Contentes cacarejão, porque a moça  
Se vá utilizar do seu trabalho ;  
O nosso illustre Chefe, que se julga  
De mui diversa massa do que somos,  
Neste ponto, também, também conhece  
Que está sujeito á miseria d'homem.

Nas obras, doce Amigo, da Cadêa  
Trabalhão jornaleiros por salario:  
Aquelles, que carregão cal e pedra,  
Só ganhão por semana meia oitava;  
Aquelles, que trabalham de canteiro,  
Ao menos ganhão cada dia um quarto.  
Tem pois certa mocinha quatro negros,  
Que apenas são serventes ; mas o Chefe  
Ordena que, na fêria, se lhes pague  
A quarto os seus jornaes, e creio, Amigo,  
Que ainda não consente se descontem  
Os muitos dias que nas obras faltão.

As casas, onde mora esta madama,  
Ainda não estavam acabadas ;  
Agora já de longe a cal alveja ;

Quem entra dentro dellas já recrea  
Os olhos nas pinturas das paredes,  
E tecto apainelado, a quem um dia  
Suppria, Dorotheo, a grossa esteira.  
Não quiz o nosso Heróe, chamasse a moça  
Para mestre das obras um pedreiro,  
Entregou o concerto ao grão Tenente,  
Que o fez bem baratinho, c'o maçame  
Que pertencia ás obras da Cadêa.

Entende Fanfarrão que não devia  
Deixar ao desamparo a sua dama ;  
Que a Lei da Igreja pede que amparemos  
As que por nossa culpa se perdêrão,  
E a Lei da fidalguia, que professa  
O nosso Chefe, manda que elle ampare  
Ás mesmas, que na fama já tem nota,  
Comtanto que isto seja á custa alheia.  
Chama pois o bom Chefe a um peralta,  
Que era cabo de esquadra, e lhe commette  
A gloria de casar com uma dama,  
Que se não fez descer dos céos á terra  
Ao supremo Tonante, fez comtudo  
Humanisar um Chefe, que descende

Da mais distincta, mais soberba raça.  
Que subita alegria banha o rosto  
Deste innocente Cabo ! Nos seus olhos  
As lagrimas rebentão, e os seus beijos  
Formar não podem uma só palavra.  
A dita, Dorotheo é muito grande.  
Que fortuna não é casar um pobre  
Com a rica viuva de um fidalgo ?  
Chamar ao fidalguinho, que elle deixa,  
Ou enteado ou filho ? Aparentar-se  
Com todos os magnates desta terra,  
Em grão tão conhecido e tão chegado ?  
Esta grande ventura, doce Amigo,  
Para todos não é. O negro demo  
A guarda para premio dos serviços  
Dos Chefes principaes dos seus bandalhos.

Mas ah ! presado Amigo, que o bom Chefe  
Já manda aparelhar as magras bestas,  
Que tem de conduzir-lhe o pobre fato  
Que trouxe lá da Côte, e se o casquilho  
Não chega a receber a cara esposa,  
Primeiro que elle no governo morra,  
Bem pode ser, Amigo, se arrependa,

E que depois de ter cingido a banda,  
E empunhado o bastão, lhe pregue o mono. .  
Faltarão às promessas outros homens,  
Que de honrados nos dêrão muitas provas ;  
Como faltar não pode ao seu ajuste  
Um fraco coração, uma alma indigna  
Que, por tão baixo preço, a honra vende ?  
Cautela e mais cautela ; sim, o Chefe  
Não saberá mandar armadas tropas,  
Nem saberá reger as cultas gentes ,  
Mas, para o não lograrem, sabe astuto  
Dar todas as cadimes providencias.  
Escreve ao velho Bispo, e lhe supplica  
Que em todos os tres banhos o dispense ;  
Não expende razão, que justa seja ;  
Porém o velho Bispo tem bom genio,  
E em todos os proclamas o dispensa ;  
Que elle tem grandes letras, e bem sabe,  
Que os Canones da Igreja não pensarão  
Da especie singular de quando um Chefe  
Quer á pressa casar a sua amasia.  
Ah ! se elle estas desordens não fizéra,  
Não daria motivo a ser cantado  
Por sábia, occulta Musa em um Poema !

Agora inquirirás, prezado Amigo,  
Se é este sabio Bispo aquelle mesmo,  
Que o bruto Fanfarrão, em certo dia,  
Metteu na sua sege ao lado esquerdo?  
É este, sim, senhor, o mesmo Bispo,  
A quem o nosso Chefe desalmado,  
Emquanto governou a nossa Chile,  
Já dentro de Palacio, e já na rua,  
Tratou, como quem trata um vil podengo.  
De novo inquirirás : « então um Chefe,  
« Que trata dessa sorte ao seu Prelado,  
« Atreve-se a pedir-lhe que lhe faça  
« Dispensa em uma Lei, a beneficio  
« Da sua torpe amasia? » Eu, doce Amigo,  
Ainda duvidára, se pedira,  
Me dêsse absolvição dos meus peccados,  
Ao vêr-me para dar a Deos minha alma.  
O mesmo, Dorotheo, tambem fizeras ;  
Mas tu, prezado Amigo, não conheces  
O systema que tem tão vil canalha.  
Uma mui grande parte destes Chefes  
Assenta em procurar seu interesse  
Por todos os caminhos, e acredita,  
Que o brio e pundonor, que nós prezamos,

c. c.

13

São umas vãs phantasmas, que só devem  
Honrar de simples voz aquelles homens,  
Que vêm de uma distincta e velha raça.  
Para estes a nobreza está nos termos  
Do sordido monturo, em que se deita  
Quanta immundice tem as velhas casas.  
Ditoso de quem vive neste mundo  
No estado de vêr rir os outros homens  
Das suas vis acções, sem que lhe suba  
Um vermelho signal de pejo á cara !  
Mas ah ! meu doce amigo, quanto, quanto  
Se engañão estes monstros, que a nobreza  
É um vestido branco, aonde logo  
Aos olhos apparece a leve mancha !

Já chega, Dorotheo, o alegre dia,  
O dia venturoso do noivado :  
Entra no santo Templo a linda esposa  
Coberta toda de umas novas graças.  
Os seus louros cabellos não fluctuão  
Levados pelo vento a toda a parte,  
Em tranças se dividem, e se prendem  
No pente, a quem esconde um branco laço ;  
Nos cabellos da frente resplandecem

Das pedras de mais custo os fogos vários ;  
A sua têsta iguala a pura neve,  
E são da côr da rosa as suas faces ;  
São pérolas mimosas os seus dentes,  
As gengivas rubins, e os grossos beijos  
Estão cobertos dos cheirosos cravos.  
Talvez, talvez não fosse tão formosa  
A mesma, que obrigou ao forte Achilles,  
A que terno vestisse a molle saia.

Neste sagrado Templo não se adora  
A Imagem de Hymeneo ; aqui os noivos  
Para prova da fé, que eterna dura,  
Não recebem na mão accesa tocha.  
Ministro do Senhor é quem os prende,  
Cobrindo as castas mãos, com que se enlaça  
C'o a branca ponta da pendente estóla.  
Aqui lascivas Graças, nús Amores,  
Não cercão os consortes, nem manêão,  
Em torno dos altares e das pyras,  
Os vistosos festões de lindas flôres.  
Aqui, aqui só entrão as virtudes,  
A candida Modestia, a Innocencia,  
A santa Honestidade e a Vergonha.

São estas, e não outras, as que correm  
A receber á porta do Edifício  
Os sinceros amantes ; sim, são estas,  
São estas, e não outras, as que espalhão  
Debaixo dos seus pés cheirosas folhas,  
E as que fazem queimar sobre os braseiros  
O incenso devoto e os mais aromas.

Recebem estes Genios aos dous noivos,  
E ao Ministro do altar os apresentão.  
Ah ! formosa Marilia, agora, agora  
Se augmentão tuas graças ; pois te aviva  
A côr da linda face um novo pejo !  
Com que custo não dás a mão nevada  
Ao teu amado Adonis, que a recebe,  
Como quem lucra nella o seu thesouro ! (\*)

Já não veste Jelonio a grossa farda  
Com divisas de lã, e sobre a testa  
Não põe a barretina, que enfeita  
Com armas e botões de grosso estanho.  
Já não cinge as corréas amarellas,  
Nem carrega na cinta o peso enorme

(\*) Veja-se o que dissémos, em nota, á pag. 181.

Dos ferreos côpos da comprida espada.  
Jelonio se mudou, Jelonio é outro.  
Já brilhão nos canhões os alamares  
Das finas lentejoulas, e nos hombros  
Já brilhão as dragonas enfeitadas  
C'os grandes cachos das lustrosas flores.  
Jelonio se mudou, Jelonio é outro.  
A veste de setim já resplandece  
Orlada c'o galão de fina prata,  
E por cima da veste, já se enrola  
Na cintura a vermelha e rica banda.  
Jelonio se mudou, Jelonio é outro.  
Como está bello ! Como está casquilho !  
Concerta do babado a fina renda,  
Olha uma e outra vez os alamares,  
Endireita a cuculla, estende a perna,  
Não consente um só fio sobre a farda,  
Levanta o pescocinho, morde os beiços,  
E o seu cabello com a mão afaga.  
Jelonio se namora de si mesmo,  
Ainda, ainda mais que o terno Adonis,  
Quando viu o seu rosto dentro d'agua.  
Jelonio se mudou, Jelonio é outro.  
Então os militares que o rodêão,

Amado Dorotheo, risonhos mofão :  
Um pisa com o pé nos pés vizinhos ,  
Puxa outro pelas pontas das fardetas  
Aos Amigos chegados, este acena  
C'os olhos e cabeça aos companheiros  
Que lhe ficão defronte, aquelle tapa,  
Fingindo que tem tosse, a alegre boca,  
Qual foge da presença... mas que vejo !  
Tu, Dorotheo, carregas sobre os olhos  
As grossas sobrancelhas ? ! Tu enrugas  
A testa levantada ? Tu inflammas  
As faces já desfeitas e suspiras ?  
Acaso tu presumes que eu murmuro  
Do facto de casar o nosso Chefe  
A sua terna amasia ? Não, amigo;  
Eu conheço tambem aonde chegão  
Os deveres de quem nasceo fidalgo ;  
Obrou o nosso Chefe o que eu faria.  
Murmuro, Dorotheo, mas é do dote ;  
Do dote, sim do dote. Dize, a banda,  
O castão de coquilho, as mais insignias,  
São dotes que se dêem a um soldado,  
Porque servio ao Chefe, em receber-lhe,  
Sem vergonha do mundo, a sua amiga ?

Não achas insolencia, e desaforo  
Vêr os Portas-bandeiras, os Cadetes,  
E os Furrieis já velhos preteridos,  
Só para premiar-se com o posto,  
Que por Lei lhes pertence, um torpe crime ?  
São estes, Dorotheo, os grandes cabos,  
De quem a triste Patria fiar deve  
A sua salvação ? São estes ? Dize....  
Agora já te calas; pois não tornes  
A mostrar-me outra vez o gesto irado;  
Que um dia heide enfadar-me, e se me enfadas,  
Ainda que me peças de joelhos,  
Não has de receber da minha penna  
Em verso, ou prosa mais uma só carta.

## CARTA 12.º

Aquelle que se jacta de fidalgo,  
Não cessa de contar progenitores  
Da raça dos Suevos, mais dos Godos.  
O valente soldado gasta o dia  
Em fallar das batalhas, e nos mostra  
Das feridas, que présa, cheio o corpo ;  
O louco namorado não descança  
Emquanto tem quem ouça as aventuras,  
Que fez com as madamas, mais senhoras,  
Benzendo-se mil vezes, quando chega  
Aos lances apertados de ser visto  
Dos maridos, dos pais e dos parentes,  
Em que só por milagre não foi morto.  
Assim, assim tambem o teu Critillo,  
Não cança de escrever-te, emquanto encontra  
De tolo Fanfarrão, do indigno Chefe,  
Estranhas bandalhices que te conte.  
Ah ! soffre, Amigo, que te gaste o tempo,  
Pois conter-se não pôde, bem que queira,  
Que a força da paixão assopra a chamma,  
A chamma activa do picante genio.

Já sabes, Dorotheo, aonde chega  
Do nosso Fanfarrão a bizzarria,  
Em premiar serviços de uma dama.  
Agora nesta carta vou mostrar-te,  
Até aonde chegão as grandezas  
Que fez com os marotos, porque tenhas  
Do seu fidalgo genio noção clara.

Qual negra tempestade que carrega  
As nuvens de cupins e de formigas,  
Que crião com as chuvas longas azas :  
Assim o nosso Chefe traz comsigo  
Arribação infame de bandalhos  
Que gérão também azas, com a muita  
Nociva audacia que lhes dá seu amo.  
Na corja dos marotos apparece  
Um magriço mulato, a quem o Chefe  
Por occultas razões estima e préza.  
Talvez que n'outro tempo lhe levasse  
Os miudos papeis ás suas damas ;  
Occupação distincta que já teve  
Um famoso Mercurio, que comia  
Sentado á mesa dos mais altos deoses.  
Deseja o nosso Chefe que este lucre

Quatrocentas oitavas pelo menos,  
E, para que não saião do seu bolso,  
Descobre esta feliz e nova idéa :  
Dispõe dos bens alheios como proprios ;  
No publico theatro de Lupesio  
Ordena, Dorotheo, se represente  
Uma vista comedia, porque fiquem  
Para o velho mulato os lucros d'ella.  
Ordena ainda mais, que o seu Roberio  
Os boletos reparta pelas damas,  
Pelos contractadores opulentos,  
E por quantos casquilhos os quizerem  
Pagar ao menos por dobrado preço.  
Roberio assim o faz : suppõe, coitado,  
Que prometteu pedir alguma Missa,  
E, junto c'o mulato, vai entrando  
Em uma e outra casa, aonde deixa  
Ou sellado papel para a platéa,  
Ou com taboa pendente a velha chave.  
Ah ! nota, Dorotheo, que acção tão feia !  
Aquelle bruto Chefe, que não paga  
Às pessoas mais nobres o cortejo,  
Se quer por um criado, agora manda  
Que o seu proprio Roberio, o seu bom aio,

Ande de porta em porta, qual mendigo,  
Pedindo para um bóde a benta esmola !  
Então, Amigo, a quem ? a quem ? aos mesmos,  
Que tem desfeitoado muitas vezes,  
E ás pobres, que é mais, ás pobres moças,  
Que hão de ganhar, á custa do seu corpo,  
Com que possam pagar deste convite  
Um tão avantajado, indigno preço.  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sôbre este Leso !

Chegou-se, Dorotheo, a noite alegre  
Destinada á funcção, e o vil Roberio  
Dá nova prova de fervor e zelo :  
Vai-se pôr com o traste do mulato  
Na porta da platéa, e quando acaba  
A primeira jornada, tambem corre  
Os cheios camarotes ; fina idéa !  
Para vêr se os tolinhos assim largão,  
Na copa do chapéo, que a esmôla apanha,  
Embrulhos de mais peso ! Ah doce Amigo,  
Quem bandalho nascen, inda que suba  
Ao posto de Major, morreu bandalho ;  
Que o tronco, se dá fructo azedo ou doce,

Procede da semente, e qualidade  
Da negra terra, em que foi gerado.

Servia-se este Chefe de um lacaio,  
E por não lhe pagar salario certo,  
Deu neste ardil tambem : quando hia ás festas,  
Lhe dava o seu brandão, e as mais pessoas,  
Que estavam na tribuna por obsequio,  
Lhe davão as compridas, grossas vélas ;  
Se dava algum despacho, de que vinha  
Proveito á parte rica, lh'o entregava ;  
Porque fosse ganhar o grande premio,  
Com que os nescios servidos o brindavão.  
Nas vespervas, Amigo, da partida  
Tratou de lhe fazer maior a safra :  
Passou attestações a todo o mundo,  
E, sem saber se o mundo lh'as queria,  
Mandou ao mesmo servo as entregasse,  
E os premios do trabalho recolhesse !  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sôbre este Leso !

Havia, Dorotheo... mas não gastemos  
O tempo em referir mais bandalhices

Da mesma natureza ; refiramos  
Outras que sejam de diversa classe.  
Não quero, Dorotheo, que o justo tédio  
Que infunde a semelhança, te duplique  
O tédio que produz a minha phrase.

Fizerão os devotos de uma Imagem  
Da festa protector ao grande Chefe ;  
Aceita o Fanfarrão do cargo a honra,  
E medita fazer um grão festejo :  
Ordena aos cavalleiros, que vierão  
Correr as argolinhas, em obsequio  
Do ditoso Consorcio dos Infantes,  
Que esperem nesta terra á sua custa,  
E que nos dias da funcção repitão  
Os feitos jogos com o mesmo lustre.  
Manda que o grande curro, que o Senado  
Fez levantar na praia, permaneça,  
E venhão os boizinhos, que, por serem  
Mais bravos do que os outros, se guardarão,  
Mal rapavão no chão, e mal corrião  
Atrás do máo capinha no terreiro.  
Eis-aqui, eis-aqui, Amigo, o como  
Se fazem cousas grandes sem despeza.

Manda mais o bom Chefe que se aluguem  
Os palanques a quatro oitavas d'ouro,  
Para que se comprasse um patrimonio  
Á Sacro-Santa Imagem deste lucro.  
Que sábias intenções, que fins tão santos !  
Celebrão-se os festins, e não escapa  
Um camarote só que não se alugue ;  
Mas deste rendimento não se sabe,  
Que a compra se metten de todo á bulha.

Não penses, Dorotheo, que o nosso Chefe  
Comeu este dinheiro. Longe, longe  
De nós este tão baixo pensamento.  
Indo já no caminho o seu Matusio  
Passou sobre Marquesio certa Letra,  
Para que se pagasse ao Santo Christo.  
Agora considera se este facto  
Não mostra que elle zéla a consciencia.  
Agora inquirirás se o tal Marquesio  
Poz na sacada Letra o seu « aceito » ?  
Não pôz, não pôz, Amigo, porque disse  
Que deste passador não tinha effeitos ;  
Porém o bom Matusio, mais seu amo,  
Levão as consciencias descancadas ;

Pois não devem suppôr, pelo costume,  
Que a Letra não pagasse o mão Rendeiro.  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este Leso !

Roubou um seu criado a certa escrava,  
E dentro lh'a mettem do seu palacio ;  
Conheceu o senhor quem fez o furto,  
E foi pedir ao Chefe que mandasse  
Que o terno roubador restituísse  
A serva com os lucros, pois cedia  
De toda a mais acção, que a Lei lhe dava.  
Que entendes, Dorotheo, que obrou o Chefe?  
Que fez um serio exame sobre o caso?  
Que conhecendo ser a queixa justa,  
Mettem em duros ferros ao criado?  
Que não lhe perdoou, enquanto o mesmo  
Offendido queixoso não lhe veio  
Supplicar o perdão da culpa grave?  
Devias esperar, que assim fizesse ;  
Mas, quando a razão pede certa cousa,  
Elle então executa o seu contrario.  
Não zela, Dorotheo, a sã justiça,  
Nem zela a honra propria maculada

Na sua habitação, que o servo muda  
Em torpe lupanario. Não, não zela ;  
Antes, prezado Amigo, austero estranha  
Ao misero queixoso, que se atreva  
A suppôr que os seus servos são capazes  
De poderem obrar excessos destes.  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este Leso !

Passados alguns tempos, Ludovino  
Encontrou uma noite a sua escrava,  
E á casa conduzio do bom Saonio,  
Aonde em hospedagem se abrigava.  
Aqui lhe perguntou a longa historia  
Da fugida que fez, e a triste serva,  
Com animo sincero assim lhe falla :  
« Riberio me induzio a que fugisse,  
« Metteo-me no seu quarto, aonde estive  
« Fechada muitos dias. Alugou-me  
« Depois uma casinha ; aqui me dava  
« Dos sobejos da mesa de seu amo,  
« Para eu alimentar a pobre vida ;  
« Tive delle dous filhos ; o demonio  
« Enganou-me, senhor, cuidêi... » E nisto

Queria mais dizer ; porém de pejo  
As lagrimas lhe estalão, e se cortão  
As ultimas palavras com suspiros.  
Agora dirás tú, Amigo honrado :  
« Agora, agora sim, agora é tempo,  
« Insolente Riberio, de nós vermos  
« Para exemplo dos mais o teu castigo :  
« Os soldados já marchão ; já te prendem ;  
« Já vens maniatado ; já te mettem  
« Na sordida enxovia ; já te encaixão  
« No pescoço a corrente, e vais marchando  
« Com rosto baixo a vêr Angola ou India. »  
De vagar, de vagar com essas cousas :  
Os servos do Palacio são os Duques  
Do nosso Sant'Iago, e não se prendem  
Por essas, nem por outras ninharias.  
Atrevidos soldados já se apromptão,  
Mas não para prenderem a Riberio,  
Sim para conduzirem entre as armas  
Ao pobre Ludovino e á sua serva,  
Que já buscando vão á sua casa,  
Que dista desta terra muitas leguas.  
É o mesmo Riberio quem caminha  
A fazer, Dorotheo, a diligencia,

Cobrindo a testa da insolente esquadra.  
Já viste, Dorotheo, insultos destes?  
Já viste que pertenda um homem serio  
Que, à força, um bom senhor de si demitta  
A escrava deshonestas, porque possa  
Ficar na mancebia? Já, já viste  
Que se mande prender ao ultrajado  
Pelo mesmo ladrão? ! Ah! caro Amigo,  
Que destas insolencias que te conto  
Apenas pôde vêr quem mora em Chile!  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este Leso!

Ha nesta grande terra um homem sabio,  
E o unico formado em medicina :  
A este bom Doutor estimão todos  
Por sua profissão, por seus talentos,  
Por seu affavel modo, e mais que tudo,  
Pelas muitas virtudes que respira.  
Curava o nosso sabio a certo enfermo,  
E, vendo a vária febre e os mais symptomas,  
Ordena que elle tome um cópo d'agua,  
A que dá de Inglâterra o povo o nome.  
Manda-lhe o boticario uma botelha,

Que já servido tinha; o sabio attento  
A que ella poderia ter perdido  
A força natural, a não approva,  
E passa a receitar outro composto,  
Que possa produzir o mesmo effeito.  
Chorando o boticario sôbe ao Chefe,  
E diz-lhe que o Doutor a regeitára,  
Por ser seu inimigo, e, desta sorte,  
Tirar-lhe da botica o bom conceito.  
Manda o Chefe chamar aos boticarios,  
E manda que examinem a garrafa:  
Concordão os doutores que não tinha  
Ainda corrupção; talvez por verem  
Que ainda conservava algum amargo.  
Então, então o Chefe enfurecido  
Ordena ao Ajudante que alli mesmo  
Avisse ao professor que elle tem ferros,  
Cadêas e galês com que reprima,  
Se nelles proseguir, os seus excessos.  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este Leso!

Pensava, Dorotheo, que o nosso Chefe  
Passasse á insolencia, que refiro,

De insultar, por amor de um vil mulato,  
Um velho professor tão bem aceito,  
Um velho professor, além de sabio,  
Na terra singular no seu officio?  
Não, meu prezado Amigo, não pensavas ;  
Pois quero, Dorotheo, dizer-te a causa.  
Esta grave ameaça e grave insulto  
Foi feita em tom de paga, porque o lóde  
Curava cuidadoso ao proprio Chefe  
De mal occulto, que a modestia cala.  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este Leso !

Ah ! dize, Dorotheo, porque motivo  
O pae de Fanfarrão o não pôz antes  
Na loja de algum hábil sapateiro,  
C'os moços aprendizes deste officio ?  
Agora dirás tu : « Nasceu fidalgo,  
« E as grandes personagens não se occupão  
« Em baixos exercicios. » Nada dizes.  
Tonante, Dorotheo, é pai dos deoses :  
Nasceu-lhe o seu Vulcano e nasceu feio.  
Mal o bom pai o vio, pregou-lhe um couce  
Que o pôz do Olympo fóra ; e o pobre moço  
Foi abrir uma tenda de ferreiro.

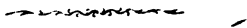
## CARTA 13.

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

Ainda, caro Amigo, ainda existem  
Os vestigios dos Templos sumptuosos  
Que a mão religiosa do bom Numa  
Ergueu a Marte, e levantou a Jano.  
Ainda, ainda lêmos que elegêra  
Para estas divindades sacerdotes,  
E que muitas donzellas consagrara,  
Afim de conservar-se acceso o fogo  
Em o templo de Vesta sobre as aras.  
Tambem, tambem sabemos que este sabio,  
Para ter mais conceito entre o seu povo,  
Fingio que a Ninfa Egeria, sendo noite,  
Vinha fallar com elle, e que benigna  
A fôrma do governo lhe inspirava.  
O mesmo fez Sertorio, que dizia

Que nada executava, que não fosse  
Ensinado por uma branca cerva,  
Que a deosa caçadôra lhe mandára.  
Mafoma, o vil Mafoma, astuto segue  
Tambem este systema : ao seu ouvido  
Acostuma a chegar-se a mansa pomba.  
A nação ignorante se convence  
De que este seu propheta conhecia  
Os segredos do céu, por este meio.  
Não ha, meu Dorotheo, não ha um Chefe,  
Bem que perverso seja, que não finja  
Pela Religião um justo zelo,  
E quando não o faça por virtude,  
Sempre ao menos o mostra por systema.

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .



## EPILOGO

O livro que ora publicamos merece, por certo, alguma attenção dos litteratos e dos amadores da historia patria e da historia da liberdade brasileira : dos litteratos, porque sem duvida tem elle muitas bellezas de metrificação, muita causticidade epigrammatica, pensamentos nobres e elevados, e é o primeiro poema satyrico escripto por Brasileiro ; dos amadores da historia patria e da historia da liberdade brasileira, porque esta producção litteraria é um documento precioso para os annaes do Imperio, e thesouro fertilissimo de factos praticados por um governador *modelo*, que provocou uma memoravel, mas abortada revolução, prodromo muito significativo do

movimento liberal que 33 annos mais tarde nos outorgou a independencia e fundou a unica monarchia americana; o terceiro imperio do mundo pela extensão do territorio, e pela grandeza dos destinos que sua natureza uberrima diagnostica aos seus naturaes, e áquelles que comosco lanção os solidos fundamentos de seu auspicioso porvir.

Na *Synopsis da Historia do Brasil*, do Sr. Abreu e Lima, á pagina 262 lê-se o seguinte :  
« Sendo Luiz da Cunha de Menezes governador de Minas Geraes, teve aviso em 1786 (época, na opinião do Sr. Varnhagen, em que foi escripto o Poema\*) de que se tramava uma conspiração com o fito de declarar independente aquella provincia, á imitação da America Ingleza. Tão chimerico intento não mereceu a attenção do governador, e os revolucionarios

(\*) Esta opinião do Sr. Varnhagen parece, entretanto, ser erronea ; vejão-se ás pag. 193 e 204 os versos 7º e 18º, d'onde se deprehende que o Poema foi escripto posteriormente á sahida do Governador Menezes, ou só concluido depois.

tiverão tempo de alliciar novos socios nas diferentes povoações de Minas.

« Com a chegada de outro capitão-general, o Visconde de Barbacena, em 1788, por ocasião da cobrança do imposto (quinto) do ouro, que tinha ficado em consideravel atrazo, quizerão os conjurados romper na revolta, mas considerando então que a sua posição no interior do paiz lhes era desfavoravel, enviárão ao Rio de Janeiro um dos socios, Joaquim José da Silva Xavier, denominado o *Tiradentes*, com o fim de grangear partido nesta cidade, etc. »

Do que se conclue que a cobrança do quinto do ouro não foi senão uma causa occasional, ou, quando muito, apenas mais um combustivel lançado na fogueira revolucionaria, prestes a ser ateada pela opinião publica revoltada, ou antes pela longa serie de desatinos e arbitrariedades do despotico Fanfarrão Minezio, no dizer temeroso do Poeta.

A revolução, pois, que arrebentou nas mãos do Visconde de Barbacena já estava ha longo

tempo urdida, e preparada para fazer explosão durante a *gloriosa e sabia* governação do *in-clyto* governador Luiz da Cunha de Menezes. A elle cabe portanto toda a responsabilidade daquelle *pronunciamiento*, como dizem os nossos vizinhos do Sul.

O poema que ora vem a lume é assim um verdadeiro, posto que naturalmente incompleto, libello accusatorio contra o governador ; e, se para muitos não é, ou não será, uma justificação plena da revolução e dos revolucionarios, explica aquella sufficientemente e livra estes inteiramente de qualquer pécha, que por ventura possa desairal-os ante a razão calma do mais pacifico cidadão.

Entretanto, á vista dos factos apontados e commentados pelo Poeta e de outros que se deve suppôr existentes, vista a difficuldade de contar-se em verso todos os desvarios de um Verres ou de um Pisão \*, não esquecendo que o manuscripto que servio de base para esta

\* O Poeta mesmo assim o declara á pag. 140, verso 20º.

publicação é incompleto, tomamos a liberdade de dizer, .que justos motivos tiverão aquellos Brasileiros que, em 1789, arvorarão na provincia de Minas Geraes o estandarte da revolução e lançarão o primeiro grito de independencia \* ouvido pelo enorme gigante de granito que se estende do Oyapok ao Jaguarão!! D'ora em diante pois, visto que só agora apparece o Poema com todos os seus cantos (posto que ainda incompletos) fica sendo esta peça litteraria uma peça politica de valor, e inseparavel da historia daquella época memoravel.

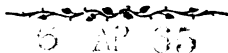
Queirão os *competentes* tirar deste volume toda a seiva, que tem, em beneficio da verdade historica, e em beneficio das biographias dos coryphêos da celebrada *Inconfidencia mineira*.

\* Não podemos considerar tal a sedição de 1720 havida em Minas Geraes durante o governo de D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, porque então deveríamos rememorar outras havidas em diversos pontos do Brasil em épocas anteriores ; e assim ousamos pensar, sem embargo da opinião, em contrario, do Sr. Dr. Couto de Magalhães.

Antes de concluirmos, seja-nos permittido fazer a seguinte declaração: um Brasileiro altamente illustrado, cujo nome é uma gloria e uma honra para a sciencia e para a litteratura no Brasil, o Sr. Doutor Joaquim Caetano da Silva, amigo intimo do Sr. Varnhagen, nos avisou que muito provavelmente houve erro de impressão na introdução do Florilegio do Sr. Varnhagen, onde vem a palavra *nove* antes de *epistolas*, porque muito naturalmente o distincto litterato brasileiro, a que alludimos, não conhecia senão as *sete* Cartas publicadas em 1845.

Por ultimo, só temos a pedir aos leitores benevolencia para o autor da Introducção, das notas e do Epilogo.

L. F. DA VEIGA.



# INDICE

---

Introducção. . . . .	Pag. 5
Epistola a Critillo. . . . .	21
Prologo. . . . .	33
Carta 1ª . . . . .	35
Carta 2ª . . . . .	49
Carta 3ª . . . . .	63
Carta 4ª . . . . .	77
Carta 5ª . . . . .	93
Carta 6ª . . . . .	108
Carta 7ª . . . . .	127
Carta 8ª . . . . .	132
Carta 9ª . . . . .	148
Carta 10ª . . . . .	166
Carta 11ª . . . . .	180
Carta 12ª . . . . .	200
Carta 13ª . . . . .	213
Epilogo. . . . .	215

---

Rio de Janeiro, 1863. — Typ. Universal de LAEMMERT,  
Rua dos Invalidos, 61 B.



## Errata.

À pag. 25, verso ultimo, onde diz —*nosso hyeoso*, lêa-se —*hoje os nossos*.

À pag. 200—depois de *longa historia*, onde diz: *fugida que fez*—lêa-se—*Da fugida que fez*.

Os outros erros, quasi todos de pontuação, serão facilmente rectificados pelo leitor.



6 AP 65





